Tendências para a filantropia: um olhar para o futuro

Filantropando

Oxigenando boas ações



Tendências para a filantropia: um olhar para o futuro

Filantropando

Oxigenando boas ações

Parceria:

BEJA INSTITUTO

OXYGEN

Tendências para a filantropia : um olhar para o Futuro © 2023 by Instituto Beja e Oxygen is licensed under Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International

SUMÁRIO

Prefácio 7

Introdução 10

1. Giving 3.0: o novo perfil de filantropos e as novas formas de mobilizar capital 13
- Como os bilionários tech podem revolucionar a filantropia? 16
- Novas forças de mobilização de capital 17
- Novos veículos para mobilização de capital filantrópico 19

2. New kids on the block: a filantropia e as novas gerações 27
- As gerações de impacto: millennials e gen Z 29
- Next-gen e a filantropia de justiça social 36

3. A busca pelo impacto na filantropia 39
- Filantropia para transformações sistêmicas 41
- Filantropia de longo prazo e as doações estratégicas 43
- Filantropia responsiva x Filantropia estratégica 45
- Giving while living 46

4. Mensuração e avaliação na era da transparência e da colaboração 49
- 5 tendências em mensuração e avaliação 54
- Filantropia 3.0: dados, tecnologia e comunidade para mensurar resultados 60
- Os diferentes modelos de filantropia e financiamento 63

5. Tendências tecnológicas que podem impactar a filantropia 67
- A revolução do PIX 69
- As possibilidades trazidas pelo blockchain 70
- Finanças descentralizadas e a filantropia 72
- DAOs: colaboração amparada pela tecnologia 72
- A Token Economy e o Financiamento Baseado em Resultados 73
- Worldcoin: biometria da íris como identidade e ativo digital 75
- Financiamento para "Responsible AI" 76
- + Expectativas para o futuro da cripto filantropia 77

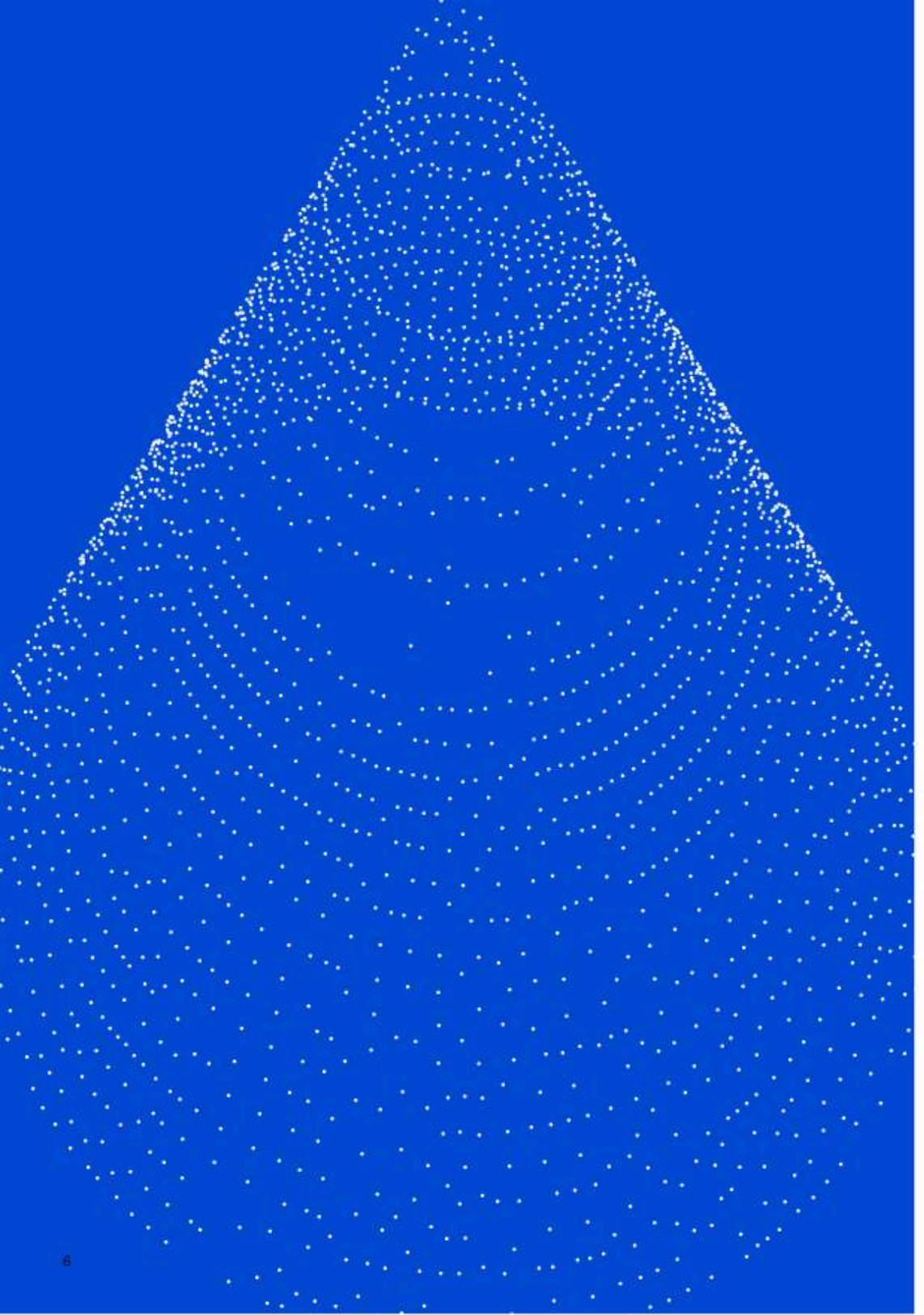
6. Advocacy além do óbvio: tendências, reflexões e novas perspectivas 79
- Como se envolver em advocacy 82
- Os milionários militantes 83
- Financiamento a nível estrutural 84
- Construir pontes e fomentar a colaboração 85
- Universidades como protagonistas 86
- Conteúdo como estratégia (in)direta de advocacy 88
- Advocacy para inspirar transformações em escala 89
- Escuta ativa e apoio a agentes de impacto 90
- 10 melhores práticas para apoiar advocacy 91

7. Comunicação e storytelling para aumentar engajamento e o impacto 93
- Novas narrativas para uma nova sociedade 97
- O poder das redes sociais para conectar e engajar 100
- Storytelling na mensuração e comunicação do impacto 104
- O potencial da colaboração entre a filantropia e o jornalismo 106

8. Novas causas competindo por recursos filantrópicos 111
- Emergência climática 113
- Biossegurança e preparação para novas pandemias 116
- Ameaça nuclear 116
- Rogue AI 117

9. Lifelong learning na filantropia: caminhos para oxigenar ideias filantrópicas 119
- Escolas, cursos e treinamentos 122
- Eventos 127
- Frameworks 130
- Knowledge hubs 133

Expediente 136



PREFÁCIO

"O dinheiro precisa ser usado de maneira eficiente, e cada um precisa achar seu 'efeito multiplicador'"

Por mais que o Instituto Beja – constituído em dezembro de 2021 – esteja apenas no início da sua jornada, a cultura de doação e a filantropia fazem parte da minha vida desde sempre...

Meus pais se conheceram em uma ação de doação de cobertores. Durante a minha infância, acompanhei minha família em várias ações sociais, incluindo em orfanatos. Meu saudoso marido, Pedro Alberto Fischer, era um homem generoso e preocupado com causas sociais, e não se conformava com a falta de dignidade humana conferida a inúmeros indivíduos, além de ser um protetor da natureza. Durante minha longa jornada corporativa, auxiliei diversos indivíduos a refletirem sobre a destinação de seus legados a causas filantrópicas.

Apesar de alguma bagagem acumulada, quando o Pedro faleceu, precisei materializar os nossos valores em um novo legado, mas algo que ele sempre falava não saía da minha cabeça: "o dinheiro precisa ser usado de maneira eficiente, e cada um precisa achar seu 'efeito multiplicador'".

Eu ainda não sabia o que podia ser um efeito multiplicador na filantropia, então passei a buscar formas variadas para descobrir essa resposta e, também, entender o setor e o meu potencial lugar nele.

Ocupei bancos universitários, conversei com filantropos experientes, descobri instituições que ajudam a organizar o setor filantrópico e conheci projetos e pessoas incríveis, verdadeiras mentoras. A cada dia que passava eu me sentia mais segura para fazer parte desse ecossistema. Mas a confiança vinha acompanhada de inúmeros riscos, e entender o risco do uso do capital filantrópico seria um primeiro grande passo.

Aos poucos, meu papel – e o do Instituto Beja – nesse universo tão importante para a promoção de mudanças sistêmicas fundamentais começou a ficar mais claro.

Além disso, outro ponto foi ficando cada vez mais claro: minha percepção de que era possível fazer filantropia de um jeito diferente, mais eficiente, organizado, visando

mais sustentabilidade, com métricas amparadas por relações de confiança, tocando em temas mais difíceis... um jeito mais colaborativo.

Especialmente em um país tão grande quanto o nosso, é impossível promover grandes transformações de maneira solitária. Precisamos unir forças e entender que se não lutarmos pela criação de políticas públicas ou novos modelos a partir de boas iniciativas transformadoras, não conseguiremos alcançar o território inteiro.

Ou seja, a minha visão e a do Instituto Beja para o futuro vai além da generosidade individual. Buscamos fomentar uma cultura de colaboração em que a filantropia seja pautada pela união de esforços, pelo respeito mútuo e pela busca por soluções inovadoras entre doadores, donatários, empreendedores sociais e governo.

Acredito que a filantropia não deve ser isolada em compartimentos estanques, deve unir diferentes forças e atores para criar um impacto abrangente e sustentável. A verdadeira mudança exige uma abordagem mais integrada.

OS PRIMEIROS FRUTOS E O QUE ESTAMOS PLANTANDO PARA O FUTURO

O movimento *Filantropando – Oxigenando boas ações* nasceu a partir dessas reflexões e experiências e do nosso interesse (meu e de todos que estão comigo no Instituto Beja) por aprender – principalmente mediante a escuta –, evoluir e compartilhar aprendizados.

Em abril deste ano, lançamos nossa primeira pesquisa sobre o setor no Brasil. Na carta que escrevi nesse documento, apresentado ao setor no nosso primeiro grande evento, eu afirmei: "Foi emocionante receber apoio de outros filantropos e parceiros do setor para esse 'laboratório' se materializar, e assim pretendemos, a partir daqui, praticar coletivamente novas ideias que possam promover a mudança sistêmica de que tanto precisamos".

Entendendo que é o movimento que nos leva adiante e cientes de que o futuro se constrói hoje, no dia seguinte ao evento começamos a plantar as sementes para o guia que você começa a ler agora. Nosso objetivo estava claro desde o início: queríamos produzir um guia para o futuro da filantropia, um mapa de tendências, inovações, ferramentas, perspectivas e utopias para o nosso setor.

Buscamos fomentar uma cultura de colaboração em que a filantropia seja pautada pela união de esforços, pelo respeito mútuo e pela busca por soluções inovadoras entre doadores, donatários, empreendedores sociais e governo.

Visando isso, convidamos um time multidisciplinar de estrategistas, curadores e jornalistas para buscar boas histórias e ideias do Brasil e do mundo, entrevistar agentes do setor filantrópico e transformar essa imersão em um material que não pretende trazer respostas definitivas, mas iluminar caminhos e inspirar a partir de pontos de vista de uma curadoria cuidadosa e de algumas das mentes mais influentes do mundo.

Entre julho e outubro de 2023, entrevistamos 22 pessoas, entre filantropos, empreendedores, agentes públicos, acadêmicos, consultores etc. Além disso, mergulhamos em dezenas de estudos, artigos, pesquisas e análises para trazer a você uma perspectiva sobre o que o zeitgeist atual nos revela sobre o setor filantrópico, sobre o mundo em que vivemos e sobre nosso papel para promover mudanças sistêmicas.

Muito do que lemos, vimos, ouvimos e debatemos segue ecoando, reverberando e nos levando a lugares inéditos e a planos maiores.

Espero que as mensagens de todas as pessoas generosas que toparam dividir com a gente suas experiências e ideias toquem você assim como nos tocaram. E que essa não seja apenas mais uma boa leitura, mas uma ferramenta para inspirar iniciativas inovadoras e colaborativas.

Acreditamos que a transformação social real é resultado do esforço coletivo. Por isso convidamos você a se juntar a nós nessa jornada, explorar novos horizontes, reimaginar o impacto e criar um futuro em que cada indivíduo possa alcançar seu pleno potencial.

Vem com a gente?

Com gratidão e entusiasmo,

BEJA INSTITUTO

Cristiane Sultani
Fundadora e Presidente
do Instituto Beja

INTRODUÇÃO

Quando a Cris nos encomendou um estudo de tendências na filantropia, não fazíamos ideia de que um novo mundo estava se abrindo para nós.

Como a Oxygen é um hub de conteúdo sobre inovação, estudar tendências em diversos setores é nosso dia a dia. No entanto, apesar de trazermos para nossos clientes muitas informações sobre várias das pautas que abordamos neste projeto, não somos especialistas no terceiro setor.

Hoje, sei que foi exatamente este olhar fresco, quase ingênuo, sobre a filantropia que a Cris buscava para este material. Ela nos pediu que usássemos nossa metodologia de mapeamento dos grandes movimentos do mundo a serviço deste mercado, que, segundo ela, estava precisando de um chacoalhão.

Nós aceitamos o desafio, montamos um time internacional e nos pusemos a desbravar mais um setor. Mas, logo no início, percebemos que esse trabalho seria um presente.

Mergulhar nesse universo reafirmou nossa crença de que o ser humano é bom e comprovou que há muita gente trabalhando para fazer do mundo um lugar melhor.

Conhecemos pessoas extremamente inspiradoras, a começar pelos times do Instituto Beja, do ICE e da Impactix, que foram nossos orientadores no projeto. Célia Cruz, Carla Duprat, Carol Aranha, Ciça Calmon, Tana Bassi e Graciela Selaimen – obrigada pela paciência e parceria em todos os momentos. Com vocês, aprendemos na prática um dos conceitos mais importantes para a Cris, o da filantropia colaborativa.

Ao longo dos últimos meses, tivemos a oportunidade de entrevistar quase vinte pessoas do Brasil e de outros países, entre líderes de organizações não governamentais, de fundações e de instituições globais; também jornalistas, especialistas e pensadores. Cada conversa abria novas avenidas de conhecimento, instigando nossa curiosidade e ampliando nosso repertório de iniciativas de impacto. Também lemos muitos artigos, relatórios e livros sobre filantropia, no intuito de entender o setor sob diferentes pontos de vista.

Mergulhar nesse universo reafirmou nossa crença de que o ser humano é bom e comprovou que há muita gente trabalhando para fazer do mundo um lugar melhor. Descobrimos que existem tecnologias para serem escaladas, programas para serem ampliados e boas soluções para serem compartilhadas. Vimos novos filantropos chegando nesse espaço, novos modelos de gestão, novos veículos de doação e até novas causas mobilizando a atenção de doadores.

O que não mudou foram os pilares que sustentam a filantropia: a empatia, a generosidade, a consciência coletiva, o senso de dever e o amor pela humanidade. Aprendemos que esses princípios norteadores seguem alimentando este grande ecossistema global de impacto e atraindo cada vez mais pessoas interessadas em contribuir para uma sociedade mais justa e um planeta mais sustentável.

Queria terminar agradecendo à Cris, em nome do time Oxygen, pela confiança e pela oportunidade que nos deu de fazer parte do Filantropando, este movimento inclusivo, inovador e incansável que ela constrói todos os dias com tanta dedicação.

OXYGEN

Andrea Janér
Fundadora e CEO da Oxygen

1.

Giving 3.0: o novo perfil de filantropos e as novas formas de mobilizar capital

Enquanto no passado a maioria dos ultrarricos (pessoas com um patrimônio líquido de US$ 30 milhões ou mais) vinha de mercados considerados tradicionais, como financeiro e manufatura, cada vez mais o grupo de pessoas com as maiores fortunas do mundo – e com mais disposição para realizar doações* – inclui também os chamados *magnatas da tecnologia***.

Esses magnatas da tecnologia ganham ainda mais destaque quando o assunto é a doação de suas fortunas.

Segundo análises do Chronicle of Philanthropy[3], dos US$ 33,4 bilhões doados pelos 50 maiores doadores dos Estados Unidos em 2021, cerca de três quartos vieram de multimilionários da tecnologia. Em 2023[4], os dois maiores doadores nos Estados Unidos são do setor de Tecnologia – Bill Gates e Elon Musk.

Mais do que representar um novo mercado, essa nova fortuna representa um novo perfil de super-ricos: mais jovens e inovadores.

Ainda que os setores bancário e financeiro sejam os maiores geradores de bilionários do mundo em todas as faixas etárias, quando se trata de ultrarricos com menos de 50 anos[5], o mercado tecnológico quase empata em segundo lugar.

1. *https://go.wealthx.com/ultra-high-net-worth-philanthropy-2022-pdf*

2. *https://www.forbes.com/sites/richardjchang/2023/04/09/the-path-to-billions-the-industries-with-the-most-billionaires-2023*

3. *https://www.economist.com/graphic-detail/2017/03/28/a-new-way-of-giving-is-changing-philanthropy*

4. *https://www.philanthropy.com/article/the-philanthropy-50*

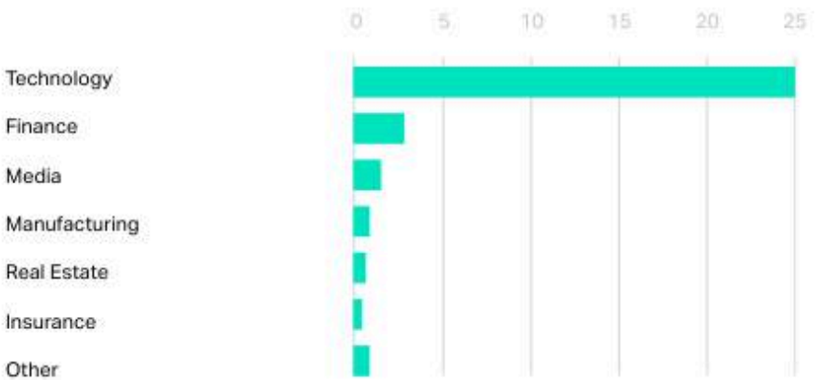
5. *https://www.statista.com/statistics/299333/billionaires-significant-industries/*

***Estimativas indicam que 36%[1] de todas as doações individuais globais sejam feitas por esses multimilionários e que a doação média seja de US$ 590 mil por indivíduo.**

****Atualmente, a Tecnologia é o terceiro setor que mais gera ultrarricos globalmente. Do total de bilionários no mundo em 2023, 313 fizeram sua fortuna em tech[2], o que representa 12% da lista das pessoas mais ricas do planeta.**

BURN RATE

Doações para caridade dos 50 maiores doadores dos Estados Unidos, por fonte de riqueza, 2021, $bn (em bilhões de dólares)



Source: Chronicle of Philantropy / The Economist

COMO OS BILIONÁRIOS TECH PODEM REVOLUCIONAR A FILANTROPIA?

Trazendo a atitude *"move fast and break things"*[6], que ajudou a gerar inovações significativas que transformaram muitos mercados (e a sociedade como um todo), essa nova geração de atores filantrópicos tem pouca paciência para processos demorados e burocráticos.

Junto com suas fortunas, eles querem trazer mais agilidade para a filantropia – especialmente para a forma como o capital é mobilizado.

6. *https://www.economist.com/podcasts/2023/02/17/this-move-fast-and-break-things-attitude-is-being-translated-into-philanthropy-charity-disrupted*

4 MOTIVOS DO POTENCIAL TRANSFORMADOR DOS FILANTROPOS TECH:

VISÃO EMPREENDEDORA:

Os magnatas da tecnologia tendem a trazer uma mentalidade empreendedora e de startup para a filantropia, buscando soluções inovadoras e escaláveis para problemas sociais.

MAIOR TOLERÂNCIA A FALHAS:

Também há uma aceitação maior entre os filantropos tech de que nem todas as iniciativas terão sucesso. Alguns projetos podem até falhar, mas essas falhas são vistas como oportunidades de aprendizado.

FOCO EM RESULTADOS:

Há uma ênfase crescente na mensuração e avaliação de impacto. Semelhante à forma como avaliam o sucesso em suas empresas de tecnologia, esses doadores querem ver um retorno tangível (em forma de resultados e mudanças geradas) para seus investimentos filantrópicos.

USO DA TECNOLOGIA:

A tecnologia é frequentemente usada para aumentar o alcance e a eficácia das iniciativas filantrópicas. Isso pode incluir desde plataformas de financiamento colaborativo para mobilizar pequenas doações, até o uso de Big Data e Analytics para avaliar o impacto de programas.

NOVAS FORMAS DE MOBILIZAÇÃO DE CAPITAL

A influência dos novos perfis de doadores do mundo tech é um dos grandes impulsionadores das transformações pela qual a filantropia vem passando. Contudo, outros movimentos também estão relacionados a isso. A maior demanda por transparência e justiça social, por exemplo, está entre as questões que impactam diretamente o movimento de dinheiro na filantropia.

Os próprios magnatas da tecnologia estão sob um holofote social muito maior. A rapidez com que suas riquezas se multiplicam e a magnitude do capital que acumulam contrastam com muitos dos desafios que a filantropia busca enfrentar. Dessa forma, conforme suas fortunas aumentam sistematicamente, aumenta também a pressão para que eles usem suas riquezas para resolver problemas socioambientais globais. E mais: a demanda é que usem seu capital para tratar desses problemas **hoje**.

Nesse contexto, os ultrarricos e bilionários tech buscam movimentar seu dinheiro na mesma velocidade – acelerada – do crescimento das suas fortunas. Para favorecer essa abordagem mais ágil, menos burocrática e mais escalável, surgem novos modelos de mobilização de capital.

A filantropa norte-americana MacKenzie Scott (ex-esposa de Jeff Bezos, fundador da Amazon) é um dos principais exemplos de como o novo perfil de doadores está tornando as doações mais ágeis e escaláveis, gerando mais capital para causas e aumentando o impacto das ações filantrópicas.

Fugindo do processo tradicional de concessões de subsídios, ela doa grandes quantias (US$ 14 bilhões, desde 2019) sem restrição quanto ao que os beneficiários farão com o dinheiro. MacKenzie usa um processo que ela chama de "doação por delegação". Para isso, contrata consultorias para avaliar e selecionar organizações, direciona o capital e confia nas entidades para utilizar os recursos da melhor maneira possível.[7]

7. *https://www.economist.com/international/2023/02/09/how-a-tide-of-tech-money-is-transforming-charity*

Exemplos de movimentação de capital filantrópico pelo setor tecnológico

FOUNDERS PLEDGE

Founders Pledge é uma iniciativa filantrópica com sede em Londres que convida fundadores, investidores e funcionários iniciais de startups em rápido crescimento a comprometer parte dos seus futuros ganhos, provenientes de uma saída ou evento de liquidez, para o impacto social.

O compromisso mínimo é de 5% do seu evento de liquidez. Segundo relatos, em média, os empreendedores se comprometem com cerca de 11%.

Entre os mais de 1.700 membros da Founders Pledge estão: José Neves (fundador e CEO da Farfetch), Taavet Hinrikus (cofundador e chairman da Wise), Claire Novorol (cofundadora da Ada Health) e Eric Quidenus-Wahlforss (fundador e CPO do SoundCloud).

No ano passado, a iniciativa lançou o Pledge Ventures, um fundo de capital de risco voltado para o investimento em startups de tecnologia em rápida expansão, cujos fundadores já assumiram compromissos filantrópicos.

Esse fundo tem como propósito destinar 85% dos lucros e até metade das taxas administrativas para ações de caridade, visando fortalecer e expandir o impacto da Founders Pledge.

PLEDGE 1%

Liderado por empreendedores digitais (como os fundadores da Salesforce, Atlassian e Rally), o Pledge 1% visa inspirar a filantropia corporativa em startups e empresas *early stage*.

Essa iniciativa segue o modelo 1-1-1 (introduzido pela Salesforce em 1999), em que as empresas se comprometem a destinar 1% da sua participação acionária, 1% de seu produto e/ou 1% do tempo de seus funcionários para causas sociais e planetárias.

Milhares de empresas[8] já se inscreveram no Pledge 1%, incluindo gigantes da tecnologia, como Adobe e Weebly. Até 2022[9], 17 mil companhias, em mais de 100 países, haviam adotado o modelo 1-1-1. Por meio desse compromisso, a Salesforce, sozinha, já doou mais de 240 milhões de dólares em subsídios, 3,5 milhões em horas de serviço comunitário e forneceu doações de produtos para mais de 39 mil organizações sem fins lucrativos e instituições educacionais.

VELEZREYES+

David Vélez, CEO e cofundador do banco digital Nubank e que é um dos dois únicos latinoamericanos signatários do Giving Pledge, vendeu 3% de suas ações na empresa, arrecadando US$ 191 milhões, com o objetivo de financiar uma nova plataforma para filantropia. O capital levantado será destinado à fundação VelezReyes+, que ele mantém com sua esposa, Mariel Reyes. O objetivo da iniciativa é apoiar e escalar iniciativas que utilizem a educação e a liderança – com o apoio da tecnologia como facilitadora – para expandir o acesso a oportunidades para todas as pessoas da América Latina.

8. *https://charitydigital.org.uk/topics/topics/the-rise-of-the-1-club-11016*

9. *https://www.edie.net/how-salesforces-stakeholder-capitalism-model-is-unlocking-new-avenues-for-net-zero/*

NOVOS VEÍCULOS PARA MOBILIZAÇÃO DE CAPITAL FILANTRÓPICO

No contexto de novas demandas sociais e novos perfis de doadores, surgem também novos veículos para mobilização de capital filantrópico, que têm o objetivo de facilitar e acelerar doações e, assim, escalar o impacto das ações para resolver problemas sociais e ambientais.

1. **Venture Philanthropy**
2. **Financiamento colaborativo**
3. **Fundos de Doadores (DAFs)**
4. **Financiamento misto *(Blended Finance)***
5. **Transferência de renda *(cash transfer)***
6. **Regranting**

1. Venture Philanthropy

Tipo de investimento de impacto que utiliza conceitos e técnicas de venture capital e de gestão empresarial para atingir objetivos filantrópicos. O Venture Philanthropy não entra só em projetos de filantropia, pelo contrário, relaciona-se mais a negócios que tenham lógica de mercado, mas que tenham objetivos de impacto e precisem de um capital mais paciente para conseguir escalar e ter sucesso.

Um conceito importante dessa modalidade é "subsidiar o risco com o capital filantrópico" – que é um capital que tradicionalmente já não espera retorno financeiro –, e assim atrair mais investimentos que naturalmente não estariam ali pela lógica de risco/retorno, viabilizando o crescimento e sucesso do negócio.

Nessa abordagem de longo prazo, também conhecida como Filantropia de Risco, investidores de impacto (que podem ser fundações ou fundos de impacto social) apoiam organizações com propósitos sociais e ambientais (ONGs ou negócios de impacto), com foco em maximizar seus impactos na sociedade e no meio ambiente.

O Venture Philanthropy funciona por meio de três práticas principais:

- **FINANCIAMENTO SOB MEDIDA:** Seleção de instrumentos financeiros (doações, empréstimos, participações acionárias) baseada no perfil do investidor e na organização apoiada.
- **SUPORTE NÃO-FINANCEIRO:** Oferecimento de serviços como coaching, consultoria e estratégias para fortalecer a organização e maximizar seu impacto.
- **MEDIÇÃO E GESTÃO DE IMPACTO:** Monitoramento e avaliação do impacto socioambiental, refinando atividades para otimizar resultados.

VENTURE PHILANTHROPY NA PRÁTICA:

OMIDYAR NETWORK é um grupo de investimento filantrópico criado por Pierre Omidyar, fundador do eBay, para investir em empresas e iniciativas que têm um impacto social positivo e que também podem trazer bom retorno financeiro. A Omidyar tem uma estrutura híbrida que permite investir em empresas e oferecer subsídios para organizações não governamentais. O grupo trabalha em parceria com financiadores, defensores, inovadores, empresas, acadêmicos e outros atores que já estão abordando desafios críticos da atualidade. A Omidyar investe em novos modelos, ferramentas, ideias e políticas que empoderam o cidadão comum. O objetivo é fortalecer comunidades e promover uma sociedade em que todos possam prosperar como iguais.

No Brasil, uma das organizações pioneiras na área de venture philanthropy é o **QUINTESSA**, que se apresenta como ecossistema de soluções empreendedoras e inovadoras para os desafios sociais e ambientais centrais do país. Na forma de uma jornada de aceleração que dura cerca de 12 meses, o programa de Venture Philanthropy do Quintessa abrange três objetivos: gerar impacto positivo (seja pela atividade-fim dos negócios seja por promover o desenvolvimento dos empreendedores e do ecossistema); aprendizado prático e vivencial no campo; pipeline qualificado para potencial investimento posterior. Além de apoiar financeiramente o desenvolvimento de negócios de impacto por meio de uma aceleração do Quintessa, o programa inclui momentos de capacitação, mentoria, conexões de valor e networking.

2. Financiamento colaborativo

O financiamento colaborativo ***(collaborative funding)*** envolve a união de financiadores com objetivos em comum para combinar recursos e estratégias. Essa colaboração pode variar desde o compartilhamento de informações até a criação conjunta de projetos, incluindo fundos coletivos para impactos maiores em áreas específicas.

Esse modelo frequentemente se concentra em promover mudanças sistêmicas, abordando desafios sociais, econômicos e ambientais em grande escala. Isso porque esse tipo de parceria permite abordar problemas de maior escala com mais eficiência, por meio de compartilhamento de riscos operacionais e políticos e de impulsionamento de conhecimentos entre os parceiros.

Segundo um estudo do Dorothy A. Johnson Center for Philanthropy, o financiamento colaborativo se destaca por ter uma liderança mais diversificada, com quase metade dos fundos coletivos sendo liderados por pessoas não brancas. Isso se reflete em um foco maior em questões de justiça racial e equidade. Dessa forma, o financiamento colaborativo está redefinindo a dinâmica de poder na filantropia, dando mais voz às comunidades atendidas e focando em mudanças significativas.

FINANCIAMENTO COLABORATIVO NA PRÁTICA:

Por meio do **BLUE MERIDIAN**, filantropos se unem para financiar soluções escaláveis para problemas sociais nos Estados Unidos por meio de um modelo colaborativo que desbloqueia capital filantrópico para investir em líderes do setor social. Ao agrupar recursos, os parceiros do Blue Meridian investem de forma mais eficiente, enquanto também participam de uma comunidade dinâmica de aprendizado.

O **CATALYTIC CAPITAL CONSORTIUM (C3)**, liderado pela MacArthur Foundation, visa promover o uso de capital catalítico – um tipo de investimento flexível e tolerante a riscos – para apoiar empresas e organizações que geram impacto social e ambiental positivo. O Rockefeller Foundation e a Omidyar Network se juntaram como parceiros estratégicos, contribuindo com parte do financiamento coletivo para o projeto. O objetivo do C3 é ajudar a preencher o déficit anual de financiamento de US$ 2,5 trilhões em países em desenvolvimento, que está impedindo o alcance dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU. Para isso, o C3 selecionou um conjunto de fundos e organizações para receber mais de US$ 100 milhões em investimentos de impacto.

3. Fundos de Doadores (DAFs)

DAFs ***(Donor Advised Funds)*** são contas de investimento filantrópico geridas por organizações patrocinadoras, como uma fundação comunitária ou uma instituição financeira. Quem doa a um DAF recebe deduções fiscais, mas cede parte do controle sobre os fundos à organização patrocinadora. Além disso, embora possam sugerir destinações, a decisão final é da organização.

Os DAFs são alimentados por contribuições individuais, geralmente com um depósito inicial entre 5 e 25 mil dólares. Os fundos podem crescer por meio de investimentos, sendo os rendimentos isentos de impostos, o que potencializa futuras doações filantrópicas.

Essa é uma abordagem crescente em outras partes do mundo, apesar de ainda não ser tão comum no Brasil. Nos Estados Unidos, os DAFs bateram um novo recorde em concessões de subsídios em 2021 e experimentaram as taxas de crescimento mais rápidas já registradas para contribuições e ativos de caridade. As doações de DAFs totalizaram um valor estimado de US$ 46 bilhões, representando um aumento de 28% em comparação com 2020 – que, por sua vez, foi 28,3% maior do que em 2019.[10]

10. *https://www.nptrust.org/reports/daf-report/*

DAFS NA PRÁTICA:

DAFFY é um aplicativo de DAF que permite ao usuário automatizar suas doações para quase todas as instituições de caridade dos EUA. A plataforma oferece benefícios fiscais – como deduções imediatas no imposto de renda e crescimento isento de impostos do fundo –, também permite que os usuários agrupem suas contribuições de caridade para maximizar os benefícios fiscais. Ainda, a ferramenta oferece portfólios de investimento, incluindo opções padrão, ESG e cripto, e facilita a descoberta de novas instituições de caridade por meio de recomendações.

DAFTECH é uma plataforma da GivingTech projetada para simplificar e digitalizar a gestão de DAFs. O objetivo é reduzir significativamente os custos administrativos e operacionais associados à gestão de DAFs, tornando o processo mais eficiente e acessível. A plataforma oferece uma gama completa de funcionalidades, incluindo CRM e ERP, além de capacidades de investimento online. Também oferece uma série de add-ons e APIs para expandir as funcionalidades de plataformas DAF existentes. Isso inclui a capacidade de realizar doações internacionais, criar campanhas de arrecadação de fundos e fazer depósitos online.

4. Financiamento misto *(Blended Finance)*

Blended finance é uma abordagem estruturante que reúne interesses de organizações diversas que investem em conjunto para alcançar objetivos em comum.

Essa modalidade envolve diferentes tipos de capital, com diferentes expectativas de retorno, e pode combinar instrumentos diversos para apoio aos projetos – como, por exemplo: dívida, equity, garantias, seguros, programas ou fundos garantidores, grants, pagamento por resultados e assistência técnica.

Os usos mais comuns dos fundos de desenvolvimento em operações de *blended finance* são:

- **RECURSOS SUBSIDIADOS:** Capital a taxas abaixo do mercado ou não reembolsável para proteger outros investidores ou melhorar a atratividade do projeto.
- **DOAÇÃO PARA ESTRUTURAÇÃO**: Viabiliza a criação de novos projetos ou modelos de negócios.
- **GARANTIAS E SEGUROS**: Reduz perdas e melhora a percepção de risco.
- **ASSISTÊNCIA TÉCNICA**: Oferece treinamento e aprimoramento na gestão dos negócios.

O uso do financiamento misto vem sendo reconhecido como uma grande oportunidade para alavancar os investimentos sustentáveis por filantropias globais. No Brasil, há um crescente interesse por parte da filantropia em potencializar seu impacto por meio desse mecanismo, especialmente como forma de preencher as lacunas de financiamento[11] para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030.

Cerca de 680 operações de blended finance foram estruturadas no mundo entre 2007 e 2018, sendo que o total mobilizado chegou a cerca de US$ 160 bilhões em 2020. Contudo, neste mesmo ano, o valor investido em negócios de impacto socioambiental por outros meios chegou a US$ 715 bilhões, somando os esforços de 1.700 investidores de impacto. Esse cenário reforça o potencial ainda pouco explorado do financiamento misto.[12]

11. *https://labinovacaofinanceira.com/wp-content/uploads/2022/06/%E2%80%8BLAB-Financiamento-para-o-alcance-dos-ODS-a-Agenda-do-Blended-Finance-no-Brasil.pdf*

12. *https://blogs.iadb.org/brasil/pt-br/corrida-contra-o-tempo-o-potencial-da-filantropia-e-do-blended-finance-para-escalar-o-investimento-sustentavel/*

BLENDED FINANCE NA PRÁTICA:

Em 2018, a **DIN4MO** e o **GRUPO GAIA** criaram a primeira debênture de impacto social do Brasil, com o objetivo de resolver dois grandes gargalos do Programa Vivenda (especializado em reformas de moradias populares): capital de giro e crédito para o cliente de baixa renda. A operação levantou R$ 5 milhões, 40% desse valor veio de investidores sociais privados, o restante foi distribuído a investidores do private bank do Itaú Unibanco. Na última atualização, mais de 4 mil famílias já tinham sido contempladas com cheques médios de R$ 7 mil, a serem pagos em parcelas mensais de R$ 200.

Em 2015, a **THE NATURE CONSERVANCY (TNC)** fez um acordo com o governo das Seicheles: eles ajudariam o país a recomprar parte de sua dívida em melhores condições em troca de um compromisso com a conservação marinha e a adaptação às mudanças climáticas. A TNC deu um empréstimo de 15,2 milhões de dólares e conseguiu mais 5 milhões em doações para o governo. Com isso, o país pôde recomprar 21,6 milhões de dólares de sua dívida de alguns países do Clube de Paris. Foi a primeira vez que um acordo desse tipo – focado em conservação e clima – foi feito.

5. Transferência de renda *(cash transfer)*

Os programas de transferência de renda visam reduzir a pobreza oferecendo assistência financeira diretamente a indivíduos, a famílias específicas ou a todos em uma determinada área. Podem ser de dois tipos:

- **CONDICIONAIS (CONDITIONAL CASH TRANSFERS – CCTS):** Exigem critérios específicos para o recebimento da renda, com o objetivo de promover mudanças de comportamento que sejam benéficas no longo prazo. Exemplo: enviar crianças à escola regularmente; participar de check-ups médicos etc.
- **INCONDICIONAIS (UNCONDITIONAL CASH TRANSFERS – UCTS):** Não exigem nenhuma condição para a transferência de renda, visando fornecer alívio financeiro imediato, especialmente em situações de emergências e crises. Esse modelo respeita a autonomia dos beneficiários, confiando em sua capacidade de tomar decisões sobre suas próprias necessidades.

O valor oferecido nesse modelo pode ser fixo ou variável.

CASH TRANSFER NA PRÁTICA:

GIVEDIRECTLY é uma organização especializada em UCTs que envia dinheiro diretamente para pessoas vivendo em situação de pobreza em diferentes países. Os beneficiários usam os recursos recebidos para diversas necessidades, como educação e infraestrutura básica. A organização tem um histórico de eficácia, com 90% das doações indo diretamente para os necessitados, e mais de 700 milhões de dólares já distribuídos em três continentes. Dentre os principais doadores da GiveDirectly13 estão a filantropa MacKenzie Scott, que contribuiu com US$ 125 milhões desde 2020, e bilionários do setor tecnológico, como Elon Musk e Jack Dorsey. Devido a tais contribuições, as doações para a GiveDirectly aumentaram de US$ 42 milhões em 2019 para US$ 303 milhões em 2020, um crescimento de mais de 600% – o que fez dela a ONG de crescimento mais rápido em 2020.

Desde 2013, o município de Maricá (RJ) tem um programa próprio de cash transfer: o **RENDA BÁSICA DE CIDADANIA (RBC)**. Atualmente, o programa conta com mais de 42 mil beneficiários (em uma população de cerca de 161 mil), cada um recebendo mensalmente o equivalente a R$130 em "mumbuca", a moeda local que só pode ser utilizada na cidade. O objetivo dessa iniciativa é criar uma economia solidária local, incluindo bolsas e contas de poupança para estudantes, apoio financeiro para ensino superior, transporte público gratuito e uma renda básica para residentes indígenas. Para participar do programa é preciso residir em Maricá por três anos e ter ganhos totais de até três salários-mínimos.

6. Regranting

Regranting é um mecanismo de financiamento que conecta grandes financiadores a pequenas iniciativas locais ou temáticas, sem que o financiador precise ter estrutura em cada região ou tema que deseja apoiar.

Ou seja, a entidade filantrópica não quer estabelecer presença naquele lugar/tema, contratar uma equipe especializada, desenvolver expertise naquela região ou tema. Então, para fazer com que os recursos cheguem na ponta, busca uma organização estabelecida, em que confia, e esta se encarrega das doações.

Para Alessandra Orofino, cofundadora da Nossas, o regranting é um mecanismo que leva recursos a organizações que não têm acesso a financiamento internacional. Como exemplo, cita o Movimento Amazônia de Pé, que luta por um projeto de lei de iniciativa popular para proteger as florestas públicas da Amazônia e os povos da floresta.

"A gente usou as nossas relações com a filantropia internacional para captar recursos para a campanha. Depois, destinamos uma parte significativa desses fundos para organizações menores que, justamente por terem estrutura jurídica e administrativa pequenas, têm dificuldade de acessar financiadores internacionais", Alessandra afirma.

2.

New kids on the block: a filantropia e as novas gerações

A chamada "Grande Transferência de Riqueza" diz respeito a uma das transições patrimoniais mais significativas da história. Os millennials e a geração Z estão a caminho de herdar a fortuna dos baby boomers. Nesse movimento, aqueles deixarão de deter apenas 3% da riqueza total para deter cerca de 60%[1].

US$ 84 trilhões é o valor que passará das mãos da geração baby boomer para seus filhos já adultos da geração X e millennials nas próximas duas décadas nos EUA.

Estima-se que cerca de 15% dos **US$ 11.9 trilhões** da transferência de riqueza prevista para ocorrer nos próximos 20 anos nos EUA sejam destinados às ONGs.[2]

Entre as famílias que já atuam na filantropia por meio de fundações, o legado parece estar seguro, pois as novas gerações estão atuantes na gestão das doações. Em um estudo realizado pela Rockfeller Philanthropy Advisors com organizações filantrópicas geridas por famílias, a maioria relatou o envolvimento ativo dos membros da família da próxima geração.

58% das famílias afirmaram que as gerações mais novas estão ativamente envolvidas de forma regular nas atividades filantrópicas familiares – e 25%, que estavam um tanto envolvidos.[3]

1. *https://www.reninc.com/wealth-management-trends*

2. *https://www.cerulli.com/press-releases/cerulli-anticipates-84-trillion-in-wealth-transfers-through-2045*

3. *https://www.rockpa.org/wp-content/uploads/2022/07/Time-Horizons-2022-1.pdf*

4. *https://www.fidelitycharitable.org/insights/2021-future-of-philanthropy/new-mindset.html*

5. *https://philanthropynewsdigest.org/features/book-reviews/generation-impact-how-next-gen-donors-are-revolutionizing-giving*

AS GERAÇÕES DE IMPACTO: MILLENNIALS E GEN Z



74% dos millennials se consideram filantropos. Em contrapartida, apenas 35% dos baby boomers se autointitulam da mesma forma.[4]

Isso mostra que as novas gerações estão expandindo o conceito do que é ser uma pessoa atuante na filantropia. Para esse novo grupo, não é preciso ser bilionário para contribuir – e doar dinheiro não é a única forma de ser filantropo.

"Cerca de uma vez por ano surge um debate em nosso corpo docente sobre quão problemática é a palavra 'filantropia'. Em nossa cultura, o rótulo 'filantropo' é fortemente associado aos ultrarricos, geralmente homens públicos, como Andrew Carnegie e Bill Gates. Essa associação faz com que alguém que se apresenta como 'filantropo' simplesmente não pareça acessível para a maioria das pessoas", analisa Kathi Badertscher, Diretora de Programas de Pós-Graduação Lilly Family School of Philanthropy e professora de Estudos Filantrópicos.

Essa mudança de perspectiva pode ser vista, inclusive, na forma como as novas faces do setor realizam doações e interagem com organizações filantrópicas. **Enquanto os baby boomers são motivados pelas ONGs e causas que já apoiam e conhecem, os millennials e a geração Z são impulsionados por uma forte consciência social e pelo desejo de viver de acordo com seus valores.**

No livro *Generation Impact: How Next Gen Donors Are Revolutionizing Giving*[5], os autores Sharna Goldseker e Michael Moody apontam que os "doadores da geração impacto" não apenas financiam organizações, mas também investem seu tempo e talento nas causas. "Eles buscam experiências diretas com as organizações e beneficiários e veem a filantropia como uma extensão integral de suas identidades", afirmam.



90% dos millennials estão motivados a doar por uma causa ou missão – não pela organização[6]

Mas isso não quer dizer que os mais jovens não se importam com o posicionamento das ONGs. Enquanto as novas gerações podem até ter um portfólio de doações menor do que os doadores mais velhos, **elas esperam uma conexão mais forte e significativa com as organizações sem fins lucrativos e as causas que escolhem apoiar.**

Além disso, há uma **tendência a serem defensores mais vocais das causas que apoiam.** Análises indicam que filantropos das novas gerações têm **três vezes mais probabilidade de defender uma ONG que apoiam** em comparação com os doadores da geração X e baby boomers.[7]

Goldseker e Moody são otimistas sobre o potencial dessa nova geração em abordar problemas sociais significativos. Eles acreditam que o impacto desses doadores será maior do que o das gerações anteriores, devido à sua abordagem mais empreendedora e focada em resultados

Curiosidades sobre os filantropos/doadores next-gen:

- São 4 vezes mais propensos a aprender sobre causas com influenciadores e celebridades do que doadores tradicionais.
- Têm 1,5 vezes maior probabilidade de conhecer causas por meio de seus colegas de trabalho do que os doadores tradicionais.
- Têm uma probabilidade 1,6 vezes maior de serem motivados a doar após um evento noticioso repentino ou uma crise do que os doadores tradicionais.[8]
- 69% dos doadores da próxima geração preferem se relacionar com as ONGs nas redes sociais.
- No Brasil, para um em cada quatro jovens da geração Z a opinião de influenciadores digitais e redes sociais influencia a decisão de doar – bastante acima da média da população, como mostra o gráfico **a seguir.**

6. *https://www.themillennialimpact.com/sites/default/files/images/2018/MIR-10-Years-Looking-Back.pdf*

7. *https://www.classy.org/why-america-gives*

8. *https://www.classy.org/why-america-gives*

Fonte: Pesquisa Doação Brasil[9], iniciativa do Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social (IDIS), realizada pelo Ipsos

9. *https://pesquisadoacaobrasil.org.br/*

QUAIS FATORES MAIS INFLUENCIAM NA DECISÃO DE DOAR

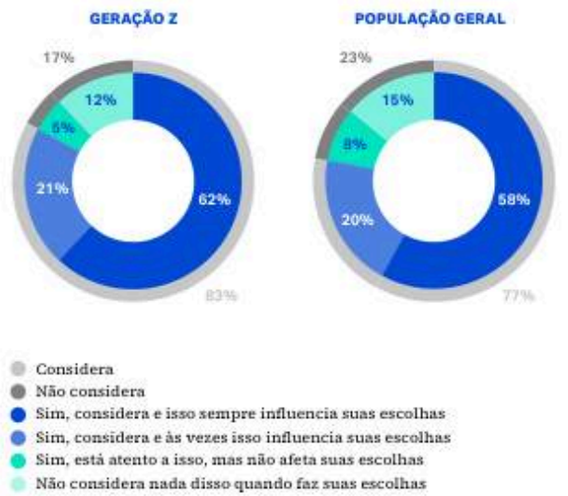


- A Geração Z brasileira também tem uma postura mais rígida do que a população em geral no que diz respeito a empresas e marcas com reputação prejudicada por condutas inadequadas:

Fonte: Pesquisa Doação Brasil, iniciativa do Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social (IDIS), realizada pelo Ipsos

REJEITA MARCAS / PRODUTOS ENVOLVIDOS EM PRÁTICAS INADEQUADAS

Geração Z é mais atenta à má reputação das empresas do que a população em geral



Tendências que resultam da presença das novas gerações na filantropia

Caminhos próprios na filantropia

Mesmo que venham de famílias com tradições filantrópicas, muitos dos doadores das novas gerações buscam criar suas próprias ações. Eles estão definindo suas prioridades de doação influenciados por fatores como visão de mundo, fé, opinião política, identidade pessoal e suas experiências – aspectos que, muitas vezes, contrastam com as gerações anteriores.

Em uma pesquisa[10], 76% dos filantropos das novas gerações expressaram o desejo de seguir um caminho filantrópico à parte de seus antecessores. As mulheres deste grupo mostraram-se ainda mais inclinadas a essa ideia: com 88% delas concordando, em comparação com 69% dos homens.

10. *https://ustrustaem.fs.ml.com/content/dam/ust/articles/pdf/2022-BofaA-Private-Bank-Study-of-Wealthy-Americans.pdf*

Respostas rápidas às necessidades da sociedade

Doadores entre 25 e 34 anos foram o grupo etário mais generoso durante a pandemia da COVID-19. Três quartos deles fizeram doações, em comparação com 64% da população em geral[11]. Estudos[12] indicam que além de liderarem o aumento das contribuições durante a pandemia, as novas gerações também foram as mais ativas em movimentos por justiça racial e turbulências políticas e econômicas.

Aproximadamente metade dos millennials e da geração Z ampliaram suas contribuições em 2020, e 60% deles apoiaram uma nova entidade naquele ano.

11. *https://www.cnbc.com/2020/09/29/more-millennials-donated-money-during-the-pandemic-than-other-generations.html*

12. *https://institute.blackbaud.com/tippingpoint*

Menos restrição e maior ênfase na geração de impacto

Organizações que recebem recursos são frequentemente sobrecarregadas com relatórios extensos e burocracias que não refletem suas necessidades reais. Muitos doadores mais tradicionais exigem que o investimento seja direcionado a projetos específicos[13], por exemplo.

As novas gerações reconhecem a importância de apoiar integralmente o recebedor, permitindo que se concentrem em sua missão. Essa abordagem busca uma relação mais justa e responsável entre doadores e beneficiários.

13. *https://cep.org/portfolio/new-attitudes-old-practices*



Foco em causas ambientais e sociais

Uma análise feita no Reino Unido[14] aponta que os mais jovens são mais expressivos sobre desafios sistêmicos como raça, gênero e preocupações ambientais.

Nesse contexto, as novas gerações de doadores estão mais conscientes sobre o impacto tangível que podem ter na resolução desses problemas por meio de suas escolhas diárias e recursos financeiros. Além disso, apresentam maior coerência em todo o espectro de impacto.

Como resultado, esses doadores estão ansiosos para ter um olhar mais amplo e estratégico sobre onde aplicar seus recursos para ter mais impacto –por meio de filantropia, investimentos de impacto (e aqui se aplicam negócios sociais e negócios de impacto) ou investimentos tradicionais, mas com olhar ESG.

14. *https://www.barclayscorporate.com/content/dam/barclayscorporate-com/documents/insights/Industry-expertise-22/Barclays-Giving-a-new-landscape-charity-report.pdf*

Ativismo além das doações

Um estudo global feito pela Edelman[15] aponta que 70% dos jovens da geração Z estão engajados em causas sociais ou políticas. Embora nem todos se autodenominem ativistas convictos, eles permanecem altamente envolvidos socialmente, defendendo causas em que acreditam por meio de seus gastos e ganhos.

Essa geração é a mais propensa a boicotar um produto, empresa ou governo devido a posições políticas, sociais ou ambientais. Além disso, apenas um em cada cinco trabalharia para uma empresa que não reflete seus valores.

Para as novas gerações, agir em prol das causas que defendem vai muito além de realizar doações.

15. *https://www.edelman.com/insights/unleashing-power-gen-z*

Medidas tomadas em relação a uma causa

Fonte: Millennial Impact Report[16]



Principais preocupações e causas mais relevantes para as novas gerações

Fonte: Deloitte - 2023 Gen Z and Millennial Survey[17]

	Custo de vida	Desemprego	Mudanças climáticas	Saúde mental da minha geração	Criminalidade / segurança pessoal
Geração Z	**35%**	**22%**	**21%**	**22%**	**22%**
	Custo de vida	Mudanças climáticas	Desemprego	Assistência médica / prevenção de doenças	Criminalidade / segurança pessoal
Millennials	**42%**	**23%**	**20%**	**19%**	**18%**

16. *https://www.themillennialimpact.com/sites/default/files/images/2018/MIR-10-Years-Looking-Back.pdf*

17. *https://www2.deloitte.com/content/dam/Deloitte/si/Documents/deloitte-2023-genz-millennial-survey.pdf*

FILANTROPIA NEXT-GEN NA PRÁTICA

● **GEN Z FOR CHANGE** é uma organização ativista liderada por jovens que utilizam plataformas online para promover mudanças sociais positivas, especialmente por meio do poder das redes sociais. Essa organização se concentra em várias causas, incluindo direitos reprodutivos, justiça climática e direitos trabalhistas, e colabora com criadores de conteúdo e outras organizações para campanhas impactantes. A equipe é composta por jovens, muitos dos quais estudantes universitários, com habilidades diversas que vão desde organização comunitária e programação até design gráfico.

● A **CYBER COLLECTIVE** foi criada com o objetivo de priorizar a segurança e as necessidades das pessoas no ambiente digital, com um foco especial em comunidades marginalizadas, e é comprometida com a educação acessível e a alfabetização de dados, oferecendo recursos e workshops que tornam o conhecimento técnico acessível a todos. A organização valoriza o diálogo aberto sobre a interseção entre identidade e tecnologia e busca criar espaços inclusivos para discussões profundas.

● **RESOURCE GENERATION** é uma comunidade estadunidense multirracial de jovens de 18 a 35 anos com privilégios de riqueza e/ou classe comprometidos com a distribuição equitativa de capital, terra e poder. Sua missão é organizar esses possíveis filantropos para se tornarem líderes transformadores. Por meio de uma abordagem organizada, grupos práticos, formação política, eventos locais, conferências e colaboração contínua, a entidade se dedica a ampliar o contingente de jovens abastados comprometidos com a diminuição das desigualdades.

● **GENERATION PLEDGE** é uma organização sem fins lucrativos que incentiva os herdeiros de grandes fortunas a se comprometerem a doar pelo menos dez por cento de sua herança. A sua missão é redirecionar a riqueza multigeracional, transformando a conversa de preservação da riqueza para preservação da vida. Por mais que os membros da comunidade não sejam necessariamente new kids, a visão de filantropia que guia suas iniciativas é um reflexo da nova forma de ver e fazer filantropia das novas gerações. O Generation Pledge convida seus membros a irem além da doação de capital econômico, valorizando também o capital social, de carreira e político:



CAPITAL ECONÔMICO

_ Filantropia
_ Investimentos
_ Empresas

CAPITAL SOCIAL

_ Relações pessoais
_ Posicionamento público

CAPITAL DE CARREIRA

_ Desenvolvimento de competências
_Dedicação profissional

CAPITAL POLÍTICO

_ Política
_ Defesa de causas

NEXT-GEN E A FILANTROPIA DE JUSTIÇA SOCIAL

Tanto millennials quanto Zs têm valores fortes relacionados a questões sociais[18]. As duas gerações têm visões parecidas em áreas como racismo, diversidade e equidade e mudanças climáticas.

Essa ênfase em justiça social também é bastante presente entre os doadores de gerações mais novas de classes mais altas. **Aliás, por conta de seus privilégios, filantropos mais jovens parecem estar ainda mais conscientes do seu papel na resolução de injustiças sociais.**

Uma pesquisa realizada pela Lilly Family School of Philanthropy (IUPUI)[19] com doadores de 18 a 35 anos que possuem um patrimônio líquido de US$ 1 milhão ou mais revelou que muitos se voltam para a filantropia de justiça social como meio de enfrentar esse desafio.

No cerne da filantropia de justiça social está o entendimento de que a doação, especialmente feita por pessoas com privilégio de classe, está profundamente entrelaçada com os sistemas e estruturas institucionais desiguais de capitalismo, racismo, sexismo e outros 'ismos'. **Em resposta a esse entendimento, a doação focada na justiça social tenta redistribuir o poder para mais pessoas, especialmente àquelas cujas vidas foram marginalizadas.**

Nesse sentido, os filantropos das novas gerações exercem a filantropia de justiça social focando em quatro objetivos-chave:

Para eles, investir em justiça social é uma maneira de harmonizar o contraste entre o mundo atual – em que são privilegiados e exercem grande influência – e sua visão para um futuro mais justo e equilibrado.

18. *https://www.pewresearch.org/social-trends/2019/01/17/generation-z-looks-a-lot-like-millennials-on-key-social-and-political-issues*

19 e 20. *https://scholarworks.iupui.edu/server/api/core/bitstreams/3df93277-9f4a-48c3-803c-94d502e69ede/content*

Fonte: Moving money and shifting power for social justice - IUPUI[20]

1. Redução de dano

(ou seja, desinvestimento no mercado, interrupção da acumulação de riqueza)

2. Apoio às periferias

(ou seja, proporcionando ajuda mútua, apoiando organizações QTBIPOC - das causa LGBT e de minorias étnico-raciais)

3. Deslocamento do poder

(ou seja, transferência da tomada de decisões, redistribuição de recursos, reparações, devolução de terras e defesa de direitos)

4. Desmantelamento de sistemas opressivos

(ou seja, financiamento da comunidade, construção, trabalho de movimento, utilização da narração de histórias)

Para alcançar esses objetivos, os doadores das gerações mais novas seguem estas diretrizes:

Ceder poder: Envolve reconhecer e desmantelar as dinâmicas de poder inerentes à filantropia, permitindo que aqueles que recebem doações tenham mais voz e controle sobre os recursos.

Empoderar outros: Diz respeito a capacitar e apoiar indivíduos e comunidades para que tenham as ferramentas e os recursos necessários para criar mudanças por si mesmos.

Ser transparente: Está relacionado a ser aberto e honesto sobre intenções, processos e resultados da doação.

Mudar sistemas: Esta prática reconhece que muitos problemas sociais são o resultado de sistemas falhos e busca criar mudanças sistêmicas em vez de soluções temporárias.

Doar integralmente: Envolve doar de uma maneira que se considerem todas as facetas da justiça social, não apenas por meio de contribuições financeiras, mas também de tempo, energia e influência.

Desafiar a si mesmo: Refere-se a um compromisso contínuo de autorreflexão e aprendizado, reconhecendo e confrontando os próprios preconceitos e privilégios.

3.

A busca pelo impacto na filantropia

Mudanças climáticas, justiça social, diversidade e inclusão, equidade, defesa da democracia, preparação para os riscos do futuro. Esses são alguns dos temas em destaque entre os movimentos que apontam as causas mais relevantes para a filantropia.

No cerne dessas causas, é possível identificar uma ambição comum: **realizar mudanças profundas e de longo prazo.**

Nossas análises indicam que estamos presenciando uma transformação importante no ecossistema filantrópico no que diz respeito ao impacto que se quer causar. Em vez de apenas doar para causas pontuais, muitos filantropos estão adotando uma abordagem mais estratégica, identificando problemas sistêmicos e procurando maneiras de abordá-los na raiz.

Isso pode envolver a criação de programas de longo prazo, parcerias com governos e outras organizações, investimento em pesquisa e desenvolvimento para encontrar soluções inovadoras, além de uma visão baseada em doar em vida (*giving while living*).

FILANTROPIA PARA TRANSFORMAÇÕES SISTÊMICAS

Globalmente, recursos financeiros consideráveis são alocados para enfrentar os desafios mais críticos da humanidade.

Em 2020, as 45 maiores e mais influentes fundações filantrópicas privadas do mundo destinaram quase 10 bilhões de dólares em apoio para o desenvolvimento sustentável. Em 2021, as doações alcançaram quase 11 bilhões de dólares[1].

Especialistas concordam, porém, que para superar tais desafios é essencial que exista um comprometimento de longa duração, que ultrapasse o simples financiamento de atividades e busque soluções que atinjam o cerne dos problemas[2].

Ou seja, a filantropia deve ser mais que uma fonte de financiamento para o desenvolvimento sustentável; seu papel também envolve impulsionar mudanças profundas e duradouras – como ilustram as histórias que trazemos no capítulo sobre advocacy.

Em artigo publicado na plataforma Development Matters, da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), diretores da WINGS, Charities Aid Foundation e da própria OCDE ressaltam que "é hora de parar de ver a filantropia apenas como uma fonte de dinheiro e abraçar seu potencial complexo como defensora de mudanças duradouras para o desenvolvimento"[3].

Nina Hoas, Head da LGT Philanthropy Advisory, reforça a tese de que quando falamos de filantropia com foco em transformações sistêmicas, não se trata apenas de investir financeiramente para solucionar um problema.

1. *https://www.oecd.org/dac/private-philanthropy-sustainable-development.pdf*

2. *https://www.ashoka.org/en-us/files/embracing-complexitypdf*

3. *https://oecd-development-matters.org/2019/02/05/the-role-of-philanthropy-for-the-sdgs-is-not-what-you-expect/*

"É essencial compreender as origens e causas fundamentais desse problema. Além disso, é crucial reconhecer o panorama completo: identificar todos os envolvidos, desde implementadores, comunidades e beneficiários, até outros doadores, possíveis parceiros e agentes governamentais. É uma questão de entender profundamente o sistema onde o problema está enraizado e o desafio que se deseja enfrentar", Nina Hoas analisa.

TIPOS DE ABORDAGENS PARA MUDANÇAS SISTÊMICAS

Mudança incremental:

Busca aprimorar o que já é feito, seguindo as regras e costumes atuais. Uma campanha para limpar as ruas de uma cidade ou revitalizar espaços públicos é um exemplo de mudança incremental que fortalece a união da comunidade, respeitando as leis e práticas já estabelecidas.

Reforma:

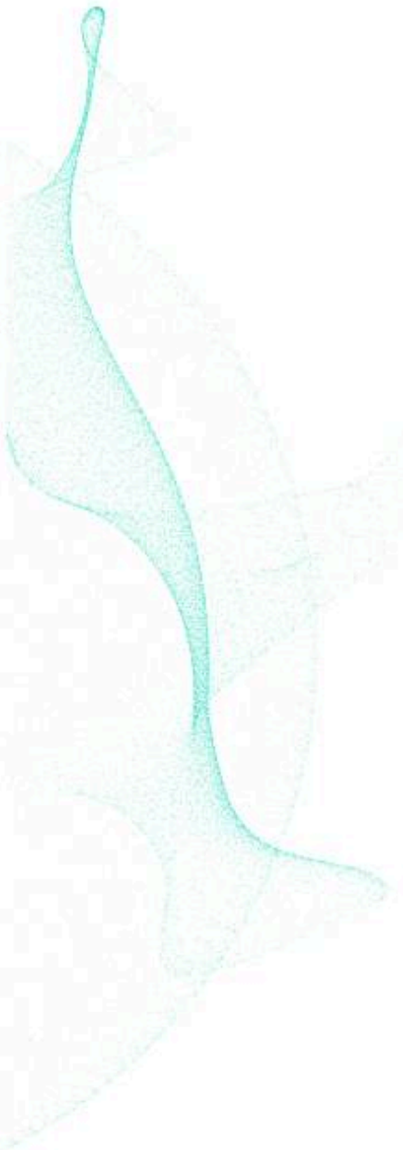
A ideia é mudar as estruturas, regras e costumes para que novas ações se tornem mais comuns. O apoio da Ford Foundation a grupos que defendem o meio ambiente – como o Natural Resources Defense Council e o Environmental Defense Fund – é um exemplo desse tipo de iniciativa. Ambos desempenharam um papel crucial na criação e promoção de novas leis ambientais.

Transformação:

Este é o nível em que surgem soluções inovadoras e novas abordagens para problemas antigos. Um exemplo clássico é o nascimento da indústria de reciclagem. Iniciada por organizações sem fins lucrativos, elas trouxeram conceitos revolucionários sobre o gerenciamento de resíduos, que mais tarde – com advocacy, suporte a novos modelos de negócio no setor e investimentos privados – se tornaram a base para uma grande indústria lucrativa.

Fonte: Rockfeller Philanthropy Advisors[4]

4. *https://www.rockpa.org/systems-change-a-topic-brief-for-donors/*



FILANTROPIA DE LONGO PRAZO E AS DOAÇÕES ESTRATÉGICAS

Na visão de Nina Hoas, o setor filantrópico precisa deixar de atuar com foco apenas em caridade e respostas pontuais e passar a ter uma visão de longo prazo. Para ela, os doadores devem adotar uma mentalidade mais estratégica.

"Enquanto um doador comum pode fazer uma contribuição única, um doador estratégico se compromete com doações de longa duração. Ele não apenas sinaliza suas intenções para o ano corrente, mas também estabelece compromissos claros para os próximos três, cinco ou mais anos. Esse tipo de comprometimento prolongado é uma marca distintiva de um financiador visionário. Além disso, a transparência sobre quanto tempo pretendem apoiar uma causa e como planejam eventualmente se retirar dela é crucial. Isso permite que as organizações beneficiadas se preparem para uma transição suave quando esse momento chegar", ressalta.

Hoas salienta ainda que outra boa prática para doações focadas em mudanças sistêmicas é a diversificação dos programas financiados.

"Em vez de focar em uma única organização, um doador estratégico apoia várias entidades, criando assim um portfólio de investimentos filantrópicos. Isso é essencial quando se pensa em mudanças sistêmicas. Para realmente impactar e transformar um sistema, é necessário apoiar diferentes organizações que atuam em múltiplas frentes do problema. Assim, é vital ter um leque diversificado de organizações beneficiadas, todas alinhadas com a missão central do doador", aponta.

Alinhado a essa percepção da especialista, um estudo da Ashoka sobre o financiamento de mudanças sistêmicas concluiu que a interferência dos financiadores nas iniciativas pode representar grandes desafios.

De acordo com os pesquisadores, a maioria das abordagens de mudança sistêmicas provavelmente precisará de mais de cinco anos de apoio financeiro para alcançar seus objetivos – mas poucos financiadores se comprometem a longo prazo. Além disso, o apoio financeiro geralmente vem com muitas restrições sobre como o recurso pode ser usado, e os financiadores parecem desencorajar ativamente abordagens inovadoras.



72% dos participantes do estudo relataram receber menos de 25% de financiamento irrestrito.



87% apontaram que tiveram que adaptar suas iniciativas para atender aos requisitos dos financiadores – 43% disseram ter que fazer grandes alterações[6].

CINCO MODELOS DE FINANCIAMENTO FILANTRÓPICO PARA MUDANÇA SISTÊMICA

- **Empoderar agentes de mudança:** Este modelo se concentra em apoiar líderes individuais ou equipes que são vistos como potenciais impulsionadores de mudanças sistêmicas. A ideia é que, ao apoiar as pessoas certas, é possível gerar efeitos cascata no sistema.
- **Escalar:** O objetivo do modelo é expandir, replicar ou adaptar intervenções bem-sucedidas para beneficiar um número maior de pessoas. Muitas vezes, isso envolve pegar um modelo comprovado e expandi-lo, de forma semelhante aos modelos de capital de risco no mundo dos negócios.
- **Coordenar atores:** Este modelo se concentra nas interdependências dentro de um sistema e busca conectar atores ou projetos que, de outra forma, estariam desconectados. A ideia é que diferentes agentes de mudança possuem diferentes capacidades, e conectá-los pode amplificar o impacto.
- **Experimentando e explorando:** O foco aqui é criar novas tecnologias, modelos de negócios, produtos ou práticas para abordar problemas sistêmicos. A crença é que uma mudança significativa e duradoura requer inovação.
- **Escalar profundamente:** Este modelo se concentra em mudar instituições e dinâmicas de poder por meio de um profundo engajamento com atores locais. Busca mudanças de dentro do sistema existente, influenciando políticas e modificando regras.

Fonte: Oxford Saïd Business School[5]

5. *https://www.sbs.ox.ac.uk/sites/default/files/2022-09/unpacking-systems-change-philanthropy-five-alternative-models-.pdf*

6. *https://www.ashoka.org/en-us/files/embracing-complexitypdf*

7. *https://www.youtube.com/watch?v=uTy2ShxkTxs&ab_channel=Skoll.org*

FILANTROPIA RESPONSIVA X FILANTROPIA ESTRATÉGICA

Sobre o posicionamento da filantropia nas mudanças sistêmicas, Nancy Lindborg, CEO da The David and Lucile Packard Foundation, alerta que é importante não polarizar as abordagens. Para ela, respostas rápidas e de longo prazo podem funcionar em conjunto.

"Há uma grande discussão sobre o que é melhor: filantropia estratégica ou responsiva. Nessa linha, a filantropia estratégica propõe uma abordagem mais sistêmica; já a responsiva diz respeito a fornecer assistência direta a um grupo ou a organizações. Eu diria que essa é uma falsa dicotomia e que realmente precisamos de ambas. As estratégias são muito mais fortes quando você está respondendo, ouvindo e baseando o que faz nas vozes daqueles que são mais afetados, quando você permite que essas vozes tenham um impacto no sistema dentro do qual estão trabalhando", indica[7].

Nesse sentido, é possível observar, por exemplo, que mesmo as fundações que agem em resposta às crises têm adotado um posicionamento mais estratégico, focando em uma recuperação para o longo prazo.

NA PRÁTICA

1) O **Centro de Filantropia em Casos de Desastres (CDP)**, de Washington, D.C., foi criado em 2010 para melhorar a resposta filantrópica a desastres e crises humanitárias. A missão do CDP é mobilizar a filantropia para fortalecer a capacidade das comunidades de resistir a desastres e se recuperar de maneira justa e equitativa. O CDP enfatiza a importância de olhar para todo o ciclo de recuperação de um desastre, não apenas buscar uma resposta imediata. A recuperação envolve melhorar a resiliência individual, familiar e comunitária, não se limitando à restauração de estruturas, mas também abordando fontes de resultados injustos e garantindo o bem-estar em várias dimensões.

2) A **GlobalGiving** é uma rede que apoia ONGs do mundo todo, conectando-as a doadores e empresas. A organização desenvolveu uma estratégia de resposta local e de longo prazo a desastres e crises humanitárias. Quando um desastre ocorre, a equipe da GlobalGiving avalia a força de sua rede na área afetada, os pedidos de ajuda de seus parceiros locais e a escala do desastre para então mobilizar recursos. Eles priorizam as necessidades da comunidade afetada e baseiam sua recuperação em um modelo liderado pela comunidade. A GlobalGiving acredita que organizações locais são as melhores para avaliar e responder às necessidades, e frequentemente faz parcerias com ONGs internacionais para fornecer suporte inicial.

GIVING WHILE LIVING

Outra tendência que sinaliza a ambição dos novos filantropos em contribuir de forma mais significativa e promover impacto relevante é o movimento *giving while living* (doando enquanto vivo, em tradução livre), que se baseia na ideia de que indivíduos ricos devem direcionar grande parte da própria fortuna para a filantropia durante suas vidas, em vez de deixar essas doações como legado após a morte.

Esse é um conceito que tem ganhado espaço nos círculos filantrópicos ao redor do mundo. Doar dinheiro rapidamente para fazer o bem no presente é uma ideia defendida por alguns dos doadores de maior patrimônio líquido da atualidade.

Um dos precursores desse movimento foi Chuck Feeney – conhecido como o "James Bond da filantropia" –, que faleceu em outubro de 2023.

Fundador da maior cadeia de varejo duty-free do mundo (a Duty Free Shoppers), em 1988 Feeney foi apontado pela revista Forbes como o vigésimo quarto norte-americano mais rico vivo. Mas, secretamente, ele já havia transferido toda a sua riqueza para sua fundação, Atlantic Philanthropies – o que veio a público somente em 1997.

Seu exemplo impactou líderes como Bill e Melinda Gates e Warren Buffett, levando-os a se comprometerem com o giving pledge, destinando suas fortunas para a filantropia durante a vida. Depois, Mark Zuckerberg e Priscilla Chan, Richard e Joan Branson, Larry Ellison, e Eli e Edythe Broad foram outros nomes de peso a aderirem à filosofia *giving while living*[8]. Até 2023, mais de 241 indivíduos e casais de alto patrimônio líquido haviam assinado o "Giving Pledge", prometendo doar mais da metade de sua riqueza durante suas vidas[9].

"Uma ênfase em resultados e impacto caracteriza a filantropia da nova geração e se traduz no desejo dos doadores mais jovens de ver o impacto de sua filantropia durante sua vida. Em alguns casos, eles podem até querer se envolver ainda mais, usando seu tempo, talento e influência para apoiar causas, em vez de doar apenas em termos monetários."
Mark Greer, Managing Director, Giving and Impact na Charities Aid Foundations[10]

O foco em atuar em mudanças sistêmicas, criando impactos duradouros, vem ao encontro do conceito de *giving while living*.

Essa contribuição em maior escala distribuída no curto prazo pode ter efeitos significativos para impulsionar causas relevantes, gerando impacto e transformações de forma mais rápida e de longo prazo.

"Há uma percepção de que os problemas sociais de longa data não estão desaparecendo, que o efeito contínuo da filantropia não está funcionando e que mais recursos são necessários para essas questões. Precisamos fazer mais. Vejo um anseio entre os filantropos, especialmente na comunidade de tecnologia, por oportunidades de realmente criar uma mudança significativa. Todos os dias encontramos pessoas que basicamente dizem: 'Se pudéssemos encontrar a oportunidade certa amanhã para entregar toda a nossa fortuna, nós o faríamos.'"
Nick Tedesco, President & CEO na National Center for Family Philanthropy[11]

8. *https://www.atlanticphilanthropies.org/wp-content/uploads/2017/11/Atlantic-Insights_Giving_While_Livng_9_26_17-sm.pdf*

9. *https://observer.com/2023/06/young-billionaires-of-the-giving-pledge*

10. *https://www.cafonline.org/my-personal-giving/long-term-giving/resource-centre/what-do-young-donors-want-from-their-philanthropy*

11. *https://www.atlanticphilanthropies.org/wp-content/uploads/2017/11/Atlantic-Insights_Giving_While_Livng_9_26_17-sm.pdf*

4.

Mensuração e avaliação na era da transparência e da colaboração

"Estamos vivendo uma policrise", alerta o World Economic Forum (WEF), no relatório The Global Risks Report 2023[1]. A teia que conecta os múltiplos desafios que a humanidade enfrenta é formada por dezenas de fatores nos campos da economia, tecnologia, geopolítica, meio ambiente e sociedade.

Enquanto muitas dessas crises têm uma relação íntima com as consequências socioambientais da emergência climática, outras estão relacionadas a questões como erosão da coesão social, desinformação, custo de vida, colapso do Estado, deterioração da saúde mental, confronto geoeconômico e concentração de poder digital.

Um dos efeitos colaterais desse contexto de policrise é a falta de confiança generalizada. Nesse contexto, o 2023 Edelman Trust Barometer[2] aponta que a desconfiança se tornou a emoção padrão da polarizada sociedade atual.

Ainda que o estudo não seja focado no setor filantrópico, as percepções entre os atores da filantropia são semelhantes.

1. *https://www3.weforum.org/docs/WEF_Global_Risks_Report_2023.pdf*

2. *https://www.edelman.com/trust/2023/trust-barometer*

"A cultura brasileira da desconfiança influencia fortemente como doamos. Preferimos doar para quem já conhecemos e faz parte do nosso círculo de relações. Quanto mais próximo e mais afeto envolvido, maior nossa propensão a doar. E quando não conhecemos muito bem, criamos mecanismos para tentar controlar o desconhecido e o incerto, burocratizando as relações e os processos de doação", analisa Pamela Ribeiro[3], coordenadora de programas no GIFE (Grupo de Institutos, Fundações e Empresas).

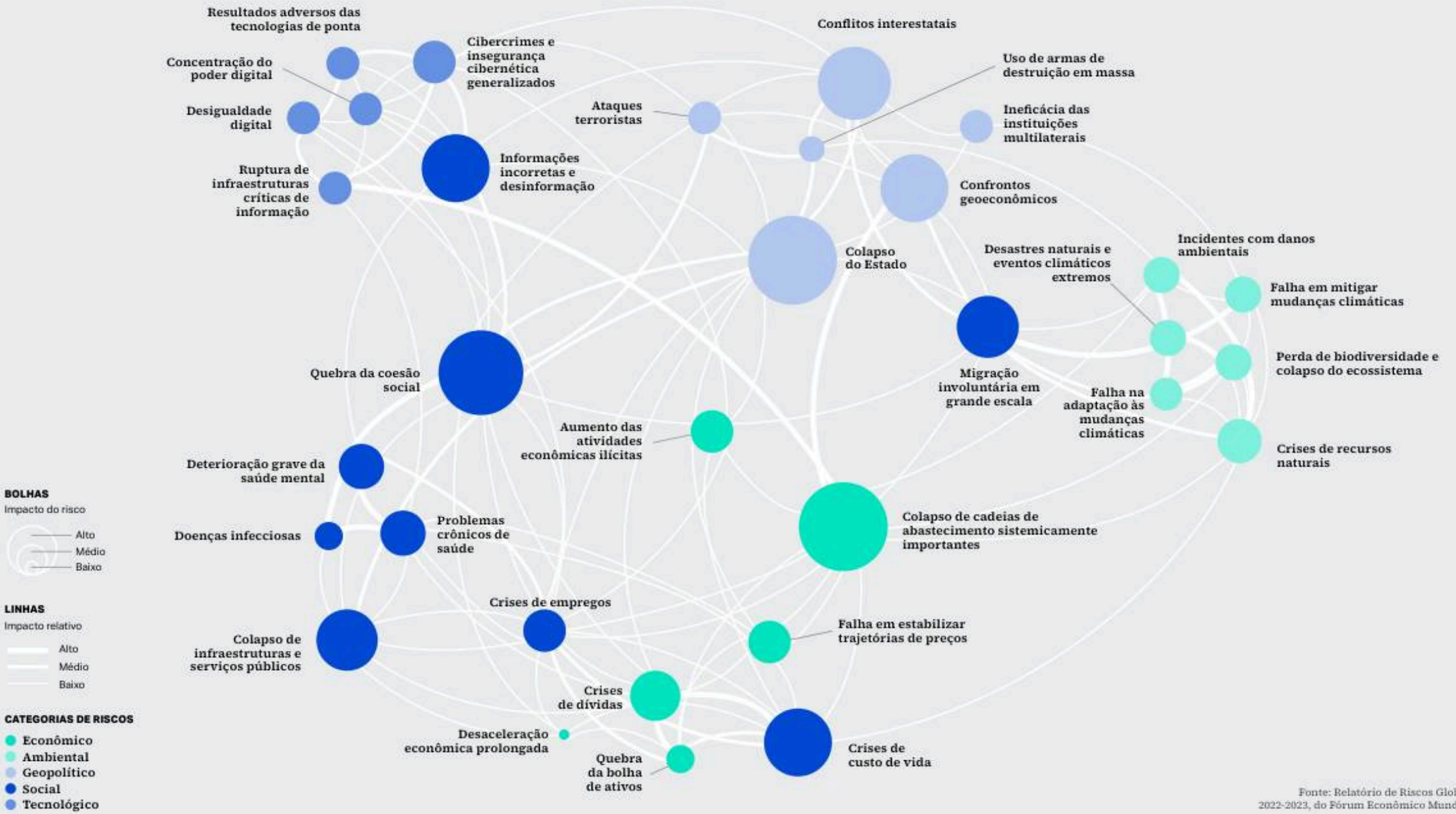
As avaliações de iniciativas filantrópicas fortemente baseadas em comando e controle são, em parte, resultado de tudo isso.

Na visão de Anna de Souza Aranha[4], CEO e sócia no Quintessa (ecossistema de soluções empreendedoras e inovadoras para os desafios sociais e ambientais), **"o antídoto da burocracia não é a desburocratização, é a confiança. O relacional".**

3. *https://www.linkedin.com/pulse/como-construir-confian%C3%A7a-na-filantropia-gife/?trackingId=JCcMa35UTEGqXI3fIyYYhQ==*

4. *https://www.linkedin.com/feed/update/urn:li:activity:7113728035517808640?updateEntity Urn=urn%3Ali%3AfsfeedUpdate%3A%28V2%2Curn%3Ali%3Aactivity%3A7113728035517808640%29*

Panorama global de riscos:
um mapa de interconexões



Fonte: Relatório de Riscos Globais 2022-2023, do Fórum Econômico Mundial.

5 TENDÊNCIAS EM MENSURAÇÃO E AVALIAÇÃO

Diante desse espírito do tempo marcado pela policrise e pela desconfiança, emergem cinco tendências que ajudam a guiar não somente processos de avaliação e mensuração à prova do futuro, como a própria visão de filantropia:

1) Farol para o futuro

"O trabalho das Organizações da Sociedade Civil (OSC) é de longo prazo e imprevisível. As doações que financiam atividades por alguns anos e em que os recursos podem ser usados com flexibilidade são fundamentais para que as OSC identifiquem onde os investimentos são de fato mais necessários. Essa prática favorece a inovação, a implementação de ações emergenciais e a sustentabilidade", pontua o guia 6 práticas de doação da Filantropia Baseada em Confiança[5], traduzido para o português pelo GIFE com autorização do Trust-Based Philanthropy Project[6].

Nesse sentido, as abordagens de mensuração estão evoluindo para capturar resultados a longo prazo, indo além de métricas imediatas para entender o impacto sustentável das ações filantrópicas.

5. *https://sinapse.gife.org.br/download/6-praticas-de-doacao-da-filantropia-baseada-em-confianca*

6. ***Trust-Based Philanthropy** Project é uma iniciativa de cinco anos (2020-2024) que fornece aos financiadores e profissionais de doações as ferramentas, estruturas e espaços comunitários para aprofundar o seu trabalho de criação de um setor filantrópico mais equitativo e impactante.*

NA PRÁTICA

A **New Profit**[7] é uma organização filantrópica que adota uma abordagem de capital de risco para a filantropia, reunindo diversos atores para investir em soluções inovadoras para problemas sociais.

A organização investe em um portfólio diversificado de empreendedores sociais que estão trabalhando para mudar sistemas e condições que perpetuam problemas sociais.

A New Profit destaca a importância do financiamento irrestrito e do apoio baseado em relacionamentos, elementos que são comuns no setor privado, mas difíceis de encontrar no setor sem fins lucrativos, em que as relações entre financiadores e beneficiários muitas vezes são superficiais e focadas em curto prazo.

7. *https://www.newprofit.org/*

Portfólio do impacto das organizações na população

ACELERO LEARNING

A Acelero Learning concentra-se incansavelmente em trazer resultados positivos para famílias e crianças, para, assim, construir um futuro melhor para crianças, famílias e comunidades atendidas pelo programa Head Start.

Visão: *A Acelero tem como objetivo reduzir a defasagem na assistência a crianças atendidas pelo programa Head Start.*

2012 | **5.094** crianças → 2018 | **11.380** crianças

FOOD CORPS

A Food Corps conecta crianças a alimentos saudáveis na escola, para que elas possam ter uma vida mais saudável e alcançar todo o seu potencial.

Visão: *A Food Corps está criando um futuro em que todas as crianças dos Estados Unidos – independentemente de raça, região ou classe – saibam o que são alimentos saudáveis, preocupem-se com a sua procedência e os comam todos os dias.*

2012 | **132** escolas → 2018 | **352** escolas

FII

O FII acredita e investe em famílias de baixa renda dos Estados Unidos para que elas possam trabalhar, individual e coletivamente, para alcançar prosperidade.

Visão: *A FII espera que um dia todas as famílias dos Estados Unidos tenham acesso aos recursos e oportunidades necessários para alcançar os seus objetivos e sonhos.*

2010 | **800** pessoas → 2018 | **10.322** pessoas

NEW TEACHER CENTER

O New Teacher Center contribui para a aprendizagem dos alunos, melhorando a eficácia dos professores e dos gestores escolares.

Visão: *Ao melhorar o desempenho dos professores, o NTC tem como objetivo cumprir a missão do ensino público e ajudar a proporcionar a igualdade na educação a todas as crianças do país.*

2010 | **6.609** professores → 2012 | **24.000** professores

2) Menos (burocracia) é mais (foco)

"As OSC usam muito de seu tempo para escrever propostas e relatórios de acordo com as exigências dos financiadores, o que pode distraí-las de suas atividades principais em busca de sua missão. Abordagens simplificadas focadas no diálogo e na aprendizagem podem abrir caminho para relacionamentos mais profundos e responsabilidade mútua", destaca o guia traduzido pelo GIFE.

Cabe ao doador entender o que de fato é relevante em termos de exigências de relatórios e o que é feito só porque *sempre foi assim*, e construir processos menos burocráticos, mais colaborativos, transparentes e eficientes.

NA PRÁTICA

Em 2020, Jack Dorsey (cofundador do Twitter) anunciou a doação de 28% de suas ações na Square (cerca de 1 bilhão de dólares na época) para o fundo **#StartSmall**. O objetivo do fundo é prestar ajuda imediata e tangível a causas relacionadas à saúde e educação, bem como alívio de desastres durante a pandemia.

O #StartSmall Fund opera de forma transparente, relatando todas as doações e atividades em tempo real no site startsmall.llc. Além disso, as pessoas podem solicitar subsídios por meio de um formulário online simples, destacando um compromisso de Dorsey com a transparência e a desburocratização.

#STARTSMALL

Fundo público do CEO da Block, Jack Dorsey, para ajuda global à covid-19. Após a pandemia, o foco passará a ser a saúde e a educação de meninas, e a RBU (Renda Básica Universal).

$ 1.082.976.376	- $ 589.681.561	$ 493.294.814
Valor total	Distribuído	Restante

* Atualmente não afiliado a Jack/Twitter/Square. Dados retirados de uma cópia de sua planilha do Google.

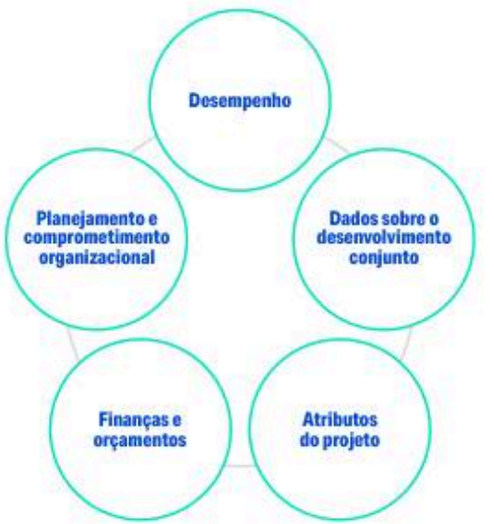
3) Transparência e responsabilidade na comunicação de resultados

A diminuição na burocracia não significa, porém, a ausência da necessidade de prestação de contas.

Na mensuração e avaliação do futuro, o foco é na comunicação aberta e transparente, com trocas entre doador e donatário que vão além da simples cobrança e controle, passam pela relação de confiança e da corresponsabilidade pelo que se quer atingir.

NA PRÁTICA

Publish What You Fund[8] é uma campanha global focada na transparência de ajuda (aid) e desenvolvimento. A organização trabalha em três pilares estratégicos: Engajamento com dados para melhorar resultados e alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS); total transparência em dados financeiros de ajuda e desenvolvimento; e melhoria na qualidade e usabilidade dessas informações por meio de pesquisa, advocacy e expertise técnica.



8. *https://www.publishwhatyoufund.org/*

4) Uma andorinha só não faz verão

"A filantropia não tem todas as respostas. As OSC e as comunidades trazem uma perspectiva valiosa que dá subsídios para a estratégia e a abordagem do financiador, fazendo com que o trabalho seja mais bem-sucedido a longo prazo", destaca o supracitado guia.

Por isso se torna cada vez mais importante incluir os beneficiários no processo de avaliação, reconhecendo suas perspectivas como parte integrante da análise de impacto.

NA PRÁTICA

PA Grantmakers for Effective Organizations (GEO)[9] é uma comunidade de organizações que busca melhorar a eficácia da concessão de subsídios por meio de colaboração e compartilhamento de melhores práticas. A GEO atua para transformar a cultura e as práticas filantrópicas, conectando seus membros a recursos e relacionamentos necessários para apoiar ONGs e comunidades prósperas.

9. *https://www.geofunders.org/*

5) Dados – quando bem definidos e analisados – são o novo petróleo

O uso de dados para mensurar e avaliar iniciativas filantrópicas não é novidade. O que vem evoluindo é o olhar sobre quais dados importam e a utilização da tecnologia para analisá-los da melhor forma possível.

NA PRÁTICA

A **DataKind**[10] usa ciência de dados e inteligência artificial para resolver problemas sociais. A organização trabalha de perto com parceiros sem fins lucrativos para construir sua capacidade de usar dados de forma eficaz. Eles orientam as organizações em cada etapa, da idealização à implementação, focando em tornar as ferramentas de dados acessíveis e eficazes para as necessidades práticas. Além disso, a empresa também atua como um parceiro técnico das ONGs para desenvolver novos produtos e soluções de ciência de dados personalizados.

10. *https://www.datakind.org/*

FILANTROPIA 3.0: DADOS, TECNOLOGIA E COMUNIDADE PARA MENSURAR RESULTADOS

Durante o processo de produção deste relatório, Sanjay Purohit, líder da Societal Thinking (iniciativa da EkStep Foundation que consiste em uma metodologia pensada para resolver desafios sociais complexos com rapidez, escala e sustentabilidade), nos apresentou em primeira mão a Filantropia 3.0.

O conceito – que diz respeito a quando as decisões passam a ser pautadas pelo uso de tecnologia, dados e protagonismo dos stakeholders envolvidos – funciona como ferramenta para contribuir para mensurações eficientes.

Na visão do empreendedor de inovação social, ainda vivemos a filantropia pré-colaborativa, e precisamos evoluir direto para uma filantropia pós-colaborativa. Essa, aliás, é a base da Filantropia 3.0.

Ele explica as diferentes modalidades da filantropia – que coexistem, não são excludentes – da seguinte forma:

- A ***Filantropia 1.0*** é focada em estratégias locais, coordenação de atores e seleção de projetos específicos, com capital sendo usado diretamente para determinados fins.
- A ***Filantropia 2.0*** tem um enfoque mais sistêmico, acelerando estratégias e promovendo colaboração e programas, usando o capital como uma plataforma.
- Já a ***Filantropia 3.0*** representa uma abordagem que busca mudar o equilíbrio de toda a sociedade, ampliando ideias e fluxos, promovendo a cocriação e construindo um ecossistema aberto e diversificado.

	Filantropia 1.0	**Filantropia 2.0**	**Filantropia 3.0**
Escopo	Local	Sistemas	Equilíbrio
Estratégia	Crescimento	Aceleração	Amplificação
Abordagem	Coordenação	Colaboração	Cocriação
Atores	Seleção	Curadoria	Aberto
Modelo	Projetos	Programa	Plataforma
Capital	Direto	Plataforma	Ecossistemas

Em relação ao nível de decisão e controle em torno das estratégias filantrópicas, as mudanças são significativas.

- Filantropia 1.0 é sobre *"o meu projeto", "eu estou financiando", "meu nome está nele";*
- Filantropia 2.0 traz uma transição para um olhar mais coletivo: *"é o nosso programa";*
- Filantropia 3.0 propõe que **não se pense sobre um indivíduo ou determinado grupo, mas sim sobre o que a sociedade precisa.** Ou seja, nessa lógica, todos agem em prol de uma missão social, independentemente de quem faz parte do projeto.

Assim, quanto mais próximo da visão da Filantropia 1.0, maior a preocupação com o desempenho das ações, menor a análise do real impacto delas.

"Na missão social proposta pela Filantropia 3.0, o que se busca é o progresso, não só o desempenho. Estamos indo na direção certa? A dignidade e o poder de escolha das pessoas estão melhorando? Estamos vendo efeitos de rede? Estamos vendo a realocação de recursos do sistema?", reflete Purohit.

O indiano acrescenta que, na Filantropia 1.0, a confiança se constrói com base em relações pessoais e pessoas conhecidas. "É assim que se criam os 'queridinhos dos doadores', que sempre recebem financiamento de todos", lembra.

Em contraste, na Filantropia 3.0, todas as questões se baseiam em dados que vêm diretamente da sociedade – o que está acontecendo nas escolas e hospitais, por exemplo, não a partir de algum processo empresarial ou acadêmico distante da realidade que se pretende mudar.

"Embora seja um paradigma difícil de mudar, nosso foco está cada vez mais em trabalhar em missões sociais, com inovações profundas e dados em tempo real, em vez de apenas monitorar métricas em projetos baseados em relações já estabelecidas."
Sanjay Purohit

Filantropia 2.0 e 3.0 na prática

O Instituto Beja apoia a Coalizão pelo Impacto[11], uma iniciativa multissetorial nacional por mais e melhores negócios de impacto socioambiental correalizada pelo ICE (Instituto de Cidadania Empresarial), Instituto Helda Gerdau, Instituto Humanize e Somos Um, com a parceria estratégica da Cosan, Fundação FEAC, Fundação Grupo Boticário, Instituto Sabin, DPaschoal e Raia Drogasil.

Até 2027, a Coalizão pelo Impacto aportará R$ 34 milhões para desenvolver simultaneamente, em parceria com organizações locais, seis ecossistemas de impacto, em seis cidades das cinco regiões do Brasil: Belém (PA), Fortaleza (CE), Brasília (DF), Campinas (SP), Paranaguá (PR) e Porto Alegre (RS).

Por meio do fortalecimento de organizações com perfil de dinamizadoras e apoiadoras do ecossistema de impacto, a Coalizão pretende apoiar negócios de impacto que movimentarão PIBs locais com produtos e serviços que respondam a problemas socioambientais.

11. *https://coalizaopeloimpacto.org.br/*



6 ecossistemas de impacto, potencializados e estruturados até 2026, com até **600 negócios de impacto, apoiados nas 5 regiões do Brasil**

PROJEÇÃO INICIAL DE

R$ 34MI

em capital filantrópico aportados ao longo do projeto

R$ 60MI

a serem aportados para investimento direto em negócios de impacto

OS DIFERENTES MODELOS DE FILANTROPIA E FINANCIAMENTO

O empreendedor de inovação social Purohit conta que, ao explorar os caminhos para a evolução da filantropia, foi possível mapear os diferentes modelos nos quais o setor atua – e como eles se relacionam entre si.

Cocriação

Modelo Mapa de Calor

Financiadores criam grupos organizados com um escritório dedicado para criar um mapa de calor. Esse mapa foca em metas específicas – como principais desafios, iniciativas e riscos. O grupo então guia o investimento de acordo com essas metas e a visão dos participantes, tornando esse método especialmente eficaz para ações bem direcionadas e urgentes.

Modelo Wifi

Plataformas estabelecem a base para a cocriação em um ecossistema aberto, que promove mudanças em grande escala ao envolver diversos atores da sociedade civil, governos e setor privado. Esses ecossistemas aproveitam uma infraestrutura compartilhada, construída com capital filantrópico, e são especialmente eficazes para criar mudanças de equilíbrio na sociedade.

Modelo funil

Financiadores – sejam eles indivíduos ou organizações – compartilham suas intenções, missões ou teses e convidam pessoas a se candidatarem a bolsas ou subsídios. Eles então avaliam essas candidaturas com base em critérios definidos previamente, escolhem os programas mais promissores ou inovadores, concedem os recursos financeiros (com ou sem restrições) e acompanham o progresso em relação aos resultados esperados. Esse método é particularmente eficaz para estimular a inovação.

Modelo ampulheta

Plataformas são criadas com o apoio financeiro de vários financiadores, também conhecidos como colaborativos. Essas plataformas são especialistas em identificar e selecionar oportunidades de um lado e emparelhá-las com recursos do outro. Elas coordenam a identificação, o emparelhamento, a gestão e o monitoramento de grandes iniciativas de mudança. Esse método é especialmente eficaz para promover mudanças em sistemas.

Colaboração

Em resumo, enquanto os modelos de Funil e Ampulheta têm seu maior foco em inovação e mudança sistêmica, respectivamente, o modelo de Wi-Fi facilita a criação de ecossistemas abertos e diversos.

"A Filantropia 3.0 utiliza uma combinação dos modelos, com uma abordagem semelhante a um portfólio, para atingir os objetivos de desenvolvimento em escala e maximizar os resultados a partir do capital alocado", aponta Sanjay Purohit.

Nessa linha, ele indica que o modelo de Funil promove uma abordagem de **curadoria** para utilizar o capital; já o modelo de Mapa de calor possibilita a **convergência** do capital; e o modelo de Ampulheta é baseado na **colaboração** para financiamento. O modelo Wi-Fi, por sua vez, faz a **coordenação** desses diferentes tipos de capital.



Por fim, Purohit salienta que não há uma solução mágica, é preciso integrar e promover modelos diferentes para criar mais colaboração e cocriação entre o ecossistema social, liberando mais recursos e ampliando o impacto.

5.

Tendências tecnológicas que podem impactar a filantropia

Nas últimas duas décadas, a internet criou um ambiente para inovações sem precedentes florescerem. Agora, a Web3, tecnologias emergentes e um mundo interconectado trazem oportunidades inéditas para criar, colaborar e endereçar desafios socioambientais.

As palavras que inspiram as principais tendências tecnológicas que impactam a filantropia são: inteligência artificial, big data, blockchain, transparência, descentralização, colaboração e controle.

Na prática, a tecnologia ajuda a democratizar o processo de doação, criando canais, atraindo novos filantropos e facilitando processos para que indivíduos possam contribuir para causas que lhes são importantes.

Além disso, o avanço tecnológico possibilita que institutos e fundações façam uma gestão mais eficiente de recursos (e da organização), aprimorem processos de concessão e monitoramento de *grants*, por exemplo.

E ainda, para o ecossistema filantrópico, a (r)evolução tecnológica apresenta um cenário que possibilita que novos veículos financeiros sejam desenvolvidos, bem como novas ferramentas para o advocacy e para a eliminação de atritos nas relações com beneficiários.

Mapeamos sete grandes tendências que emergem desse contexto. Entenda cada uma delas por meio dos insights e histórias a seguir:

1.

A revolução do PIX

Segundo a Pesquisa Doação Brasil 2022[1], o volume de doações feitas por pessoas físicas a causas sociais e ambientais chegou a R$ 12,8 bilhões no ano passado. O PIX foi o meio usado em 39% delas. Na pesquisa anterior, feita em 2020, o meio de pagamento instantâneo tinha sido utilizado para realizar apenas 8% do total de doações.

O PIX é um exemplo simples de como a tecnologia pode transformar a cultura de doação rapidamente, mas é só a ponta do iceberg.

Amparadas pela intersecção entre blockchain, inteligência artificial e big data, múltiplas tendências na tecnologia sinalizam uma filantropia cada vez mais transparente, colaborativa e eficiente.

1. *https://www.idis.org.br/crescimento-das-doacoes-via-pix-e-destaque-na-folha-de-sao-paulo/*

2. *https://countrymeters.info/pt/Spain*

O "PIX ESPANHOL" E O MARKETPLACE DE ONGS PARA FOMENTAR DOAÇÕES

Na Espanha, que tem uma população estimada em 43 milhões de pessoas[2], um serviço semelhante ao PIX, chamado Bizum, tem atualmente mais de 20 milhões de usuários e está integrado aos principais bancos do país.

Em 2020, a fintech criou o Bizum.help, um marketplace de ONGs que atuam em variadas áreas. Cada organização tem um Bizum próprio, que é um código de cinco números necessário para as pessoas doarem.

Em 2022, foram realizadas 530 mil doações para ONGs e outras entidades sociais, somando mais de 22 milhões de euros. Do total doado, 63% foram para organizações que atuam no entorno de onde o doador vive, o que sinaliza a importância das ferramentas digitais para conectar comunidades. A facilidade de uso do Bizum, somada a uma rede consolidada e uma plataforma que conecta *new kids donors* com causas e instituições, cria um novo ecossistema de doação.

2.

As possibilidades trazidas pelo blockchain

Apesar de ser muito associado às criptomoedas, o blockchain é uma tecnologia universal para trazer transparência, rastreabilidade, eficiência, agilidade e segurança digital. É a base da chamada **Web3***.

*WEB3: POSSIBILIDADES INÉDITAS A PARTIR DO BLOCKCHAIN E DA TOKEN ECONOMY.

A Web3 apresenta uma nova era para a internet. Baseada na tecnologia blockchain, que incorpora conceitos como descentralização, economia baseada em tokens, criptomoedas e contratos inteligentes, a premissa da Web3 é que não seja controlada por uma única pessoa ou grupo, como hoje fazem as big techs. Em vez disso, é governada por uma comunidade de usuários que podem participar de sua construção e manutenção. É em meio a esse ambiente que as tendências eclodem.

Para institutos e fundações, na prática, o blockchain possibilita rastrear doações e monitorar recursos e projetos cirurgicamente. Além disso, essa tecnologia tem o potencial de aumentar a eficiência dos processos, acabar com a necessidade de intermediários, eliminar subjetividades nos dados e facilitar a escalabilidade das iniciativas.

A pesquisa State of Philanthropy Tech de 2022[3], publicada pela Technology Association of Grantmakers, analisou práticas tecnológicas de 277 organizações doadoras na América do Norte, União Europeia e Reino Unido, e aponta que 40% dos doadores corporativos estão explorando tecnologias blockchain, enquanto apenas 4% das fundações familiares e 6% das fundações independentes o fazem.

3. *https://cdn.ymaws.com/www.tagtech.org/resource/resmgr/sopt_2022/2022-philtechsurvey.pdf*

4. *https://red-social-innovation.com/wp-content/uploads/2023/06/Blockchain_EN.pdf*

5. *https://red-social-innovation.com/wp-content/uploads/2023/06/Blockchain_EN.pdf*

MOEDAS DE INCLUSÃO COMUNITÁRIA BASEADAS EM BLOCKCHAIN

Sarafu é uma Community Inclusion Currency (CIC)[4] baseada em blockchain lançada pela Kenyan Red Cross em parceria com a Danish Red Cross e Grassroots Economics para fortalecer a resiliência das comunidades marginalizadas e combater a escassez de liquidez.

Simplificando, CICs são vouchers eletrônicos baseados em blockchain que os membros da comunidade usam para comprar e vender itens de necessidades básicas diante de cenários de escassez de moeda.

A viabilidade das CICs depende de investimentos e doações para dar liquidez ao que é uma fonte de crédito local que promove o consumo dentro da comunidade, apoiando tanto os consumidores como as pequenas empresas. As CICs introduzem um mecanismo replicável para erradicar a pobreza e criar economias locais conectadas, inclusivas e sustentáveis.

> **"Devido à natureza distribuída e à criptografia integrada dos modelos blockchain, registros de transações monetárias comunitárias são imutáveis e seguros. Tentativas de fraude ou de acúmulo excessivo de tokens são prevenidos por meio de uma taxa que cobra o usuário que retém moedas e também por regulações que garantem que os tokens circulem apenas dentro da comunidade."**

Estudo de caso sobre o Sarafu, disponível no relatório How blockchain can possibly improve humanitarian actions[5], publicado em março de 2023 pela Red Social Innovation em parceria com a British RedCross.

BUILDING BLOCKS: A MAIOR INICIATIVA DE USO HUMANITÁRIO DE BLOCKCHAIN NO MUNDO

Desenvolvida pela The World Food Programme (WFP), Building Blocks (BB) é uma rede blockchain que conecta organizações humanitárias que prestam assistência variada para as mesmas pessoas.

Os beneficiários do BB podem ter acesso em uma só conta a uma variedade de itens distribuídos por diferentes organizações – como dinheiro, alimentos, educação ou serviços de saúde. A assistência coletiva é coordenada e equitativa, e todas as organizações que utilizam a plataforma são proprietários e gerentes iguais, sem hierarquia.

Ou seja, a tecnologia permite que organizações trabalhem em colaboração e coordenem esforços e recursos para servir mais pessoas de forma mais eficaz.

Segundo informações da WFP, "o BB atende mais de 1 milhão de refugiados na Jordânia e em Bangladesh, já processou 460 milhões de dólares para alimentos em 20 milhões de transações e poupou 3 milhões de dólares em taxas bancárias. O BB também foi rapidamente mobilizado em resposta à explosão de Beirute em agosto de 2020, coordenando 59 milhões de dólares de assistência a 130 mil pessoas em nome de 17 organizações".

3.

DeFi e a filantropia

DeFi, ou finanças descentralizadas, é um termo usado para descrever um conjunto de serviços e produtos financeiros que são construídos em cima de blockchains.

Esses serviços e produtos são projetados para serem mais eficientes, transparentes e seguros do que os serviços financeiros tradicionais, geralmente controlados por instituições financeiras centralizadas. As finanças descentralizadas estão possibilitando o surgimento de iniciativas como o Daffy, aplicativo de DAF *(Donor Advised Funds)* que permite aos usuários automatizar suas doações para quase todas as instituições de caridade dos EUA.

A plataforma oferece benefícios fiscais – como deduções imediatas no imposto de renda e crescimento isento de impostos do fundo – e também permite que os usuários agrupem suas contribuições de caridade para maximizar os benefícios fiscais. Ainda, a ferramenta oferece portfólios de investimento, incluindo opções padrão, ESG e cripto, e facilita a descoberta de novas instituições de caridade através de recomendações.

4.

DAOs: colaboração amparada pela tecnologia

Outra aplicação não financeira da Web3 que pode ter relevância para a filantropia são os *Decentralized autonomous organizations* (DAOs[6]).

Trata-se de uma nova forma de estrutura organizacional em que múltiplos intervenientes podem trabalhar em conjunto, mas sem a necessidade de qualquer autoridade ou hierarquia centralizada. Isso é possível por meio da utilização dos chamados contratos inteligentes, que executam funções automaticamente quando determinados critérios são cumpridos, sem a necessidade de supervisão de terceiros.

O FUTURO DA FILANTROPIA?

A **Endaoment** se autodenomina *A Instituição Filantrópica do Futuro.*

A partir de uma infraestrutura on-chain e serviços filantrópicos baseados na Web3, proporciona uma experiência de doação mais rápida e transparente. A plataforma é inteiramente alimentada por contratos inteligentes.

6. *https://impacts.ixo.world/impactdao-ism/*

7. *https://www.ubs.com/microsites/player/en/videoplay.html?id=6328265902112*

5.

A Token economy e o Financiamento Baseado em Resultados

O Financiamento Baseado em Resultados (*Outcome Based Funding*) envolve doadores concordando em financiar projetos de impacto, mas só efetuando o pagamento se os resultados desejados forem alcançados.

Tal mecanismo contribui para a remoção de atritos entre múltiplas partes interessadas, o aumento da transparência e confiança, a redução dos custos do projeto e o acesso contínuo a investimentos a um preço que reflete a probabilidade de o objetivo acordado ser alcançado.

Um exemplo vem do UBS[7], que em 2022 se uniu à plataforma de blockchain *ixo* e a um app de educação para crianças chamado Chimple para criar um mecanismo de financiamento baseado em resultados no estado de Karnataka, na Índia.

O mecanismo de financiamento adaptativo da *ixo* gira em torno de um fundo descentralizado que detém todos os recursos levantados e necessários para implementar o projeto.

O projeto-piloto, que durou 12 meses, utilizou o mecanismo blockchain da ixo em conjunto com um programa educacional conduzido por tablets criado pela Chimple e distribuído a crianças de escolas primárias desfavorecidas.

As crianças selecionadas receberam tablets que enviavam, continuamente, dados sobre o progresso da aprendizagem ao mecanismo de financiamento adaptativo, criando uma visão confiável e transparente da probabilidade de atingirem a meta de resultado.

Ao fim do teste, os alunos que receberam a intervenção superaram em 50% o resultado alvo, obtendo resultados 28% mais altos que os que não participaram do programa. O sucesso gerou um pagamento de resultado automatizado para o fundo, e os tokens das partes relevantes puderam ser trocados por um valor em dinheiro.

"A token economy tem o potencial de promover disrupções em inúmeras indústrias precisamente devido à sua capacidade de aumentar a transparência, revelar novas áreas de criação de valor e capacitar os indivíduos de formas anteriormente não possíveis. A economia de tokens digitais nascida das atuais inovações de blockchain possui a capacidade única de capacitar indivíduos, bem como de criar sistemas financeiros baseados na governança comunitária compartilhada, em vez de instituições centralizadas como bancos, empresas de cartão de crédito ou cartórios."

Trecho do artigo *The Token Economy and the Future of Individual Empowerment*[8], escrito por Mary C. Lacity (professora de Sistemas de Informação e Diretora do Centro de Excelência Blockchain da Sam M. Walton College of Business – University of Arkansas) e Ryan Sheets (Diretor do Laboratório de Comunicação Empresarial da Sam M. Walton College of Business – University of Arkansas)

8. *https://walton.uark.edu/insights/posts/the-token-economy-and-the-future-of-individual-empowerment.php*

6.

Worldcoin: biometria da íris como identidade e ativo digital

A Worldcoin visa proteger a privacidade, promover um processo democrático global e, eventualmente, abrir caminho para a renda básica universal.

Lançado em julho de 2023 por Alex Blania e Sam Altman, cofundador da OpenAI, o Worldcoin tem a missão de construir a maior rede financeira e de identidade do mundo como um serviço público, dando propriedade a todos em um mundo onde a inteligência artificial estará cada vez mais presente.

A meta dos fundadores é ambiciosa. A Worldcoin visa proteger a privacidade, promover um processo democrático global e, eventualmente, abrir caminho para a renda básica universal. Para isso, conta com um dispositivo chamado Orb, que parece uma bola de boliche metálica e que fotografa a íris do usuário e a transforma em um código único.

Além de ser um documento de identidade intransferível, a Worldcoin disponibiliza um app e uma criptomoeda (WLD) própria aos usuários. A tecnologia ainda está em fase inicial e sob o escrutínio das autoridades globais, mas está aqui porque é mais uma ferramenta da Web3 que nasce com a promessa de descentralizar poderes, reforçar a segurança digital e a transparência e, por que não, distinguir humanos de bots.

7.

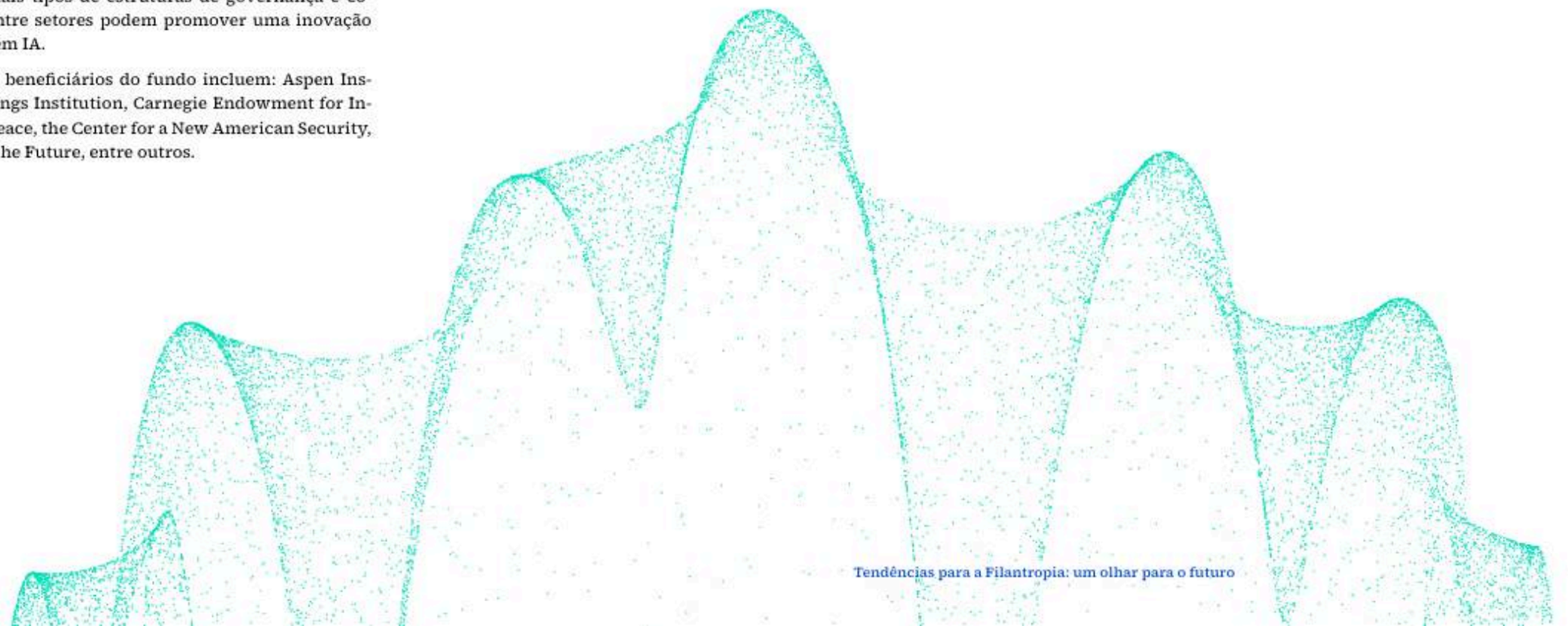
Financiamento para "Responsible AI"

O Google.org, braço filantrópico do Google, anunciou em setembro que criou um fundo de 20 milhões de dólares para prover *grants* para *think tanks* e instituições acadêmicas que desenvolvem expertise em inteligência artificial (IA).

A fundação afirma que vai financiar pesquisadores independentes que investigam o impacto da IA na segurança global ou como a IA pode reforçar a segurança em empresas e organizações. O Google também quer entender como a IA vai influenciar o mercado de trabalho e como a força de trabalho pode ser preparada para os empregos futuros relacionados à IA.

Outro ponto que receberá atenção é como os governos podem aproveitar a IA para impulsionar a produtividade e o crescimento econômico. Por fim, a organização planeja investigar quais tipos de estruturas de governança e colaborações entre setores podem promover uma inovação responsável em IA.

Os primeiros beneficiários do fundo incluem: Aspen Institute, Brookings Institution, Carnegie Endowment for International Peace, the Center for a New American Security, MIT Work of the Future, entre outros.



+ EXPECTATIVAS PARA O FUTURO DA CRIPTO FILANTROPIA

O relatório Crypto Philanthropy Data, Trends & Predictions 2023[9] aponta que, em 2022, mais de 125 milhões de dólares foram doados por meio de criptomoedas. O estudo feito pela The Giving Block[10] estima que a marca de um bilhão de dólares doados por criptomoedas será atingida em 2027, e que mais de 10 bilhões de dólares doados somente em 2034.

Segundo o mesmo relatório, a maior parte das doações (58%) são de valores superiores a 100 mil dólares e 34% variam entre mil e 100 mil dólares.

Além disso, em 2022, 1.052 ONGs se cadastraram no The Giving Block, e a projeção é que até o fim de 2024 as 100 principais instituições de caridade dos EUA aceitem doações em criptomoedas.

Em julho de 2022, um relatório do Boston Consulting Group, Bitget e Foresight Ventures previu que, em 2030, haverá um bilhão de usuários de cripto. Hoje, estima-se que sejam 420 milhões de usuários.

9. https://go.thegivingblock.com/hubfs/Annual%20Report/2023%20Annual%20Report%20on%20Crypto%20Philanthropy.pdf

10. The Giving Block é uma organização que oferece uma solução de doação de criptomoedas para milhares de organizações sem fins lucrativos, universidades e organizações religiosas em diversos países.

6.

Advocacy além do óbvio: tendências, reflexões e novas perspectivas

As tendências relacionadas ao advocacy, ainda que indiretamente, estão presentes por todo este relatório. Afinal, a prática se relaciona com tudo o que aponta para o rompimento de paradigmas e para a promoção de transformações em escala. Além disso, é uma ferramenta que possibilita que a filantropia contribua para mudanças sistêmicas.

Ainda que se desenrole, majoritariamente, nas esferas da influência política, jurídica, da comunicação e da mobilização social, há nuances dentro desse tema que sinalizam possibilidades que fogem ao óbvio e promovem reflexões. Neste capítulo, você vai conhecer histórias que trazem um olhar oxigenado para o advocacy.

São iniciativas, perspectivas e reflexões que revelam uma filantropia cada vez mais conectada com a ideia de formar laços com agentes públicos de forma transparente e genuína, de reconhecer seu papel e responsabilidade, de impulsionar as potencialidades de cada ator do ecossistema e de buscar refundar estruturas, muitas vezes sem nenhum glamour e fazendo trabalho de base.

Dividimos histórias específicas que indicam movimentos ligados à influência, reparação histórica, protagonismo e deslocamento de estruturas de poder. De milionários que usam sua influência para se tornarem *plataformas humanas de advocacy* a estratégias que envolvem financiamento em nível estrutural e que não costumam receber muita atenção.

Tim Draimin, Senior Fellow da Community Foundations of Canada, abre essa conversa sintetizando os desafios da nossa era e evidenciando o caminho para o fortalecimento do advocacy:

> **"Quando estamos falando de algo que está sendo construído em um período longo, temos que entender que não iremos apenas celebrar picos maravilhosos. Haverá muitos vales, e para ser capaz de lidar com as demandas emocionais de tudo isso, precisamos ter relacionamentos realmente fortes entre todos os diferentes atores. Estamos falando sobre colaboração relacional. E eu acredito que na colaboração relacional, o subtexto é que a colaboração avança à velocidade da confiança".**

COMO SE ENVOLVER EM ADVOCACY

O relatório Philanthropy Advocacy Playbook[1], publicado pela Alliance for Justice (AFJ), associação composta por mais de 100 organizações dos Estados Unidos comprometidas com "uma América justa, livre e equitativa, onde todos têm igual acesso à justiça e podem participar plenamente em nossa democracia", resume as possibilidades de envolvimento de fundações em advocacy da seguinte forma:

Envolvimento da Fundação em Advocacy:

Financiar

SEQUÊNCIA CONTÍNUA DE PAPÉIS

Engajar

- **Construtor de capacidades:**
  Desenvolve a capacidade das organizações beneficiárias para fazer advocacy e lobby*.
- **Apoiador geral:**
  Financia organizações que fazem advocacy por meio de grants.
- **Respondedor:**
  Não inicia proativamente a mudança de políticas, mas está preparado para responder.
- **Facilitador:**
  Reúne organizações sem fins lucrativos e lideranças políticas para encontrar soluções.
- **Financiador de projetos específicos:**
  Financia partes de projetos de advocacy.
- **Defensor:**
  Defende de forma enfática ou discreta sua agenda de políticas públicas.
- **Lobista:**
  Fundações de caráter público fazem lobby diretamente pela mudança de políticas.

***ADVOCACY X LOBBY**

Ambas as atividades desempenham papéis importantes na defesa de interesses e na promoção de mudanças sociais e políticas. O lobby se concentra na influência direta sobre os formuladores de políticas governamentais, enquanto o advocacy é uma atividade mais ampla, que busca apoiar causas ou questões específicas, muitas vezes com uma abordagem que envolve a mobilização da sociedade civil e a sensibilização pública.

1. *https://bolderadvocacy.org/wp-content/uploads/2015/09/AFJ-Advocacy-Playbook-web.pdf*



Taxação justa / Taxem os ricos
Patriotic Millionaires UK

2. *https://patrioticmillionaires.org/about/*

3. *https://patrioticmillionaires.uk/about-us*

1) MILIONÁRIOS MILITANTES

Durante a edição de 2023 do World Economic Forum, que acontece anualmente em Davos (Suíça), o milionário britânico Phil White protestou pedindo para os ricos serem taxados. Ele faz parte da Patriotic Millionaires UK, organização formada por fundadores, CEOs, herdeiros e aposentados do mercado financeiro interessados em reduzir desigualdades.

O movimento[2] começou nos Estados Unidos, em 2010, com o objetivo de garantir que a economia política do país fosse estruturada para atender às necessidades dos cidadãos comuns, e não apenas dos milionários. Para isso, defende três princípios fundamentais:

I) Sistema tributário altamente progressivo;

II) Salário-mínimo digno;

III) Representação política igualitária para todos os cidadãos.

O braço britânico do movimento destaca que sua contribuição singular é utilizar a voz de milionários para advogar publicamente pelo fim da extrema riqueza. "Atuamos como uma voz estabelecida com uma mensagem radical, colaborando com aliados para apoiar outros que lutam por mudanças econômicas", afirmam os membros, no site do movimento.

"Eu não sou mais altruísta do que o próximo. Eu simplesmente tenho ganância por um tipo diferente de país."

Morris Pearl[3]
Chair – Patriotic Millionaires

2) FINANCIAMENTO A NÍVEL ESTRUTURAL

Louise Pulford é CEO da SIX – Social Innovation. Em entrevista exclusiva ao Filantropando 2, ela falou sobre a importância de financiar iniciativas a níveis estruturais como uma estratégia de advocacy e para promover mudanças sistêmicas, e sugeriu que os financiadores considerem ampliar sua atuação para áreas que impactam as bases das estruturas sociais e políticas.

Para ilustrar essa ideia, Pulford conta que a SIX ajudou uma organização a examinar o papel da filantropia e sua influência em torno da agenda ESG. "É uma área muito perspicaz e pouco glamourosa, mas é realmente importante. A filantropia poderia financiar muito mais esse tipo de iniciativa para inspirar mudanças sistêmicas", reflete.

Na visão dela, o financiamento direcionado para o advocacy estrutural é uma resposta à necessidade crescente de abordagens que transcendem soluções pontuais. Essa abordagem não apenas enfrenta os sintomas, mas ataca as raízes dos problemas e desenha o caminho para uma filantropia verdadeiramente transformadora.

Uma fundação que caminha neste sentido é a Porticus, que trabalha globalmente para promover mudanças sistêmicas e está envolvida no estudo do papel da filantropia em influenciar o movimento de negócios para o bem. "Ao aproveitar o poder dos negócios para o bem, podemos construir um futuro mais sustentável e equitativo. Um planeta saudável, com pessoas saudáveis, não é apenas benéfico para o resultado final. Ele é o próprio resultado final", declara a organização em seu site oficial.

POR FALAR EM GOVERNO...

The Public Rights Project[4] (PRP) é uma OSC de Oakland, Califórnia, que ajuda autoridades governamentais locais a se tornarem aliadas na luta pelos direitos civis. A organização auxilia os governos a colaborarem com as comunidades para utilizar seu conhecimento, muitas vezes subutilizado ou mal utilizado, na proteção dos direitos civis. A PRP capacita autoridades governamentais de cidades, estados e tribos na defesa dos direitos civis por meio de litigação, treinamento e desenvolvimento profissional, conexões e storytelling.

4. *https://www.publicrightsproject.org/strategic-engagement – Impact Report*

3) CONSTRUIR PONTES E FOMENTAR A COLABORAÇÃO

Do Canadá, vem uma história que lembra que as conexões humanas são a base do advocacy.

Lisa Wolverton é CEO da The Philanthropy Workshop Canadá, uma comunidade global que reúne mais de 400 líderes comprometidos em resolver os problemas sociais mais urgentes do mundo.

Ela relata que organizou uma viagem a Ottawa para 14 financiadores canadenses se sentarem com diferentes membros do governo e terem uma conversa aberta, "sem apresentações, sem gravações, apenas uma conversa franca sobre como nós, como financiadores, podemos colaborar com o governo, como podemos nos aproximar do governo e como consideramos o advocacy uma ferramenta importante".

Segundo Wolverton, muitos financiadores não compreendem o seu papel em influenciar ou trabalhar com o governo, por isso, conexões como essa se tornam um ativo importante para inspirar parcerias.

"Um funcionário do governo nos disse: 'sabe, é a primeira vez que realmente me sentei na frente de um grupo de financiadores e eles não me pediram nada. Foi realmente apenas uma conversa sobre o que fazemos, o que estamos tentando alcançar e como podemos colaborar juntos'. Assim foi o início da construção de pontes entre o governo canadense e a comunidade filantrópica."

4) UNIVERSIDADES COMO PROTAGONISTAS

Pacto Alegre é um movimento que nasceu em 2019, em Porto Alegre (RS), a partir de uma articulação de três universidades – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, PUCRS e Unisinos – e que envolve Prefeitura, Governo do Estado, setor privado e sociedade civil organizada. O objetivo é transformar a capital gaúcha em um ecossistema global de inovação, com forte impacto social e ambiental.

Jorge Audy é superintendente de inovação e desenvolvimento da PUCRS e atua com inovação há quase 40 anos.

Ao longo de sua carreira no ecossistema de inovação, conta que já viu diversos projetos irem e virem após transições de poder na esfera municipal e estadual. No livro *As Cidades e o Futuro: Modelo de Pacto de Inovação*, da Editora Bookman, ele fala sobre os quatro ciclos de Porto Alegre, que teve início na década de 1990.

"O que aconteceu nos três primeiros ciclos é que o protagonismo sempre foi dos governos. E o protagonismo do governo tem um problema muito sério: ele tem um impulso muito forte durante o período da gestão vigente, mas tende a ser apagado da história quando há uma transição de poder. Nós vivemos isso em Porto Alegre. Nos três primeiros ciclos (décadas de 1990, 2000 e 2010) tivemos avanços e iniciativas muito interessantes, mas cada vez que mudava o governo, voltávamos para a estaca zero – ou pelo menos regredíamos."

O objetivo é transformar a capital gaúcha em um ecossistema global de inovação, com forte impacto social e ambiental.

No quarto ciclo ocorreu algo inédito, que Audy credita a um trabalho de deslocar o protagonismo para as universidades, que veio do aprendizado acumulado pelo ecossistema de impacto da cidade. "Foi a primeira vez que houve uma troca no governo municipal e o projeto não acabou. O Pacto Alegre continuou. A universidade tem a característica de ter um grau de estabilidade muito maior do que os governos, que mudam a cada quatro anos, e as empresas, que vivem em um contexto de crises econômicas e políticas", analisa.

Esse protagonismo, segundo Audy, não tem a ver com contratos assinados ou acordos firmados, mas com a liderança das iniciativas e a autonomia financeira. Hoje, por ter apoio da iniciativa privada e da sociedade civil, o Pacto Alegre não depende de recursos públicos. Em outras experiências, mudanças de governo muitas vezes significavam cortes de recursos e projetos engavetados. "Agora não, porque todos os recursos necessários para a manutenção do projeto vieram da iniciativa privada, isso dá independência", celebra.

5) CONTEÚDO COMO ESTRATÉGIA (IN)DIRETA DE ADVOCACY

Em 2020, o programa Philanthropy and Nonprofit Leadership, da Carleton University, em parceria com a Network For The Advancement of Black Communities[5], publicou *Unfunded*[6], um relatório que denunciava a invisibilidade da comunidade negra para o ecossistema filantrópico canadense.

Entre 2017 e 2018, apenas 0,13% dos recursos doados pelas 10 maiores fundações do país foi direcionado para organizações que servem à população negra. Além disso, 0,03% de um total de 877 milhões de dólares em *grants* foram destinados a organizações geridas por pessoas negras.

O relatório deixa claro que, além de restrito, o financiamento é esporádico, insustentável e não investe nas capacidades de longo prazo desses grupos.

O estudo teve grande repercussão e inspirou o governo canadense a criar um *endowment* de 200 milhões de dólares para endereçar a causa.

Em fevereiro de 2023, a administração do fundo foi entregue à Foundation for Black Communities (FFBC) para fornecer suporte direto a organizações sem fins lucrativos e entidades beneficentes registradas em todo o país, com foco e liderança negra. Tim Draimin conta que essa é uma forma de tentar reestruturar o universo filantrópico.

"Essas fundações têm um ponto de partida completamente diferente. Acho que agora temos a chance de dizer a nós mesmos que encorajar mais filantropia não significa que precisamos incentivar a mesma filantropia. Talvez precisemos de uma nomenclatura e linguagem melhores para inferir que o que estamos falando é: queremos falar menos sobre filantropia e mais sobre mudança social. A palavra filantropia vem do grego e significa 'amor pela humanidade'. Isso é muito bom, mas tem mais a ver com onde você começa. Não é onde você quer terminar, certo? Como mudamos essa conversa de filantropia para mudança social?", provoca.

5. *https://www.forblackcommunities.org*

6. *https://www.forblackcommunities.org/assets/docs/Unfunded-Report.pdf*

O estudo teve grande repercussão e inspirou o governo canadense a criar um *endowment* de 200 milhões de dólares para endereçar a causa.

6) ADVOCACY PARA INSPIRAR TRANSFORMAÇÕES EM ESCALA

A North Pine Foundation investe capital de risco para alcançar resultados escaláveis em comunidades selecionadas e subatendidas no Canadá. Aatif Baskanderi, CEO da fundação, disse que do ponto de vista da North Pine, advocacy tem a ver com fazer algo por meio do que chamam de pesquisa e desenvolvimento aplicados "até o ponto em que simplesmente faça todo o sentido para o governo adotar como uma solução".

"Fazemos isso com cada um de nossos projetos. Construímos relacionamentos com pessoas no governo que podem ser apropriadas para cada iniciativa que estamos financiando e, basicamente, mostramos os aprendizados e os resultados. Assim, o governo pode analisar e, se considerar interessante, pode se engajar. Normalmente, esperamos que nossos projetos levem de dois a três anos para se provar, e enquanto estamos executando, temos essas conversas com os parceiros apropriados. Às vezes é o governo, às vezes é o setor privado", explica.

7) ESCUTA ATIVA E APOIO A AGENTES DE IMPACTO

A filantropia pode ser uma alavanca para aprimorar políticas públicas e apoiar formuladores, implementadores e agentes de impacto.

Segundo Leticia Born, Program Manager para a América Latina da Co-Impact, a sociedade civil organizada é quem entende o que é necessário para esse aprimoramento. Portanto, a parceria entre ONGs e governos pode ser muito frutífera para ganhos de abrangência de impacto. "O recurso filantrópico serve ao fortalecimento das ONGs para que possam desenvolver esse trabalho e essas estratégias", explica.

Para ela, esse suporte é essencial para que as organizações possam desenvolver as estratégias e executar o trabalho necessário. "Organizações com foco em causas feministas e antirracistas, por exemplo, muitas vezes não recebem o respaldo que merecem, apesar de serem as mais experientes no desenvolvimento de estratégias eficazes para combater a discriminação e a pobreza. Logo, entender o que essa organização precisa e procurar apoiá-la nesse sentido é fundamental. Por isso a escuta é muito importante".

A filantropia atenta ao advocacy a partir de uma escuta ativa pode auxiliar no desenvolvimento de estratégias consistentes de engajamento com o setor público. Born lembra que isso envolve a identificação de agentes públicos que são atores-chave e que desempenham papéis cruciais no processo. "Além disso, iniciativas como pesquisas e mapeamentos podem oferecer insights valiosos para o aprimoramento das políticas públicas. Acredito que a filantropia pode ajudar nesse meio do caminho entre organização e setor público para prover recursos que nenhum outro ator consegue, pois tem mais flexibilidade na alocação", aponta.

7. *https://hi.advocacy-institute.org/*

8. *https://bolderadvocacy.org/wp-content/uploads/2015/09/AFJ-Advocacy-Playbook-web.pdf*

VALE CONHECER:

The Advocacy Institute[7] ajuda organizações ligadas à justiça social em Nova York a aprimorarem suas habilidades de advocacy, conhecimento e influência para influenciar políticas governamentais em prol de um estado mais justo e equitativo. Além disso, o instituto administra uma iniciativa abrangente de desenvolvimento de liderança voltada para aprimorar as habilidades de líderes emergentes de comunidades marginalizadas.

10 melhores práticas para apoiar o advocacy[8]

CONSTRUIR CONFIANÇA

1) FORNECER FINANCIAMENTO PLURIANUAL, uma vez que alcançar objetivos de advocacy pode exigir vários anos de trabalho.

2) OFERECER APOIO OPERACIONAL GERAL para fornecer aos beneficiários a capacidade de ajustar seu trabalho de advocacy em circunstâncias em constante mudança, dar flexibilidade e permitir que fortaleçam sua capacidade de advocacy.

3) PERMITIR O MÁXIMO ESPAÇO PARA AÇÕES POLÍTICAS e eleitorais permitidas por lei, sem impor restrições excessivas.

CONTRIBUIR PARA KNOW-HOW NO CAMPO

4) CONTRATAR FUNCIONÁRIOS E CONVIDAR MEMBROS PARA O CONSELHO COM EXPERIÊNCIA EM POLÍTICAS OU ADVOCACY, pois funcionários e membros do conselho familiarizados com o trabalho de formulação de políticas podem ajudar uma fundação a moldar uma estratégia de advocacy que atenda aos seus objetivos.

5) AUMENTAR A CAPACIDADE DE ADVOCACY DOS PARCEIROS BENEFICIÁRIOS ao apoiar o treinamento de habilidades de advocacy, o desenvolvimento de coalizões, capacidades de comunicação e planejamento. Igualmente importante, as fundações não devem apenas celebrar as "vitórias" de seus beneficiários no advocacy; elas também devem comemorar os sucessos dos beneficiários em adquirir conhecimento, habilidades e práticas de advocacy.

6) AUXILIAR OS PARCEIROS BENEFICIÁRIOS A ENTENDEREM AS REGRAS LEGAIS DO ADVOCACY, apoiando treinamentos e o desenvolvimento de recursos educacionais.

7) AVALIAR O TRABALHO DE ADVOCACY COM OS PARCEIROS BENEFICIÁRIOS, valorizando os feedbacks quantitativos e qualitativos, além de garantir que os beneficiários sejam verdadeiros parceiros no processo de avaliação. Afinal, onde estariam as fundações se não pudessem fornecer subsídios aos parceiros apoiados?

MELHORAR A COMUNICAÇÃO

8) COLABORAR COM OUTRAS FUNDAÇÕES para aumentar e coordenar os recursos e ideias disponíveis.

9) OUVIR AS NECESSIDADES DOS PARCEIROS BENEFICIÁRIOS E COMUNICAR O APOIO DA FUNDAÇÃO AO ADVOCACY para que os parceiros beneficiários se sintam à vontade para incluir o advocacy em suas propostas.

10) COMPARTILHAR OS SUCESSOS NO ADVOCACY COM OUTRAS FUNDAÇÕES, pois nenhuma fundação possui recursos suficientes para resolver todos os problemas que precisam ser resolvidos. As fundações podem liderar inspirando e incentivando seus pares a apoiarem o trabalho de formulação de políticas e advocacy.

11) QUE "MELHOR PRÁTICA" VOCÊ PODERIA ADICIONAR?

7.

Comunicação e storytelling para aumentar o engajamento e o impacto

No artigo *Content is king*[1], escrito em 1996, Bill Gates disse que acreditava que a internet se tornaria um marketplace de conteúdo nos anos que se seguiriam. Nas palavras do bilionário da tecnologia, "as amplas oportunidades para a maioria das empresas envolvem fornecer informações ou entretenimento. Nenhuma empresa é pequena demais para participar".

A previsão de Gates não apenas se confirmou, como virou parte importante da estratégia de empresas privadas, órgãos públicos e, também, organizações filantrópicas. Mas, com o tempo, a disputa por atenção entrou nesse jogo, e o olhar sobre o conteúdo precisou ser refinado por quem quisesse se sobressair, transformando o *storytelling* em majestade.

"As pessoas ouvem estatísticas, mas elas sentem histórias", escreveu **Brent Dykes**[2], autor de *Effective Data Storytelling: How to Drive Change with Data, Narrative, and Visuals*, em um artigo publicado na Forbes.

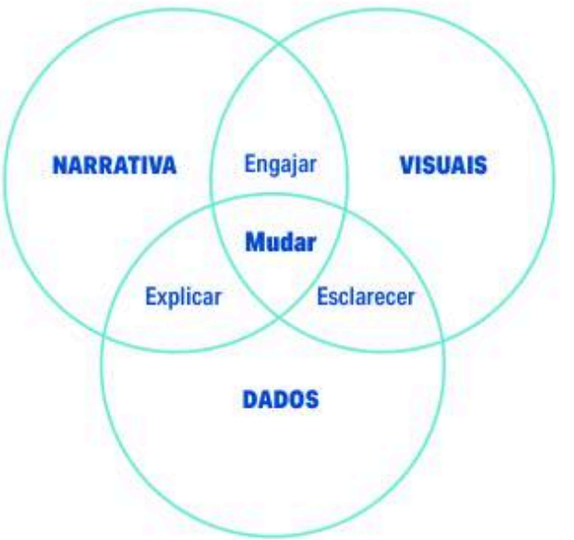
Dykes conta que pesquisadores testaram duas versões de um folheto que incentivava os leitores a fazerem doações para a organização beneficente Save the Children. A primeira trazia estatísticas sobre a situação das crianças africanas; a segunda contava a história de Rokia, uma menina de sete anos que vivia no Mali, na África.

1. *https://medium.com/@HeathEvans/content-is-king-essay-by-bill-gates-1996-df74552f80d9#:~:text=Ever%20wondered%20where%20the%20phrase,as%20it%20was%20in%20broadcasting.*

A doação média feita por quem teve acesso à versão infográfica foi de US$ 1,14 por participante, enquanto a que se baseava na história da Rokia recebeu em média US$ 2,38 por doador.

"Apenas apresentar a 'evidência' não trará mudanças. Primeiro, você precisa fazer as pessoas se importarem com o problema. E é isso que o storytelling faz."
Brett Davidson, Open Society Foundations

Mas a narrativa, sozinha, pode não ser suficiente. É preciso conectá-la a dois outros elementos, dados e imagens, o chamado *data storytelling*.



2. *https://www.forbes.com/sites/brentdykes/2016/03/31/data-storytelling-the-essential-data-science-skill-everyone-needs/?sh=53a173a252ad*

A ONG britânica Marie Curie, que oferece cuidado e apoio a pessoas vivendo doenças terminais e a suas famílias, é reconhecida no terceiro setor por utilizar estratégias de *data storytelling*.

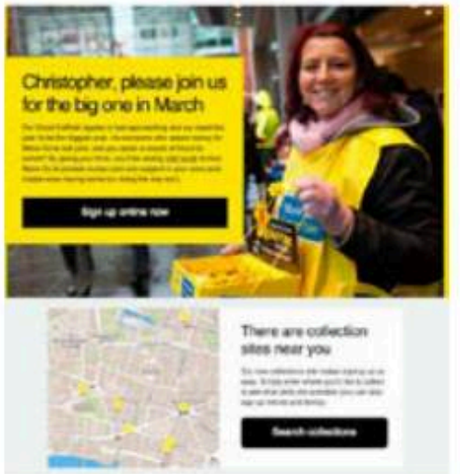
Desde 1986, todo mês de março, a organização realiza a campanha *The Great Daffodil Appeal*, que leva voluntários para as ruas das cidades do Reino Unido para arrecadar fundos – em troca, os doadores recebem um broche de um narciso, a flor que simboliza a campanha.

Uma das convocações feitas pela ONG foi personalizada a partir de dados de cadastro dos apoiadores. O e-mail que os possíveis voluntários receberam levava em conta sua localização (a partir do CEP cadastrado) para indicar os locais de arrecadação. A mensagem incluía também um mapa detalhando os endereços de coleta mais próximos de cada apoiador.

Além disso, a Marie Curie utilizou modelagem para obter uma população-alvo e impulsionar mensagens específicas baseadas em *personas*, levando em consideração o histórico de coleta e as interações anteriores com a instituição.

Essas duas histórias indicam algo que se percebe ao olhar para o futuro da filantropia usando as lentes da comunicação: o potencial do *data storytelling* para amplificar o alcance, o engajamento e o impacto de ações apoiadas por iniciativas filantrópicas.

Mas essa estratégia não vem sozinha. Quatro tendências despontam a partir desse contexto, e diversas histórias mostram caminhos para inserir-se nelas.



Christopher, por favor, junte-se a nós para a grande ação em março.

Nosso *Great Daffodil Appeal* está muito perto e precisamos que este ano seja o maior de todos. Como alguém que arrecadou dinheiro para Marie Curie no ano passado, você pode dispensar algumas horas para nos ajudar? Ao doar o seu tempo, você irá angariar fundos muito importantes para ajudar a Marie Curie a prestar cuidados e apoio cruciais na sua área (e talvez você até se divirta no enquanto isso!).

Inscreva-se online agora.

Estes são os locais de coleta de fundos perto de você.

O nosso novo site de arrecadações torna a sua inscrição muito fácil. Basta indicar onde você gostaria de fazer a coleta para ver as vagas disponíveis (você também pode inscrever amigos e familiares).

Pesquisar coletas.

1) NOVAS NARRATIVAS PARA UMA NOVA SOCIEDADE

"Não há transformação social sem transformação de cultura e de crenças. Só querer transformar através de *advocacy*, assistencialismo e políticas públicas não é suficiente se a gente não transformar as culturas e a visão do que é possível dentro de uma sociedade. E isso, as histórias, o *storytelling*, entre suas múltiplas formas, seus múltiplos formatos, suas múltiplas linguagens, ajudam a fazê-lo."

Graciela Selaimen
Líder Regional da América Latina
IRIS – The International Resource for Impact and Storytelling

Criar novas narrativas e alterar narrativas vigentes não se trata de alterar quais relatos de notícias são transmitidos. "Em vez disso, a mudança de narrativa consiste em reformular as histórias que vêm à mente depois de ouvirmos essas notícias. Trata-se de redesenhar o caminho entre o que ouvimos e como atribuímos significado [a algo]", explicam Ai-jen Poo e Eldar Shafir, autores do estudo Changing the Narrative[3].

Os dois admitem, porém, que a mudança de narrativa não acontece de uma hora para outra. "Desfazer crenças arraigadas levará tempo. Isso é um trabalho de longo prazo" – e de muitas histórias.

A continuidade do impacto[4], do programa *Animating Democracy*, da organização *American for the Arts*, ilustra o caminho que as histórias – combinadas a outras estratégias de amplificação de impacto relatadas ao longo do *Filantropando 2* – percorrem até ajudar a promover mudanças sistêmicas.

Continuidade do impacto



3. *https://www.mobilitypartnership.org/changing-narrative*
4. *https://animatingdemocracy.org/sites/default/files/pictures/continuum/Continuum%20Final_09.05.17.pdf*

Amor é amor

A campanha em prol do direito ao casamento de pessoas do mesmo sexo nos Estados Unidos ilustra a importância da mudança de narrativa para o processo de transformação social.

Partindo do princípio de que existe uma compreensão coletiva de que o casamento é um pacto para o amor e o compromisso de longo prazo, e fazendo um ajuste narrativo para aplicar tradições e histórias familiares sobre o casamento a casais do mesmo sexo, a campanha ampliou a ideia existente do casamento e ganhou forças nas ruas, baseando-se no lema "amor é amor".

O processo como um todo foi mais complexo do que é possível explicar em um parágrafo, e envolveu inclusive atores da filantropia.

A Collaborative Civil Marriage (CMC) foi um consórcio de fundações que investiu um total de US$ 153 milhões na campanha pelo casamento igualitário ao longo de 11 anos. Segundo o relatório Hearts and Minds[5], da Proteus Fund, esse financiamento permitiu que organizações na base da sociedade mudassem mentalidades em larga escala por meio de esforços de educação pública e defesa da causa.

5. *https://www.haasjr.org/sites/default/files/resources/CMC%20Case%20Study.pdf*

"Os dólares das fundações ajudaram a demonstrar a substância e o respaldo da questão da igualdade no casamento, enviando uma mensagem poderosa a apoiadores e organizações em cima do muro. A CMC também criou eficiência, foco, clareza e alinhamento estratégico no financiamento, o que contribuiu para o sucesso geral da campanha pela igualdade no casamento. Ao investir na igualdade no casamento, a filantropia ajudou a moldar a opinião pública e a promover a causa dos direitos iguais para a comunidade LGBTQ+."

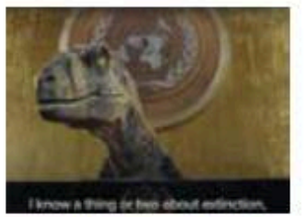
Uma mensagem jurássica mais atual do que nunca

Há décadas cientistas alertam sobre os perigos das mudanças climáticas. No entanto, o problema ainda parece distante para a maioria das pessoas...

Às vésperas da 26ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudança Climática (COP26), que aconteceu em 2021, a ONU lançou um vídeo[6] com uma mensagem clara e alinhada à necessidade de se transformar a narrativa em torno da emergência climática: estamos falando de uma possível extinção da humanidade, não "somente" do aumento das temperaturas globais médias.

6. *https://www.youtube.com/watch?v=L9eFABJqGTM*

O vídeo mostra Frankie The Dino discursando em frente a líderes mundiais irritado e incrédulo com a falta de comprometimento dos governantes em lidar com as urgências climáticas.



Frankie o Dinossauro tem uma mensagem para a Humanidade

"Eu sei algumas coisas sobre extinção"

"Eu sei algumas coisas sobre extinção, e deixem-me dizer: estar à beira da extinção é uma coisa ruim. E se autodestruir é a coisa mais ridícula que ouvi em 70 milhões de anos. Pelo menos nós tivemos um asteroide! Qual é a de vocês? Estão indo para um desastre climático e, ainda assim, todo ano os governos gastam centenas de bilhões de fundos públicos em subsídios para combustíveis fósseis. Imaginem se tivéssemos gasto centenas de bilhões por ano subsidiando meteoros gigantes. Isso é o que vocês estão fazendo agora."

Como destaca Graciela Selaimen, "por meio de histórias e de linguagens bem pensadas, estrategicamente escolhidas, mas ainda assim legitimamente calcadas na realidade, é possível mudar a forma de as pessoas se relacionarem com uma perspectiva, com o tema, com o processo legal, com o processo de transformação do ordenamento jurídico, de uma política pública".

2) O PODER DAS REDES SOCIAIS PARA CONECTAR E ENGAJAR

Segundo dados da pesquisa 2023 Digital Brazil[7], realizada pela We Are Social e pela Meltwater, há no país 152 milhões de usuários ativos de redes sociais (o que representa 70% da população nacional), que passam em média 3h46 por dia nessas plataformas.

7. *https://datareportal.com/reports/digital-2023-brazil*

Tempo diário gasto com mídias diversas

Tempo médio diário que os usuários da Internet com idades entre 16 e 64 anos passam em diferentes tipos de mídias e dispositivos.

Tempo gasto utilizando **A INTERNET**

9h32m

variação anual
-7,6% (- 47 min)

Tempo gasto vendo **TELEVISÃO** (por transmissão e por streaming)

4h29m

variação anual
+ 9,3% (+23 min)

Tempo gasto utilizando **REDES SOCIAIS**

3h46m

variação anual
+ 2,3% (+ 5 min)

Tempo gasto na **LEITURA DE IMPRENSA** (online e impressa)

3h29m

variação anual
+4,0% (+ 8 min)

Tempo gasto ouvindo serviços de **STREAMING DE MÚSICA**

2h11m

variação anual
+6,5% (+8 min)

Tempo gasto ouvindo **RÁDIO**

1h04m

variação anual
+16,4% (+9 min)

Tempo gasto ouvindo **PODCASTS**

1h17m

variação anual
+ 18,5% (+ 12 min)

Tempo gasto utilizando **CONSOLES DE JOGOS**

1h17m

variação anual
+ 10,0% (+7 min)

Fonte: GW (3º trimestre de 2022). Os números representam as conclusões de um amplo levantamento global sobre usuários da Internet com idades entre 16 e 64 anos. Para mais informações: gwi.com. Notas: o consumo de diferentes mídias pode ocorrer simultaneamente. A televisão inclui tanto a televisão tradicional (radiodifusão e cabo) como os conteúdos fornecidos por serviços de streaming e de vídeos sob demanda. A rádio não inclui rádios na Internet.

Instagram, YouTube, TikTok, X e outras redes sociais são, em sua essência, canais de conexão entre pessoas e seus interesses. Por essa característica, têm o potencial de amplificar o alcance e o impacto de iniciativas apoiadas por organizações filantrópicas.

Ao compreender e alavancar a dinâmica das redes sociais, as organizações filantrópicas podem ampliar significativamente seu alcance e impacto, especialmente quando se trata de atrair a atenção e a participação das novas gerações.

Siga o sapo

No YouTube, por exemplo, alguns conteúdos nunca perdem seu poder de conexão e engajamento.

Há 11 anos, a ONG Rainforest Alliance publicou o vídeo *Follow the frog*[8] (Siga o sapo, em tradução livre). Até o fechamento deste capítulo (outubro de 2023), ele ainda recebia comentários periodicamente – o último tinha sido feito menos de um mês antes de este material ser impresso.

8. *https://www.youtube.com/watch?v=3ilkOi3srLo*

O vídeo conta a história de um indivíduo preocupado com as florestas tropicais, que decide "largar tudo" para ajudar a salvá-las.

As coisas acabam saindo do controle, e o vídeo termina com uma mensagem direta: "Comprar produtos certificados pela Rainforest Alliance garante o futuro de nossas florestas tropicais para que você não precise fazer as coisas que já não deveria fazer de qualquer maneira. Apenas siga o sapo".



Siga o sapo

A empatia é revolucionária

Segundo a charity: water, 703 milhões de pessoas vivem sem água limpa no mundo[9]. Como se isso, por si, já não fosse um problema, o esforço diário para coletar água suja obriga famílias a se afastarem de casa e dificulta a obtenção de renda, o que impede que as crianças frequentem a escola e, além disso, dificulta seu acesso à educação, ajudando a manter o ciclo da pobreza girando. "O acesso à água limpa muda tudo", defende a ONG, cuja existência visa resolver esse problema.

Em suas redes sociais, a charity: water utiliza relatos individuais para tornar o problema da falta de água potável mais tangível. Ao criar laços emocionais entre doadores e comunidades carentes, a organização não apenas informa sobre o problema, mas também inspira ação e esperança.

A história de Gladys, contada no Instagram[10] da organização por meio de um depoimento e um ensaio fotográfico que mostra a alegria de alguém que teve seu curso de vida alterado por conta de doações destinadas à organização, é um exemplo de como apostar na empatia para amplificar o alcance de iniciativas que têm o potencial de impactar positivamente a vida de milhões de pessoas.

A chamada à ação ao fim do post diz: "este é o trabalho transformador do qual você faz parte toda vez que contribui – e como membro do The Spring, você pode levar água limpa para pessoas como Gladys todos os meses".



"Vejo que viemos de uma situação ruim e agora estamos vivendo uma situação boa. Não veem como estou bonita e bem disposta? Os meus companheiros da vila também estão parecendo melhores. Agora, estamos vivendo em boas condições".

Antes de ter acesso à água potável, manter-se saudável e com bons hábitos de higiene era uma luta para Gladys e para a sua comunidade em Uganda. Mas agora, graças a um esforço de toda a equipe - incluindo a emergência de líderes locais como Gladys -, tudo mudou.

"Eu costumava me considerar indigna de ser uma líder do povo", contou Gladys, "mas agora posso estar ao lado das 'pessoas grandes' que eu nunca esperaria que viessem a minha casa. Estou muito feliz. Ser reconhecida me proporcionou o respeito dos outros.

Este é o trabalho transformador do qual você faz parte toda vez que contribui – e como membro do The Spring, você pode levar água limpa para pessoas como Gladys todos os meses. Junte-se a nós em setembro para ter a oportunidade de ver o seu impacto em primeira mão: https://cwtr.org/3t53Igs (link na bio).

@hastet_thehieress_of_ra: MARAVILHOSO! DE FATO, UMA GRANDE LIDERANÇA! Continuem a fazer um trabalho fantástico, vocês e os seus...

9. *https://www.charitywater.org/donate?utm_medium=social&utm_source=instagram&utm_campaign=donate_linkinprofile*

10. *https://www.instagram.com/p/Cxq0G1axAel/?img_index=1*

Muito além das dancinhas

O Innocence Project trabalha para libertar pessoas inocentes e prevenir condenações errôneas nos Estados Unidos, visando criar um sistema de justiça mais justo e equitativo.

Segundo a organização[11], estima-se que entre 2,3% e 5% de toda a população carcerária do país sejam inocentes. Isso se agrava já que se apenas 1% de todos os encarcerados forem inocentes, mais de 20 mil pessoas estariam presas injustamente.

Além de atuar em casos individuais, com a colaboração de políticos e organizações parceiras, o projeto também faz advocacy para transformar as falhas e desigualdades do sistema que levam a condenações de inocentes.

Desde 1992, a organização ajudou a fazer com que mais de 200 leis estaduais e federais fossem aprovadas e contou com o apoio de mais de um milhão de defensores para tornar essas mudanças possíveis. Além disso, ajudou a libertar ou absolver mais de 200 indivíduos. "Juntas, essas pessoas passaram mais de 3.600 anos atrás das grades", informa o site oficial do projeto.

O Innocence Project utiliza uma combinação de storytelling, presença nas redes sociais e colaborações com veículos jornalísticos para aumentar a conscientização sobre erros judiciais. No TikTok, canal conhecido por ser palco de dancinhas e trends, o projeto coloca em evidência as histórias de pessoas que foram vítimas de encarceramento injusto e que com o apoio do time da organização foram inocentadas.

Perry Lott, por exemplo, foi absolvido por prova de DNA após passar 35 anos preso, em Oklahoma.

Na legenda do vídeo[12], a organização explica como os seguidores interessados podem saber mais sobre a história dele e como é possível apoiá-lo na reconstrução de sua vida depois de mais de três décadas de condenação injusta.



Trabalhamos para ajudar a libertar pessoas inocentes da prisão e impedir a injustiça.

SDtrainer123: Que o resto da sua vida seja repleto de paz e amor. Lamento muito pelos anos perdidos.

calabresepepper: Desejo a você amor, luz e felicidade nos dias que estão por vir. Sinto muito pelos anos perdidos. Beijos.

... Parabéns, Perry!

11. *https://innocenceproject.org/about/*

12. *https://www.tiktok.com/@innocence/video/7289081718332493058*

3) STORYTELLING NA MENSURAÇÃO E COMUNICAÇÃO DO IMPACTO

"Quando a filantropia estava nos seus primórdios, havia um vácuo em torno da forma como medíamos a sua eficácia, então, diversos enquadramentos de controle foram criados. Com o tempo, a cultura do setor acabou se baseando nisso: se não tiver avaliação de medição é como se algo estivesse errado. É assim que as coisas são."

Essa análise feita por Sanjay Purohit, líder da Societal Thinking (iniciativa da EkStep Foundation que consiste em uma metodologia pensada para resolver desafios sociais complexos com rapidez, escala e sustentabilidade), muitas vezes é responsável por iniciativas baseadas em storytelling não avançarem. Afinal, como medir e relatar o impacto das histórias?

Paul VanDeCarr, autor de *Storytelling and social change – A guide for activists, organizations and social entrepreneurs*[13], diz que não apenas é possível avaliar a arte de contar histórias, dentro de certos limites – destacando aqui a mudança de narrativa, citada anteriormente, e a continuidade do impacto –, mas que também o próprio storytelling pode ser um método de avaliação, proporcionando uma visão das transformações que se realiza.

O storytelling como métrica não apenas quantifica o impacto, mas também qualifica a experiência e o significado por trás das ações filantrópicas. É uma abordagem mais holística, que reconhece a importância das narrativas humanas na compreensão e promoção do bem social.

Diferentemente das métricas tradicionais, como números absolutos de beneficiários ou quantidades de recursos distribuídos, o feedback anedótico traz uma perspectiva humana e emocional à avaliação de impacto.

A Heifer International tem como missão acabar com a fome e a pobreza de forma sustentável, apoiando agricultores locais[14] e suas comunidades por meio de investimentos em agricultura.

Por meio de uma variedade de formatos – incluindo texto, imagens e vídeos –, a organização mostra como as doações impactam positivamente as comunidades agrícolas locais . O objetivo é não apenas informar, mas envolver emocionalmente os doadores, tornando-os parte integrante da narrativa.

Mas não são apenas as histórias positivas que precisam ser compartilhadas e funcionam como métricas para a avaliação de iniciativas filantrópicas.

No relatório Disruptive Philanthropists[15], desenvolvido pela KPMG, Rennie Hoare, Head of Philanthropy do C. Hoare & Co. (banco privado mais antigo do Reino Unido), conta que sempre que reúne clientes filantrópicos para compartilhar experiências, destaca a importância de que eles compartilhem também seus fracassos.

Na visão dele, isso humaniza as iniciativas, ao mesmo tempo em que oferece oportunidades valiosas de aprendizado. "Ao compartilhar histórias de desafios e fracassos, as organizações podem ajustar suas abordagens e melhorar continuamente", analisa.



Ambia Begum e o marido, Abul Hossain Mondal, vivem com duas das suas filhas e a neta, Opshora, numa casa de tijolos com três cômodos em Bangladesh. É muito diferente da casa de infância de Ambia, onde ela, os pais e a irmã viviam todos juntos numa cabana de bambu de um cômodo.

Hoje, as filhas e a neta de Ambia e Abul têm um futuro muito mais risonho, em grande parte devido aos recursos e à formação que receberam da Heifer.

Ambia recorda que, antes de se juntar ao projeto Heifer, muitas das suas cabras morriam. "Elas costumavam ter muitas doenças e não eram saudáveis", disse ela. Ela não percebia o quão pouco sabia sobre como cuidar de seus animais.

Com a ajuda da Heifer, ela aprendeu a cultivar forragem de forma mais eficiente e a construir um abrigo decente para as suas cabras. Também recebe apoio de um veterinário formado pela Heifer, que lhe fornece formação contínua e cuidados médicos aos seus animais.

Ambia e a sua família utilizaram os lucros das suas cabras para criar novas formas de obter rendimentos. Ela comprou 200 galinhas para criar e iniciar um negócio de criação de aves, além de ter uma horta próspera.

Agora, a família pode pagar as mensalidades escolares. Agora, a filha de Ambia, Shahina, tem licenciatura em Serviço Social. Inspirada pelo exemplo de altruísmo e generosidade da mãe, ela também quer ajudar os outros.

Opshora tem aspirações filantrópicas semelhantes. "Quero ser médica no futuro e ajudar as pessoas, estar ao lado delas e prestar-lhes assistência."

13. *https://narrativearts.org/wp-content/uploads/2016/02/story-guide-second-edition.pdf*

14. *https://www.instagram.com/p/CyEiHmXLQFr/?img_index=3*

15. *https://assets.kpmg.com/content/dam/kpmg/dp/pdf/2021/november/DisruptiveReport.pdf*

4) O POTENCIAL DA COLABORAÇÃO ENTRE A FILANTROPIA E O JORNALISMO

Desde 2005, aproximadamente 2.200 jornais locais foram fechados nos Estados Unidos, levando cerca de 20% dos americanos a viverem em "desertos de notícias" – com pouca ou nenhuma cobertura confiável de eventos locais importantes, o que contribui para o enfraquecimento da democracia e da confiança nas instituições.

Visando reverter esse cenário, em setembro de 2023, a MacArthur Foundation anunciou a criação da Press Forward, uma coalizão de 22 doadores que desejam financiar redações de notícias locais existentes, fornecer recursos para veículos diversos e investir em políticas públicas que promovam o acesso à informação.

Em cinco anos, a coalizão pretende investir US$ 500 milhões. Esse valor será direcionado para ampliar a infraestrutura de notícias, reduzir desigualdades na cobertura e prática jornalística, além de promover políticas públicas que apoiem o acesso à informação.

A Press Forward (que tem também o apoio de organizações como Knight Foundation, Ford Foundation e Carnegie Corporation) identifica-se como ideologicamente independente e planeja trabalhar com o More Perfect, uma iniciativa bipartidária que está promovendo cinco metas inter-relacionadas da democracia, sendo o acesso a notícias e informações confiáveis uma delas.

"Uma imprensa livre e independente é amplamente reconhecida como um pilar fundamental de uma democracia funcional. Financiadores que buscam sustentar esse trabalho devem garantir que seus métodos estejam alinhados com essa missão", analisa Tory Martin[16], Diretora de Comunicação e Parcerias Estratégicas do Johnson Center for Philanthropy.

16. *https://johnsoncenter.org/wp-content/uploads/2023/01/11-Trends-for-2023-Report.pdf*

Outras iniciativas reforçam essa tendência.

Em setembro de 2017, o The New York Times criou um departamento para explorar parcerias filantrópicas. Em 2020, o jornal anunciou seu primeiro projeto majoritariamente financiado por doações: a Iniciativa Headway, que arrecadou US$ 4 milhões para produzir histórias sobre como as pessoas no passado esperavam que o futuro se desenrolasse, e como realmente isso aconteceu. Os apoiadores da iniciativa foram Ford Foundation, Stavros Niarchos Foundation e William and Flora Hewlett Foundation.

Mas o apoio de organizações filantrópicas a veículos jornalísticos com fins lucrativos é apenas uma das tendências de cooperação entre a filantropia e a imprensa. Além disso, existem dois modelos emergentes apoiados nessa colaboração.

a) Renúncia ao status de empresa com fins lucrativos

Em maio de 2019, The Salt Lake Tribune (fundado em 1871) tornou-se o primeiro jornal legado nos Estados Unidos a anunciar sua intenção de se converter totalmente de uma corporação para uma organização sem fins lucrativos.

Três anos depois (em maio de 2022), o Chronicle of Philanthropy anunciou a separação de sua controladora com fins lucrativos, Chronicle of Higher Education, Inc., para se tornar uma organização sem fins lucrativos independente.

b) Organizações sem fins lucrativos assumem a propriedade de veículos de notícias com fins lucrativos

Em fevereiro de 2018, pilares de mídia pública sem fins lucrativos em três grandes mercados – WAMU, em Washington D.C.; WNYC, na cidade de Nova York; e KPCC, no sul da Califórnia – trabalharam em paralelo para adquirir DCist, Gothamist e LAist, respectivamente. Essas três publicações populares, hiperlocais e nativas digitalmente, haviam lutado para se manterem independentes como veículos com fins lucrativos autônomos.

Em janeiro de 2022, o gigante da mídia pública Chicago Public Media alavancou US$ 61 milhões em recursos filantrópicos para adquirir o Chicago Sun-Times e converter o jornal de quase 75 anos em uma organização sem fins lucrativos. De acordo com o comunicado de imprensa do anúncio[17], "as redações operarão separadamente com seus próprios editores e mantendo sua independência editorial".

17. *https://www.wbez.org/pressroom/chicago-public-media-announces-its-acquisition-of-the-chicago-suntimes*

E mais:

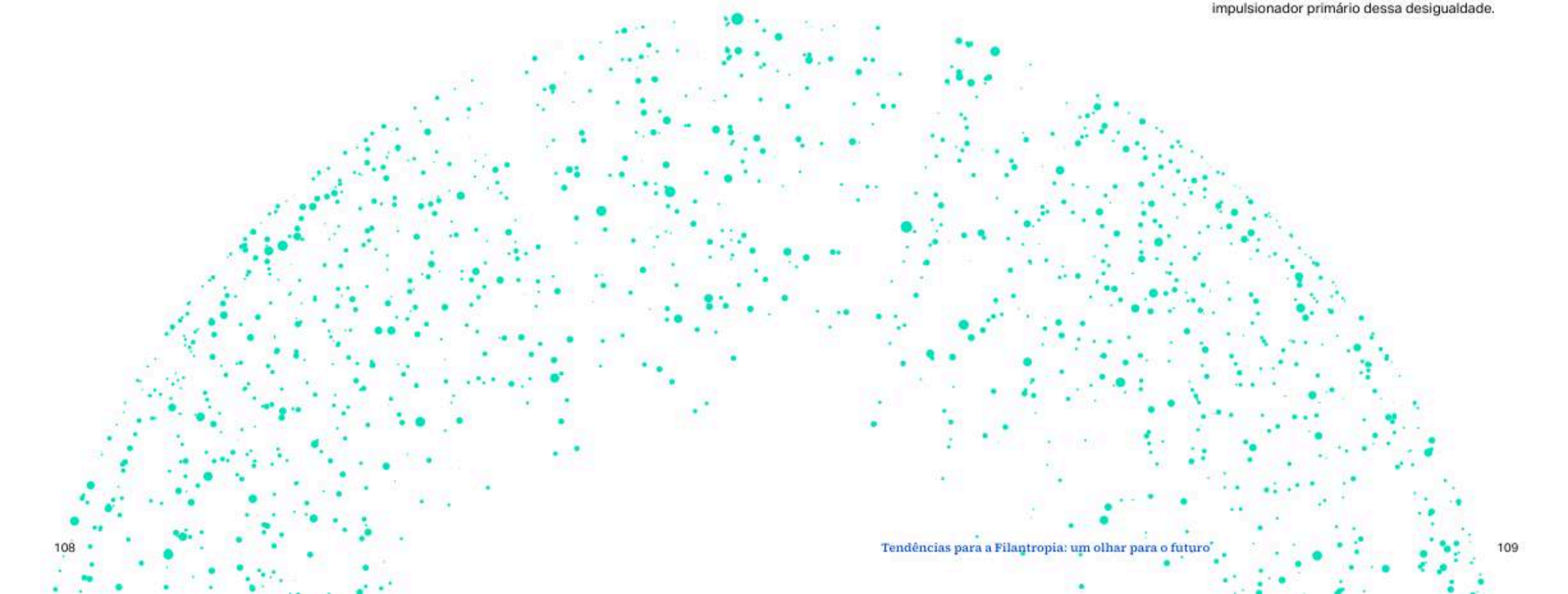
A **REVISTA PIAUÍ** foi o primeiro veículo brasileiro a criar um Fundo Patrimonial Filantrópico. Desvinculando-se de seus fundadores, a revista passou a operar com autonomia radical, sustentada pelo fundo, assinaturas e anúncios, garantindo sua continuidade mesmo em cenários autoritários. A nova estrutura de propriedade, liderada por um conselho editorial diversificado, redefine não apenas a autonomia editorial, mas também a configuração jurídica da revista, tornando-a um bem público pertencente à sociedade.

THE SOLUTIONS JOURNALISM NETWORK é uma rede que incentiva a colaboração entre jornalistas e ONGs para contar histórias que não apenas identificam problemas, mas também apresentam soluções viáveis. A rede atua para disseminar o jornalismo de soluções, que examina uma resposta e como ela funciona, mostra evidências de eficácia, discute limitações e traz à tona percepções para estimular a inovação.

OUTLIER MEDIA é uma organização jornalística sem fins lucrativos dedicada a atender às necessidades dos habitantes de Detroit, preenchendo lacunas de informação e falhas sistêmicas que prejudicam a comunidade. O objetivo da Outlier é democratizar informações e redistribuir o poder. Para isso, a organização fornece informações para ajudar os cidadãos a enfrentarem desafios diários, como despejos, apelações em relação a impostos sobre propriedades e desligamentos de serviços públicos.

O INTERNATIONAL RESOURCE FOR IMPACT AND STORYTELLING (IRIS) é fruto de uma parceria entre as fundações Ford, Compton e Skoll, e consiste em uma colaboração de doadores para financiar organizações, pesquisas e criação de conteúdo – incluindo produção cinematográfica, realidade virtual, vídeos em mídias sociais e mais –, para criar uma rede colaborativa de contadores de histórias e líderes cívicos.

O IRIS concentra-se em regiões do Sul Global, incluindo América Latina, Oriente Médio, África e Sul da Ásia. A Ford Foundation tem se referido à exclusão de certas comunidades da plena participação nos sistemas políticos, econômicos e culturais como "o desafio definidor do nosso tempo", agravando-se juntamente com a desigualdade. De acordo com a Ford, as narrativas culturais que minam a equidade, a tolerância e a inclusão são um impulsionador primário dessa desigualdade.



8.

Novas causas competindo por recursos filantrópicos

À medida que a humanidade avança, novos problemas surgem – sem que tenhamos superado os obstáculos anteriores. E assim novos desafios passam a disputar os mesmos recursos.

Este cenário multifacetado se caracteriza pela ascensão de desafios urgentes que transcendem fronteiras e temporalidades, demandando uma abordagem holística e integrada.

Entre as causas que disputam a atenção e os recursos filantrópicos atualmente, destacam-se: emergência climática, *rogue AI*, biossegurança e preparação para novas pandemias, e ameaça nuclear. Cada uma delas traz desdobramentos e possibilidades para a filantropia, que analisamos neste capítulo.

EMERGÊNCIA CLIMÁTICA

Nos últimos anos, o financiamento das fundações para a mitigação das mudanças climáticas **mais do que triplicou**, passando **de US$ 900 milhões em 2015 para mais de US$ 3 bilhões em 2021**[1]. Somente entre 2020 e 2021, **o financiamento filantrópico nessa área aumentou mais de 40%**.

Esse é um movimento impulsionado em parte pela chegada de novos doadores importantes, como o Bezos Earth Fund (fundo de Jeff Bezos que promete desembolsar US$ 10 bilhões até 2030 para tratar das mudanças climáticas), e por outros compromissos assumidos por fundações de peso (como os da Bloomberg Philanthropies[2], da IKEA Foundation[3] e da Rockefeller Foundation[4]).

Apesar do crescimento das doações, porém, o caminho para a filantropia atuar de forma mais ativa na mitigação das mudanças climáticas ainda é pouco explorado.

O total de doações para a mitigação das mudanças climáticas representa menos de 2% das doações filantrópicas globais. Dos US$ 810 bilhões doados em 2021, somente entre US$ 7,5 e US$ 12,5 bilhões foram destinados à mitigação climática[5].

Aplicar a "lente do clima" em todas as causas diz respeito a reconhecer a interconexão entre a emergência climática e as áreas de atuação da filantropia, e considerar as implicações da crise climática e as ações necessárias para mitigá-las, adaptando-se a elas em todas as áreas de atuação. Entre as áreas prioritárias neste sentido estão saúde, desigualdade e apatridia.

1. *https://www.climateworks.org/wp-content/uploads/2022/10/ClimateWorks_Funding_Trends_Report_2022.pdf*

2. *https://www.bloomberg.org/annualreport/environment/*

3. *https://www.ikea.com/global/en/our-business/our-view-on/the-exponential-roadmap/*

4. *https://www.rockefellerfoundation.org/news/the-rockefeller-foundation-commits-over-usd-1-billion-to-advance-climate-solutions/*

5. *https://www.climateworks.org/wp-content/uploads/2022/10/ClimateWorks_Funding_Trends_Report_2022.pdf*

1) A lente do clima na saúde

Estima-se que o aquecimento global possa causar cerca de 250 mil mortes adicionais por ano até 2050 – devido à exposição ao calor, diarreia, malária e desnutrição infantil. O desmatamento também aumenta o risco de doenças zoonóticas, como o coronavírus.[6]

6 e 7. *https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/climate-change-and-health*

FUNBEA é um fundo dedicado à mobilização de recursos para apoiar projetos, redes e movimentos socioambientais, visando construir sociedades justas e sustentáveis. Formado por ativistas socioambientais, o fundo acredita na educação ambiental como uma ferramenta poderosa de transformação. A missão do FunBEA é fortalecer comunidades vulneráveis, ajudando-as a enfrentar crises climáticas e hídricas, conservar a biodiversidade e promover a saúde ambiental e a agroecologia por meio de ações locais efetivas.

Mudanças climáticas

↓

Vulnerabilidade

Fatores de vulnerabilidade	Vias de exposição	Capacidade e resiliência do sistema de saúde
_ Fatores demográficos _ Fatores geográficos _ Fatores biológicos e estado de saúde _ Condições sociopolíticas _ Fatores socioeconômicos	_ Eventos climáticos extremos _ Estresse térmico _ Qualidade do ar _ Qualidade e quantidade da água _ Sanidade e segurança alimentar _ Distribuição e ecologia de vetores	_ Liderança e governança _ Força de trabalho em saúde _ Sistemas de informação no setor da saúde _ Produtos e tecnologias médicas essenciais _ Prestação de serviços _ Financiamento

↓

Riscos para a saúde relacionados ao clima

Resultados na saúde		Resultados nos sistemas e infraestruturas de saúde
_ Lesões e mortalidade causadas por eventos climáticos extremos _ Doenças relacionadas ao calor _ Doenças respiratórias _ Doenças transmitidas pela água e outros impactos na saúde relacionados à água	_ Zoonoses _ Doenças transmitidas por vetores _ Desnutrição e doenças de origem alimentar _ Doenças não transmissíveis (DNT) _ Saúde mental e psicossocial	_ Impacto nas instituições de saúde _ Efeitos nos sistemas de saúde

Fonte: World Health Organization[7]

2) A lente do clima na desigualdade

Por conta das mudanças climáticas, mais de 780 milhões de pessoas em todo o mundo estão expostas ao risco combinado de pobreza e inundações graves, principalmente nos países em desenvolvimento[8]. Minorias étnicas, comunidades de baixa renda e países menos desenvolvidos são mais afetados pelos riscos climáticos[9].

8. *https://wid.world/wp-content/uploads/2023/01/CBV2023-ClimateInequalityReport-2.pdf*

9. *https://www.mckinsey.com/capabilities/sustainability/our-insights/how-will-african-farmers-adjust-to-changing-patterns-of-precipitation*

O INSTITUTO CLIMA E SOCIEDADE (ICS) apoia projetos e instituições que visam fortalecer a economia brasileira e o posicionamento geopolítico do país, além de reduzir a desigualdade por meio do enfrentamento das mudanças climáticas e soluções sustentáveis.

O instituto tem como missão angariar recursos de grandes doadores nacionais e internacionais para evitar os impactos negativos do aquecimento global no Brasil e no mundo. O ICS promove o diálogo entre setores, agrega conhecimento e estabelece redes de informação, de inteligência e de cooperação, visando alcançar o bem-estar da população.

3) A lente do clima na questão do deslocamento e apatridia

Eventos climáticos já forçam a migração de milhões de pessoas pelo mundo. Só em 2022, 98% dos 32,6 milhões de deslocamentos internos causados por desastres foram devido a eventos relacionados ao clima, como tempestades, enchentes e secas[10]. Esse movimento deve se intensificar à medida que as condições climáticas tornam cada vez mais lugares inabitáveis.

Até 2050, estima-se que cerca de 143 milhões de pessoas na América Latina, na África Subsaariana e no Sul da Ásia migrarão internamente devido às mudanças climáticas[11].

A migração em resposta a desastres relacionados ao clima tem, ainda, uma forte dimensão de gênero. As mulheres geralmente são 10 vezes mais afetadas por esses eventos e, frequentemente, têm sua carga de trabalho aumentada[12].

O CLIMATE JUSTICE RESILIENCE FUND (CJRF) apoia mulheres, jovens e povos indígenas na criação de soluções para resiliência climática, reunindo fundos de entidades como a Oak Foundation e Mackenzie Scott. Desde 2016, o CJRF acumulou US$ 25 milhões, beneficiando mais de 40 parcerias globais.

Uma das áreas de subsídio do fundo é a reparação de perdas e danos causados por mudanças climáticas. Em 2021, o CJRF iniciou uma parceria com o governo escocês para financiar esforços de combate a perdas e danos, com beneficiários situados globalmente, incluindo regiões fora do foco tradicional do CJRF. As medidas adotadas podem abranger desde a transferência de residências e a diversificação das fontes de renda até o reconhecimento oficial, apresentação de desculpas e indenização monetária por parte das autoridades.

10. *https://www.migrationdataportal.org/themes/environmental_migration_and_statistics*

11. *https://openknowledge.worldbank.org/server/api/core/bitstreams/b7780cd5-9dd5-5354-a8c4-049333b5db46/content*

12. *https://wid.world/wp-content/uploads/2023/01/CBV2023-ClimateInequalityReport-2.pdf*

BIOSSEGURANÇA E PREPARAÇÃO PARA NOVAS PANDEMIAS

A pandemia de COVID-19 foi um alerta global, mostrando o quão vulnerável a humanidade está em relação a doenças infecciosas emergentes, e levou a um aumento significativo na assistência voltada à saúde.

Em 2020 e 2021, US$ 1,8 bilhão foi destinado para preparação contra a pandemia em países de renda baixa e média, e US$ 37,8 bilhões para iniciativas de saúde relacionadas à COVID-19.

Projeções indicam que, entre 2022 e 2026, 17 dos 137 países de renda baixa e média verão um aumento em seus orçamentos de saúde de cerca de 1% do seu PIB[13].

A **OPEN PHILANTHROPY** tem portfólios de doações que levam em conta que os riscos em torno da inteligência artificial e os riscos biológicos podem ameaçar vidas em um futuro próximo, não apenas no longo prazo.

Os portfólios da fundação estão divididos em duas categorias principais: *Global Health and Wellbeing* e *Global Catastrophic Risks*. Os programas nessas áreas visam reduzir a probabilidade de eventos catastróficos e aumentar a saúde e bem-estar com base em evidências, precedentes e histórico. Somente na área de combate à IA descontrolada (conhecida como *rogue AI*), a financiadora filantrópica já investiu quase meio bilhão de dólares.

AMEAÇA NUCLEAR

Armas nucleares representam uma ameaça global devastadora. Afinal, um conflito nuclear tem o potencial de exterminar milhões de vidas, causar sofrimento indescritível aos sobreviventes e alterar a trajetória da civilização humana[14].

Um dos principais desafios dessa ameaça é o alto nível de incerteza em torno dela – sobre a probabilidade de ocorrer; sobre suas consequências e sobre as melhores medidas a serem tomadas[15].

Nesse contexto, a filantropia está apoiando esforços para reduzir a proliferação nuclear, promovendo o desarmamento e buscando soluções diplomáticas para conflitos que poderiam escalar para o uso de armas nucleares.

Estima-se que, em 2020, cerca de US$ 47,7 milhões em doações foram feitas globalmente para causas relacionadas a ameaças nucleares (excluindo as feitas pelo governo federal dos EUA, que doou cerca de US$ 80,2 milhões)[16].

A **NUCLEAR THREAT INITIATIVE (NTI)** é uma ONG fundada em 2001 nos Estados Unidos focada na redução das ameaças nucleares e biológicas. A NTI colabora com governos e organizações para conscientizar, advogar e implementar soluções criativas. Como parceiro independente e confiável, a NTI busca novas maneiras de abordar ameaças urgentes. Com US$ 50 milhões doados por Warren Buffett, a NTI lançou um banco de urânio de baixo enriquecimento para evitar a proliferação nuclear, oferecendo aos países que buscam energia nuclear uma fonte de combustível garantida.

ROGUE AI
(INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL DESCONTROLADA)

Com o avanço da inteligência artificial, existe uma preocupação crescente sobre a possibilidade de se perder o controle de sistemas autônomos e superinteligências. Por conta disso, a filantropia pode apoiar a pesquisa ética em IA, a segurança da IA e o desenvolvimento de políticas públicas e regulamentações para garantir que a inteligência artificial seja utilizada de forma responsável e segura.

Um estudo feito nos EUA aponta que aproximadamente 80% da força de trabalho poderia ter pelo menos 10% de suas tarefas afetadas pela introdução de GPTs (Generative Pre-trained Transformers), enquanto cerca de 19% dos trabalhadores podem ter pelo menos 50% de suas tarefas afetadas[17].

Esse movimento voltado para o futuro na filantropia reflete uma compreensão mais profunda da interconexão global de nossos desafios e a necessidade de abordá-los de maneira proativa e estratégica.

A filantropia pode trabalhar em colaboração com governos, organizações sem fins lucrativos e especialistas para enfrentar essas ameaças globais e garantir um futuro mais seguro e sustentável para as gerações futuras.

O **CENTER FOR ARTIFICIAL INTELLIGENCE SAFETY (CAIS)** foi criado para assegurar o desenvolvimento e a implantação seguros da Inteligência Artificial. Em um contexto em que o risco da IA se tornou uma prioridade global, equiparável a pandemias e guerras nucleares, e em que a segurança da IA é frequentemente negligenciada devido à sua rápida evolução, a sociedade encontra-se despreparada. Assim, a CAIS busca capacitar decisores políticos, líderes empresariais e a comunidade em geral com as ferramentas e o entendimento necessários para enfrentar esses riscos.

A Open Philanthropy já distribuiu 330 milhões de dólares em mais de 190 grants[18] para apoiar pesquisas técnicas que possam reduzir o risco de acidentes com a inteligência artificial, bem como trabalhos estratégicos e de advocacy que tenham o potencial de melhorar a preparação da sociedade para grandes avanços na IA.

Um exemplo é uma doação de mais de 5 milhões de dólares para a UC Berkeley[19]. Ao longo de cinco anos, a universidade receberá apoio para criar e manter o Center for Human-Compatible Artificial Intelligence (AI).

Já a Georgetown University recebeu 55 milhões de dólares[20] durante cinco anos para criar o Center for Security and Emerging Technology (CSET), um novo think tank dedicado à análise de políticas na intersecção da segurança nacional e internacional e das tecnologias emergentes.

13. *https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC9998276/*
14. *https://www.founderspledge.com/funds/global-catastrophic-risks-fund*
15. *https://docs.google.com/document/d/1Sops0AM_kTvsKEHnFmwSCbI3pufTujOI9kjUxyDHvQY/edit?usp=sharing*
16. *https://www.vox.com/2022/3/17/22976981/nuclear-war-russia-ukraine-funding-macarthur-existential-risk-effective-altruism-carnegie*
17. *https://openai.com/research/gpts-are-gpts*
18. *https://www.openphilanthropy.org/focus/potential-risks-advanced-ai/*
19. *https://www.openphilanthropy.org/grants/uc-berkeley-center-for-human-compatible-ai-2016/*
20. *https://www.openphilanthropy.org/grants/georgetown-university-center-for-security-and-emerging-technology/*

9.

Lifelong learning na filantropia: caminhos para oxigenar ideias filantrópicas

A filantropia estratégica defende uma lógica oposta ao modelo de doação aleatória ou assistencialista. Nessa abordagem, doa-se (recursos financeiros, tempo, conhecimento e outros ativos) de forma planejada e deliberada, com o objetivo de alcançar impacto mensurável e duradouro.

Para atuar de maneira estratégica na filantropia, é fundamental fazer uma análise cuidadosa das necessidades específicas, seguida de uma avaliação de oportunidades, de uma definição de metas claras e de um desenvolvimento de estratégias detalhadas para atingi-las.

Além disso, para direcionar de maneira mais eficaz os recursos, com foco em gerar impacto real e de longo prazo, é importante entender a fundo o contexto complexo em torno dos diferentes problemas socioambientais que se deseja ajudar a resolver.

Tudo isso exige a consciência de que é preciso estar em constante movimento e buscar formas de oxigenar suas ideias filantrópicas – seja você um veterano no setor ou um novo agente.

A curadoria de escolas, cursos e treinamentos, eventos, *frameworks* e *knowledge hubs* que apresentamos a seguir tem o objetivo de ajudá-lo nesse processo. Use-a como base para construir a sua rota para o *lifelong learning* na filantropia.

O QUE VOCÊ VAI ENCONTRAR NESSA LISTA:

Escolas, cursos e treinamentos	Apresentamos oportunidades de capacitação voltadas para pessoas que querem ganhar mais conhecimento e avançar suas jornadas na filantropia. Você vai encontrar cursos de graduação e pós-graduação, além de treinamentos especializados e escolas com programas variados.
Eventos	Conheça eventos e seminários na área de filantropia que acontecem no Brasil e no mundo. Esses encontros oferecem oportunidades para a troca de ideias e conhecimentos com outros agentes do setor. Os eventos também apontam as principais tendências em filantropia, captação de recursos e investimento de impacto.
Frameworks	As metodologias listadas foram selecionadas porque podem ajudá-lo a entender melhor os principais conceitos e elementos da filantropia e todas as possibilidades de atuação nesse campo. Além disso, essas ferramentas podem ser utilizadas para identificar seu próprio foco de atuação e as estratégias mais eficazes.
Knowledge hubs	Por fim, reunimos uma série de referências que oferecem relatórios, artigos e outros materiais educativos. Além de recursos específicos sobre o trabalho filantrópico, esses *knowledge hubs* disponibilizam conhecimento acadêmico em torno de diferentes questões socioambientais a que a filantropia se propõe a resolver.

ATENÇÃO: É importante ressaltar que a lista apresentada não pretende ser uma compilação exaustiva ou definitiva de todos os recursos disponíveis para aprender sobre atuação estratégica na filantropia. Em vez disso, oferece um conjunto selecionado de referências e caminhos para o aprendizado contínuo nesta área.

A filantropia estratégica é um campo vasto e em constante evolução, com uma diversidade de perspectivas e abordagens. Portanto, esta lista busca proporcionar insights iniciais, mas não deve ser considerada uma fonte única ou conclusiva de informações. Encorajamos o leitor a explorar além dos recursos indicados, buscando uma variedade de fontes e perspectivas para enriquecer sua compreensão sobre o assunto

Escolas, cursos e treinamentos

NO BRASIL

Cursos do Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social

O Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social (IDIS) oferece capacitações personalizadas em diversas áreas, como Investimento Social Privado, Governança e Formação de Redes. Seus cursos abordam tópicos como Gestão de Doações, Captação de Recursos e Avaliação de Impacto. As capacitações são destinadas a famílias, empresas e organizações da sociedade civil, incluindo ONGs. O IDIS também oferece treinamento para Conselhos e explora temas como Fundos Patrimoniais e Metodologia SROI.

https://www.idis.org.br/conhecimento/capacitacoes/

Cursos da Rede Filantropia (online e em diversas cidades no Brasil)

A Rede Filantropia oferece uma série de eventos e cursos presenciais e online sobre gestão e captação de recursos para organizações do terceiro setor. Os cursos abordam tópicos como implementação de projetos de marketing social, captação de recursos públicos, correspondência com editais, estatutos sociais, contabilidade para terceiro setor, segurança de dados, certificação CEBAS, construção de base de doadores, entre outros.

https://www.filantropia.org/capacitacoes/todos-os-cursos

Gestão de Projetos Sociais em Organizações do Terceiro Setor – PUC-SP (online)

O Curso de Especialização em Gestão de Projetos Sociais em Organizações do Terceiro Setor, realizado desde 2017 pelo Núcleo de Estudos Avançados do Terceiro Setor (NEATS), capacita os interessados para o gerenciamento adequado de organizações, empresas, projetos e negócios sociais. As aulas aproximam a teoria da prática de gestão em organizações do ramo e abordam temas como gestão de pessoas e de recursos, legislação, captação de recursos, marketing e responsabilidade social.

https://www.pucsp.br/pos-graduacao/especializacao-e-mba/gestao-e-projetos-sociais-em-organizacoes-do-terceiro-setor

Cursos da Plataforma Conjunta (online)

A Plataforma Conjunta é uma iniciativa colaborativa, desenvolvida por diversas organizações e profissionais do terceiro setor, focada em disseminar conhecimento, ferramentas, práticas de gestão, formações, construção de redes e oportunidades de acesso a recursos que fortaleçam a missão social das organizações da sociedade civil.

https://conjunta.org/

PELO MUNDO

Programa de Incubação da Charity Entrepreneurship (online, com duas semanas presenciais em Londres)

A Charity Entrepreneurship oferece um Programa de Incubação de dois meses, com todas as despesas cobertas, para indivíduos do mundo todo que desejam lançar organizações de caridade de alto impacto. O programa inclui treinamento abrangente, trocas com cofundadores, uma comunidade colaborativa, uma ideia de intervenção baseada em evidências e financiamento inicial. Desde 2018, o programa auxiliou mais de 50 pessoas no lançamento de 27 organizações de caridade de sucesso em áreas como saúde global, bem-estar animal e planejamento familiar. Essas organizações já captaram mais de US$ 2,47 milhões em subsídios iniciais.

https://www.charityentrepreneurship.com/incubation-program

Career Pathways – The Council on Foundation (online)

O programa Career Pathways é voltado para profissionais de carreira de nível intermediário a sênior no setor filantrópico. Ele visa a fortalecer a prática e criar conexões para preparar os participantes para papéis de liderança executiva no campo. A participação no programa capacita os indivíduos a se tornarem candidatos mais qualificados, desenvolvendo conhecimentos filantrópicos, confiança e redes, contribuindo assim para o avanço do campo da filantropia.

https://cof.org/career-pathways

Grupos de aprendizado do CEP

Por meio de grupos de aprendizagem, o Center for Effective Philanthropy (CEP) ajuda fundações e seus funcionários a aprofundarem conhecimentos, melhorarem práticas e, por fim, fortalecerem seu impacto pessoal e organizacional.

https://cep.org/trust-based-philanthropy-learning-cohort/

Cursos Stanford PACS (EUA)

O Stanford PACS é um centro de pesquisa focado em promover mudanças sociais por meio da exploração e compartilhamento de ideias. Integrado à Universidade de Stanford, o centro busca expandir a pesquisa sobre filantropia, sociedade civil e inovação social, e oferece cursos e seminários para estudantes de graduação, mestrado e doutorado. Os tópicos abordados incluem filantropia, sociedade civil, governança, política, entre outros. Os cursos oferecem experiência prática para traduzir ideias em ação. Um workshop de pesquisa de destaque com duração de um ano está disponível para estudantes de pós-graduação e graduandos avançados focados em pesquisa sobre sociedade civil e filantropia.

https://pacscenter.stanford.edu/opportunities/courses/

Cursos Chartered Institute of Fundraising (online)

O Chartered Institute of Fundraising oferece cursos ministrados por especialistas no campo, com reconhecimento profissional. Mais de 1500 graduados já obtiveram qualificações por meio do instituto. Inscrições para cursos podem incluir bolsas com base em necessidade financeira.

https://ciof.org.uk/career-development/qualifications

Cursos Lilly Family School of Philanthropy – Indiana University (EUA)

A Lilly Family School of Philanthropy oferece 22 cursos, quatro certificados e treinamentos personalizados para impulsionar os esforços de captação de recursos. A escola ensina práticas éticas, estratégias inovadoras e ferramentas práticas para atender às necessidades atuais e futuras da captação de recursos. Além disso, são sugeridas oportunidades adicionais de desenvolvimento profissional.

https://philanthropy.iupui.edu/professional-development/index.html

Cursos e capacitações executivas CSIS – Universidade da Pensilvânia (online e presencial, nos Estados Unidos)

O Center for Social Impact Strategy (CSIS), que é parte da Escola de Política e Prática Social da Universidade da Pensilvânia, oferece aprendizado online e presencial para agentes de mudança que desejam desenvolver, construir e dimensionar suas ideias de impacto. Esteja você procurando uma opção de educação executiva online que resulte em um certificado de pós-graduação ou desejando aumentar sua rede de inovadores sociais com ideias semelhantes, o CSIS tem muitas opções para levar você ao próximo passo em seu desenvolvimento social.

https://csis.upenn.edu/

High Impact Philanthropy Academy – Universidade da Pensilvânia (online e presencial, nos Estados Unidos)

O High Impact Philanthropy Academy, do Center for High Impact Philanthropy da Universidade da Pensilvânia, é um programa educacional voltado para líderes filantrópicos que buscam maximizar o impacto social de suas doações e investimentos. O programa ocorre em duas partes: uma imersão presencial, seguida por aulas online interativas, culminando na obtenção de um Certificado em Filantropia de Alto Impacto. Destinado a doadores individuais, doadores profissionais e outros líderes filantrópicos, o programa ensina os princípios da filantropia de alto impacto e como aplicá-los em situações do mundo real.

https://www.impact.upenn.edu/high-impact-philanthropy-academy/

Center for Social Sector Leadership (CSSL), Berkeley Haas Business School

O Center for Social Sector Leadership (da Berkeley – University of California) prepara uma nova geração de líderes intersetoriais com habilidades práticas para enfrentar desafios globais complexos e alcançar impacto social. Com ênfase na aprendizagem do aluno, seus programas proporcionam oportunidades práticas para os estudantes lidarem com questões nos setores sem fins lucrativos e públicos, fortalecendo habilidades e desenvolvendo projetos críticos para organizações inovadoras.

https://haas.berkeley.edu/cssl/programs-events/

Masters em Estudos Filantrópicos – Universidade de Kent (online)

O programa de Estudos Filantrópicos da Universidade de Kent oferece certificado de pós-graduação, diploma de pós-graduação e mestrado. O curso online é pioneiro e se baseia em conhecimentos sobre sociedade civil, filantropia, terceiro setor e voluntariado. Ministrado por especialistas em diversas áreas – incluindo Sociologia, História, Filosofia Moral e Economia –, o programa abrange teoria e prática da filantropia. Requisitos para ingressar no curso incluem diploma de graduação em Ciências Sociais ou experiência relevante no setor de filantropia.

https://www.kent.ac.uk/courses/postgraduate/769/philanthropic-studies

Cursos da Fundraising Academy – National University (online e EUA)

A Fundraising Academy oferece cursos flexíveis de treinamento em captação de recursos. O currículo combina as melhores práticas de negócios e do setor sem fins lucrativos para promover uma captação de recursos mais eficaz. Os cursos são válidos para créditos de certificação de Executivo de Captação de Recursos (CFRE). Além disso, a academia oferece webinars para aprendizado conveniente em casa ou no escritório.

https://www.fundraising-academy.org/training-education/fundraising-academy/national-university/

Retiro de líderes filantropos (online e em vários países)

Visando a aprimorar o papel da filantropia em mudanças sociais ambiciosas por meio de engajamento profundo e reflexão, a Social Innovation Exchange (SIX) organiza retiros para líderes filantrópicos globais. Esses encontros proporcionam um afastamento das operações diárias e têm o objetivo de abordar questões urgentes e estimular o pensamento crítico. Além disso, facilitam conexões entre pares e discussões além das redes filantrópicas convencionais.

https://socialinnovationexchange.org/programme/six-funders-node/retreats/

Salzburg Global Fellowship (Salzburgo, Áustria)

Salzburg Global Seminar é uma organização sem fins lucrativos que existe desde 1947 e reúne mais de 38 mil participantes, de 170 países, conhecidos como Salzburg Global Fellows. O Seminário – que acontece em eventos presenciais e online – promove a troca de ideias e melhores práticas entre os Fellows, apoiando seu crescimento profissional e impacto global. Com base no Schloss Leopoldskron, de Salzburgo (Áustria), o Seminário realiza diversos programas por ano, proporcionando uma experiência de aprendizado colaborativo e inovador.

https://www.salzburgglobal.org/fellowship/introduction

Workshops Giving Women (online e em Genebra, Suíça)

Reconhecendo a importância de reduzir injustiças e criar oportunidades para comunidades desfavorecidas, o projeto 'Giving Women' promove a profissionalização da filantropia com foco no empoderamento feminino. Por meio de workshops práticos e educativos, a iniciativa aborda temas como governança, captação de recursos e gestão de impacto em organizações beneficentes. Além disso, incentiva a colaboração e inspiração entre mulheres para aumentar o impacto social.

https://givingwomen.ch/professionalise-philanthropy/

Programas de desenvolvimento do Skoll Centre for Social Entrepreneurship (Oxford, Inglaterra)

Sediado na Universidade de Oxford, o Skoll Centre prepara líderes empreendedores para causar impacto dentro e além dos negócios. Concentrando-se na pesquisa sobre como ocorre a mudança social, o centro reúne acadêmicos, estudantes e profissionais para compartilhar conhecimentos e promover conversas que inspiram transformações. Utilizando insights da pesquisa e da comunidade, os programas educacionais do Skoll Centre cultivam líderes de impacto em Oxford e globalmente.

https://www.sbs.ox.ac.uk/research/centres-and-initiatives/skoll-centre-social-entrepreneurship

Eventos

NO BRASIL

Congresso GIFE

Realizado bienalmente desde o ano 2000, o Congresso GIFE é o principal encontro sobre Investimento Social do Brasil e reúne lideranças do setor, dirigentes de organizações da sociedade civil, acadêmicos, consultores e representantes de governos. A missão do evento é proporcionar aprendizado, relacionamento e trabalho colaborativo entre os diversos atores envolvidos em ações sociais, culturais e ambientais no país.

> https://gife.org.br/congressos-gife/

Fórum Brasileiro de Filantropos e Investidores Sociais

O Fórum Brasileiro de Filantropos e Investidores Sociais oferece um espaço exclusivo para a comunidade filantrópica se reunir, trocar experiências e aprender com seus pares, fortalecendo a filantropia estratégica para a promoção do desenvolvimento da sociedade brasileira. O evento está na 12ª edição e já reuniu mais de 1.500 participantes, entre filantropos, líderes e especialistas nacionais e internacionais.

> https://www.idis.org.br/forum/forum/sobre-o-evento/

PELO MUNDO (PRESENCIAL E ONLINE)

Eventos e treinamentos NPC (Reino Unido e online)

NPC é um think tank e consultoria para o setor social. Entre as frentes de atuação dessa organização britânica está a organização de eventos – de workshops de treinamentos a seminários, debates sobre temas atuais, e uma conferência anual. Segundo a NPC, seus eventos têm o objetivo de trazer novas perspectivas e ideias inovadoras, além de oferecer a oportunidade de os participantes conhecerem e aprenderem com seus pares, com especialistas e com comentaristas.

> *https://www.thinknpc.org/events-and-training/*

Eventos e seminários do Centre for Strategic Philanthropy – University of Cambridge (Reino Unido e online)

O Centro de Filantropia Estratégica da Universidade de Cambridge realiza eventos para discutir a filantropia estratégica, abrangendo temas como impacto em mercados emergentes e mudança sistêmica.

> *https://www.jbs.cam.ac.uk/faculty-research/centres/strategic-philanthropy/events/*

Yale Philanthropy Conference (EUA)

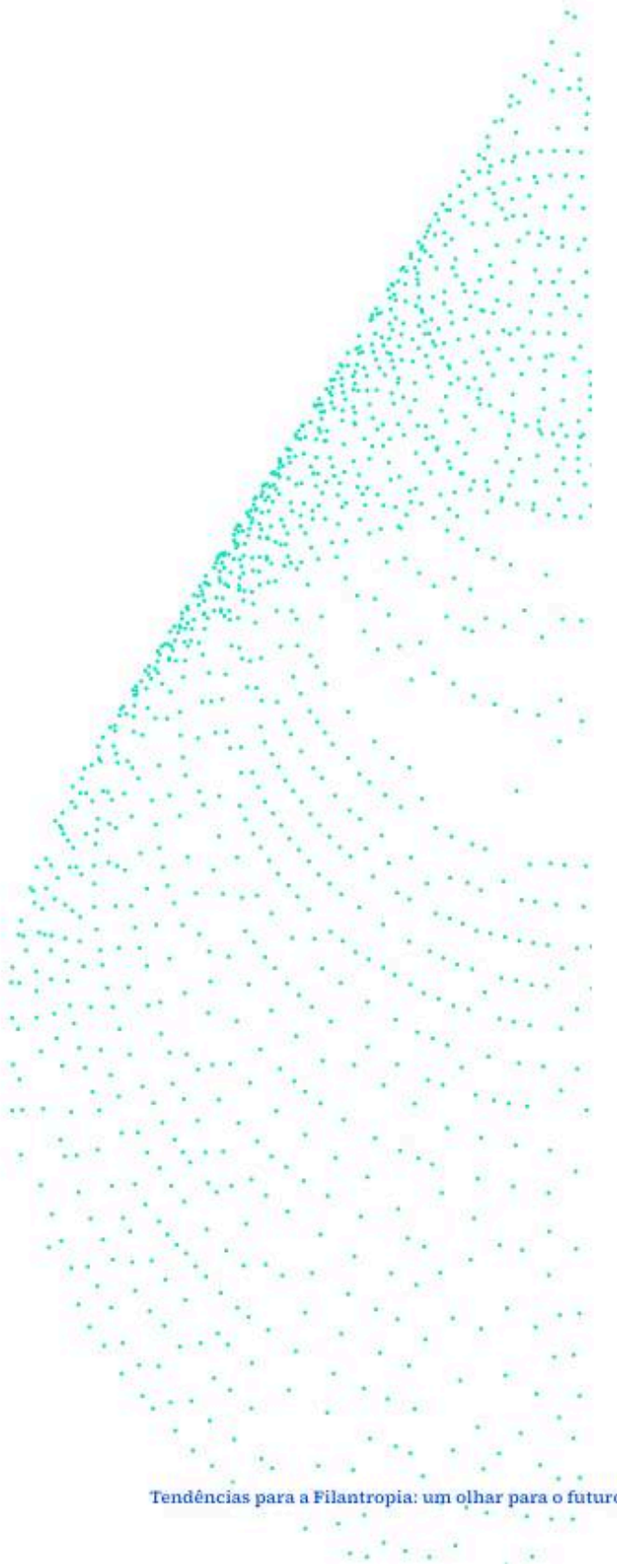
A Conferência de Filantropia da Yale (YPC) surgiu de uma aula na Escola de Administração focada em Fundações Filantrópicas. Alunos da escola buscavam se envolver mais profundamente com melhores práticas e inovação no setor social, levando especialistas ao campus. Em seu 15º ano, a conferência continua sendo planejada e executada por alunos do MBA da Escola de Administração. Temas recentes da conferência incluíram "Além do Novo Normal", "Reimaginando a Filantropia" e "Uma Visão para o Futuro".

> *https://yalephilanthropyconference.com*

European Philanthropy Events – Philea (online e em vários países)

O European Philanthropy Calendar apresenta eventos da organização Philea, de seus membros e do setor filantrópico. Eventos relevantes, conferências, cúpulas e encontros de redes de fundações, doadores e filantropos europeus estão no calendário, bem como eventos internacionais relevantes para a filantropia europeia.

> *https://philea.eu/event/philanthropy-calendar/*



WINGSForum (online e em Nairóbi, no Quênia)

WINGSForum é uma conferência global de filantropia realizada a cada três anos, que promove a interconexão e a troca de conhecimento entre diversos atores, como associações filantrópicas, organizações de suporte, financiadores, instituições acadêmicas, entre outros. O evento reúne representantes da filantropia institucional, corporativa, individual, comunitária e de base, oferecendo insights sobre as melhores práticas e modelos inovadores para impacto social.

> *https://www.wingsforum.org/about-wingsforum*

Conferência do Center for Effective Philanthropy (CEP)

A conferência bienal do Center for Effective Philanthropy (CEP) reúne líderes sêniores de fundações, oficiais de programas, administradores, consultores filantrópicos e grandes doadores para abordar as questões mais urgentes da filantropia. A conferência traz palestras de líderes e pensadores influentes, além de sessões focadas de discussão e amplas oportunidades de conexão entre colegas.

> *https://www.cep2023.org/*

Frameworks

Institutional Philanthropy Spectrum

O Institutional Philanthropy Spectrum (Espectro da Filantropia Institucional, em tradução livre) é um framework desenvolvido pela Philea para compreender e categorizar a diversidade do setor de filantropia institucional.

Em vez de oferecer uma visão linear e rígida, o Spectrum é concebido como uma estrutura flexível e circular, permitindo uma compreensão mais abrangente e dinâmica da filantropia.

O Spectrum se baseia em cinco dimensões fundamentais que abrangem diferentes aspectos das organizações filantrópicas:

- **Recursos Financeiros:** Engloba a origem e o tipo de recursos financeiros utilizados pelas organizações filantrópicas, assim como o tamanho de seus ativos.
- **Uso de Ativos:** Analisa como as organizações gerenciam e utilizam seus recursos, incluindo ativos financeiros, recursos humanos e ativos tangíveis e intangíveis. Também inclui a abordagem adotada (concessão de subsídios, operação direta etc.) e o escopo de atuação.
- **Governança:** Refere-se à estrutura de governança da organização, incluindo como os órgãos diretivos são compostos, como funcionam e qual é a relação entre eles. Também abrange a duração da organização e sua forma legal.
- **Práticas e Comportamentos:** Foca nas operações diárias e nas interações das organizações com seus pares e partes interessadas. Isso inclui como a organização opera e se relaciona com o ambiente externo.
- **Relevância:** Examina a área de expertise da filantropia institucional, o papel que a organização desempenha na sociedade e sua função específica.

Cada uma dessas dimensões pode ser subdividida em vários elementos, oferecendo uma visão mais detalhada e completa de como as organizações filantrópicas se posicionam em cada aspecto. O Spectrum ajuda a ilustrar a complexidade e a diversidade das organizações filantrópicas, permitindo que sejam comparadas e agrupadas de maneiras diversas com base nas diferentes lentes analíticas.

POR QUE USAR?

O Spectrum é um framework prático e educacional que facilita a compreensão das várias dimensões do campo filantrópico. Além disso, é uma ferramenta útil para ajudar a identificar padrões, tendências e diferenças entre organizações, promovendo uma percepção mais profunda das variedades de abordagens e estratégias. É possível utilizá-lo para identificar seu próprio foco de atuação e tomar melhores decisões ao projetar e implementar iniciativas filantrópicas.

https://philea.eu/how-we-can-help/knowledge/institutional-philanthropy-spectrum/

https://philea.issuelab.org/resource/the-institutional-philanthropy-spectrum-the-efc-s-knowledge-framework-for-understanding-european-philanthropy.html

The Philanthropy Framework

Essa é uma ferramenta da Rockefeller Philanthropy Advisors criada para ajudar organizações filantrópicas a otimizar sua eficácia e seu impacto. Ela aborda mudanças fundamentais na filantropia e no mundo – como mudanças geracionais, criação de riqueza, diversidade de capital e novos modelos de impacto.

O framework oferece três elementos centrais para maximizar o impacto:

- **Charter** (escopo e governança);
- **Social Compact** (acordo com a sociedade);
- **Operating Model** (abordagem de recursos e estruturas).

POR QUE USAR?

O framework fornece uma base sólida para quem deseja entender os principais conceitos e elementos da filantropia. Ele serve como uma estrutura prática para orientar os aspirantes a filantropos em sua jornada, capacitando-os a tomar decisões melhores, alinhar recursos de maneira estratégica e criar um impacto positivo mais significativo por meio de suas iniciativas filantrópicas.

https://www.rockpa.org/wp-content/uploads/2019/06/The-Philanthropy-Framework.pdf

Equitable Evaluation Framework (EEF)

Essa é uma estrutura que busca transformar a maneira como a avaliação é realizada em contextos de filantropia e iniciativas sociais. Seu objetivo é promover uma abordagem mais equitativa e inclusiva para avaliar o impacto e a eficácia de programas, projetos e intervenções.

A EEF reconhece as desigualdades históricas e estruturais que podem afetar as comunidades atendidas por essas iniciativas e procura incorporar perspectivas e experiências diversas, além de vozes marginalizadas, no processo de avaliação. A ideia central é superar as abordagens tradicionais de avaliação que podem perpetuar desigualdades e, em vez disso, adotar métodos que levem em consideração a justiça social, a inclusão e o impacto em comunidades historicamente sub-representadas.

POR QUE USAR?

A EEF pode ser uma ferramenta valiosa para quem busca saber como atuar na filantropia de maneira eficaz e equitativa. O framework destaca as desigualdades históricas e estruturais que muitas vezes são negligenciadas na filantropia. Isso ajuda os filantropos a entenderem as complexidades das comunidades que estão sendo atendidas e a identificarem formas de agir de maneira mais sensível e justa.

https://www.geofunders.org/resources/shifting-the-evaluation-paradigm-the-equitable-evaluation-framework-1332

Toolkit de Doações de Alto Impacto

O Toolkit de Doações de Alto Impacto da Universidade da Pensilvânia aborda maneiras de apoiar um futuro mais seguro para todos, trazendo cinco estratégias para impulsionar impactos positivos, além de dicas para a prática de filantropia de alto impacto.

O Toolkit também destaca a importância de ajudar a recuperar a aprendizagem perdida devido à pandemia, aumentar a segurança financeira, enfrentar a desigualdade estrutural e fortalecer a democracia. Por fim, o material apresenta 12 organizações sem fins lucrativos que exemplificam essas estratégias e são respaldadas por parceiros como Fidelity Charitable.

POR QUE USAR?

Esse toolkit apresenta estratégias baseadas em evidências para criar impacto positivo. Isso ajuda os iniciantes a entenderem as diferentes maneiras pelas quais suas doações podem fazer a diferença. Além disso, o material fornece exemplos concretos de como as doações podem ser direcionadas para causas específicas.

https://www.impact.upenn.edu/high-impact-giving-toolkit-2023/



Knowledge hubs

GIFE: A área de Conhecimento do GIFE (associação de investidores sociais privados do Brasil) é responsável por monitorar, mapear, produzir e disseminar conhecimento sobre o campo da filantropia, do investimento social privado (ISP) e da sociedade civil no Brasil.

https://gife.org.br/conhecimento/

NPC: Organização britânica que atua como think tank e consultoria para o setor social.

https://www.thinknpc.org/resource-hub/

RPA: Organização que aconselha filantropos estabelecidos e aspirantes, fundações e empresas; gerencia organizações sem fins lucrativos inovadoras em estágios iniciais; e compartilha insights e aprendizados com os clientes, a comunidade e o setor.

https://www.rockpa.org/knowledgecenter/media/

Stanford PACS: Centro de pesquisa integrado à Universidade de Stanford que busca expandir a pesquisa sobre filantropia, sociedade civil e inovação social, visando promover mudanças sociais por meio de exploração e compartilhamento de ideias.

https://pacscenter.stanford.edu/research/effective-philanthropy-learning-initiative/tools-prototypes/

https://pacscenter.stanford.edu/resources/publications/

GEO: Comunidade de financiadores comprometida em transformar a cultura e a prática filantrópica, conectando os membros aos recursos e relacionamentos necessários para apoiar organizações sem fins lucrativos e comunidades prósperas.

https://www.geofunders.org/resources

CAF: Instituição beneficente que existe para acelerar o progresso na sociedade em direção a um futuro justo e sustentável para todos, reunindo organizações beneficentes, empresas e filantropos a fim de simplificar a doação e permitir que as organizações beneficentes se concentrem no trabalho que realizam.

https://www.cafonline.org/charities/resource-hub

Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social (IDIS): Organização da sociedade civil de interesse público (OSCIP) que tem a missão de inspirar, apoiar e ampliar o investimento social privado e o seu impacto.

https://www.idis.org.br/conhecimento/

Philea: Associação que fomenta um ecossistema diversificado e inclusivo de fundações, organizações filantrópicas e redes que trabalham em prol do bem comum.

https://philea.eu/how-we-can-help/knowledge/

Synergos: Organização internacional presente em mais de 10 países, que conta com uma rede de especialistas em trabalhar na construção de relações de confiança entre lideranças que buscam a solução de problemas sociais.

https://www.synergos.org/brasil

The Philanthropic Initiative (TPI): Ajuda empresas, fundações, famílias e indivíduos a encontrar maneiras inovadoras de maximizar o impacto de suas doações, auxiliando a criação, implementação e avaliação de estratégias filantrópicas personalizadas.

https://tpi.org/resource-library/

CEP: Organização sem fins lucrativos que fornece dados, feedback, programas e insights para ajudar doadores individuais e institucionais a melhorar sua eficácia.

https://cep.org/resources/

The Center for Social Impact Strategy (CSIS): Oferece aprendizado online e presencial para agentes de transformação que desejam desenvolver, construir e expandir suas ideias de impacto.

https://csis.upenn.edu/independent-learning/

Centre for Philanthropy, University of Kent: Hub de conteúdos sobre filantropia da Universidade de Kent (Inglaterra).

https://research.kent.ac.uk/philanthropy/publications/

COF: Associação sem fins lucrativos que atua como guia para organizações filantrópicas à medida que promovem o bem maior.

https://cof.org/resources/all?field_term_by_type_target_id=551

Giving Compass: Iniciativa que conecta doadores a conteúdo de aprendizado, recursos e ferramentas para doar de maneiras mais propensas a causar impacto.

https://givingcompass.org/search/articles

Rede Filantropia: Plataforma de disseminação de conhecimento técnico para o terceiro setor, que busca profissionalizar a atuação das instituições por meio de treinamentos, publicações, palestras, debates, entre outras iniciativas.

https://www.filantropia.ong/ebooks

Instituto Sabin: Com objetivo de fortalecer o ecossistema do terceiro setor e destacar a importância do trabalho social que vem sendo desenvolvido em diversas esferas da sociedade, o Instituto Sabin se desempenha a incentivar a produção de conteúdos informativos que facilitem a compreensão das ações desenvolvidas por diversos atores que vêm se destacando no âmbito da Inovação Social.

https://institutosabin.org.br/publicacoes/

ICE: Organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, que atua na articulação de líderes e no fomento de iniciativas transformadoras, capazes de gerar impacto social positivo na população de baixa renda.

https://ice.org.br/biblioteca/

IACP: Com o objetivo de promover o desenvolvimento organizacional e reconhecendo a importância da troca de conhecimento, o Instituto ACP estabeleceu em 2020 uma Comunidade de Aprendizagem. Essa iniciativa tornou-se um espaço de apoio mútuo entre as organizações parceiras e um ambiente para compartilhar informações e experiências entre os profissionais das OSCs apoiadas.

https://www.institutoacp.org.br/conhecimento

Conjunta: Iniciativa colaborativa, desenvolvida por diversas organizações e profissionais do terceiro setor, focada em disseminar conhecimento, ferramentas, práticas de gestão, formações, construção de redes e oportunidades de acesso a recursos que fortaleçam a missão social das organizações da sociedade civil.

https://conjunta.org/todos-os-conteudos/

Artemisia: Organização pioneira na disseminação e no fomento de negócios de impacto social no Brasil.

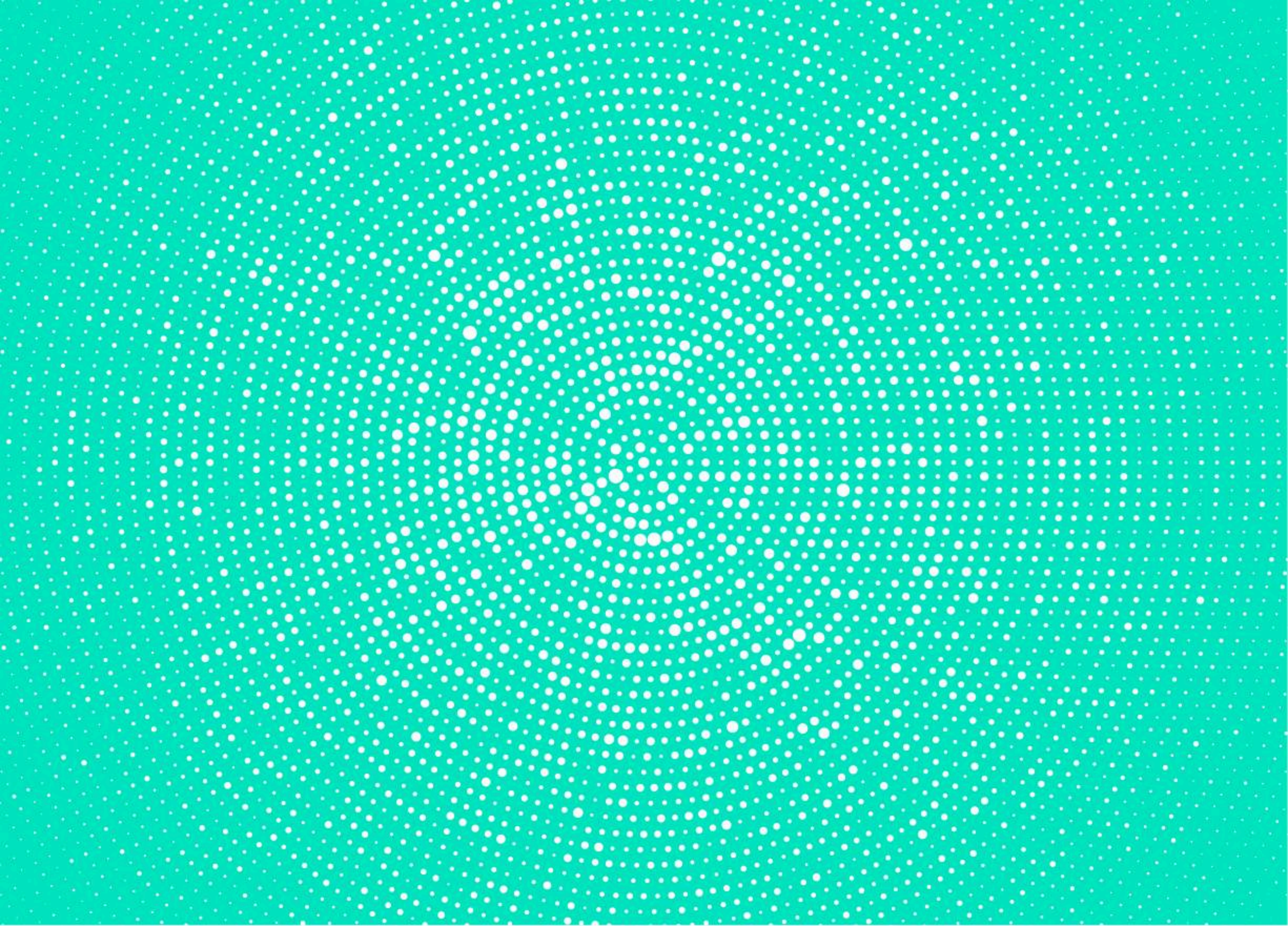
https://artemisia.org.br/conhecimento/

Instituto Arapyaú: Instituição filantrópica brasileira que articula e mobiliza sociedade civil, filantropia, academia, setor público e privado para fomentar redes transformadoras capazes de criar soluções sistêmicas e escaláveis, que respondam a desafios como as mudanças climáticas e a perda da biodiversidade.

https://arapyau.org.br/conteudo/publicacoes/

Instituto Igarapé: Think and do tank independente que desenvolve pesquisas, soluções e parcerias para impactar políticas e práticas públicas e corporativas para a superação dos principais desafios globais.

https://igarape.org.br/publicacoes/



Conselho Editorial

Cristiane Sultani,
Fundadora - Instituto Beja

Andrea Janér,
CEO - Oxygen

Carla Duprat,
Conselheiro sênior - ICE

Carolina Aranha,
Fundadora e CEO - Impactix

Christiana Bassi,
Gerente de Projetos - Instituto Beja

Cecilia Calmon,
Diretora Executiva - Instituto Beja

Jorge Luis Nicolas Audy,
Superintendente de Inovação e Desenvolvimento - PUCRS

Sanjay Purohit,
Diretor de Curadoria - Societal Thinking

Kathi Badertscher,
Reitora Adjunta de Programas Acadêmicos, Diretora de Programas de Pós-Graduação - Indiana University - Lilly Family School of Philanthropy

Paula Pedro, Diretor Executivo - Latin America and the Caribbean Abdul Latif Jameel Poverty Action Lab (J-PAL)

Leticia Born,
Gestora de programas - Latin America Co-Impact

Nina Hoas,
Chefe de equipe de Consultoria em Filantropia - LGT

Graciela Selaimen,
Líder Regional na América Latina - IRIS

Louise Pulford,
CEO - SIX - Social innovation

Sheila Pires,
Diretora do Departamento de Apoio aos Ecossistemas de Inovação Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação

Tim Draimin,
Membro sênior - Community Foundations of Canada

Lisa Wolverton,
Presidente - The Philanthropy Workshop

Lucas Ramalho Maciel,
Diretor de Novas Economias - Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior

Aatif Baskandari,
Diretor Executivo - The Northpine Foundation

Anna Aranha,
Sócia e CoCEO - Quintessa

Kyle Newell,
Diretor-Geral - Aspen Network of Development Entrepreneurs - ANDE

Aline Odara,
Diretora Executiva - Fundo Agbara

Silvana Bahia,
Codiretora Executiva - Olabi

Paula Miraglia,
CEO e cofundadora - Nexo Jornal & Gama Revista

Natalia Kiryttopoulou,
Liderança, Avaliação Global e Serviços de Consultoria - Center for Effective Philanthropy

Alessandra Orofino,
Executiva de mídia e organizações sem fins lucrativos

Pauta e entrevistas

Andrea Janér

João Guilherme Brotto

Pesquisa e apuração

Andrea Janér

Francine Pereira

João Guilherme Brotto

Natasha Schiebel

Redação

A Economia B (aeconomiab.com):

Francine Pereira

João Guilherme Brotto

Natasha Schiebel

Tom Schiebel

Edição

Natasha Schiebel

Andrea Janér

Carla Duprat

Carolina Aranha

Cristiane Sultani

Filantropando 2 – Tendências para a filantropia: um olhar para o futuro é uma publicação coproduzida por Instituto Beja e Oxygen.

Revisão e Tradução

Marcela Abrantes

Direção de Arte

TEOMENNA ESTÚDIO:

Clareana Gobbet

Soraya Tengan

Teo Menna

Estratégia, Conteúdo e Gestão:

OXYGEN:

Andrea Janér

Camila Lisboa

Raíssa Torres

Luiza Audi

Instituto Beja
contato@institutobeja.org

Oxygen
contato@oxygenhub.com.br

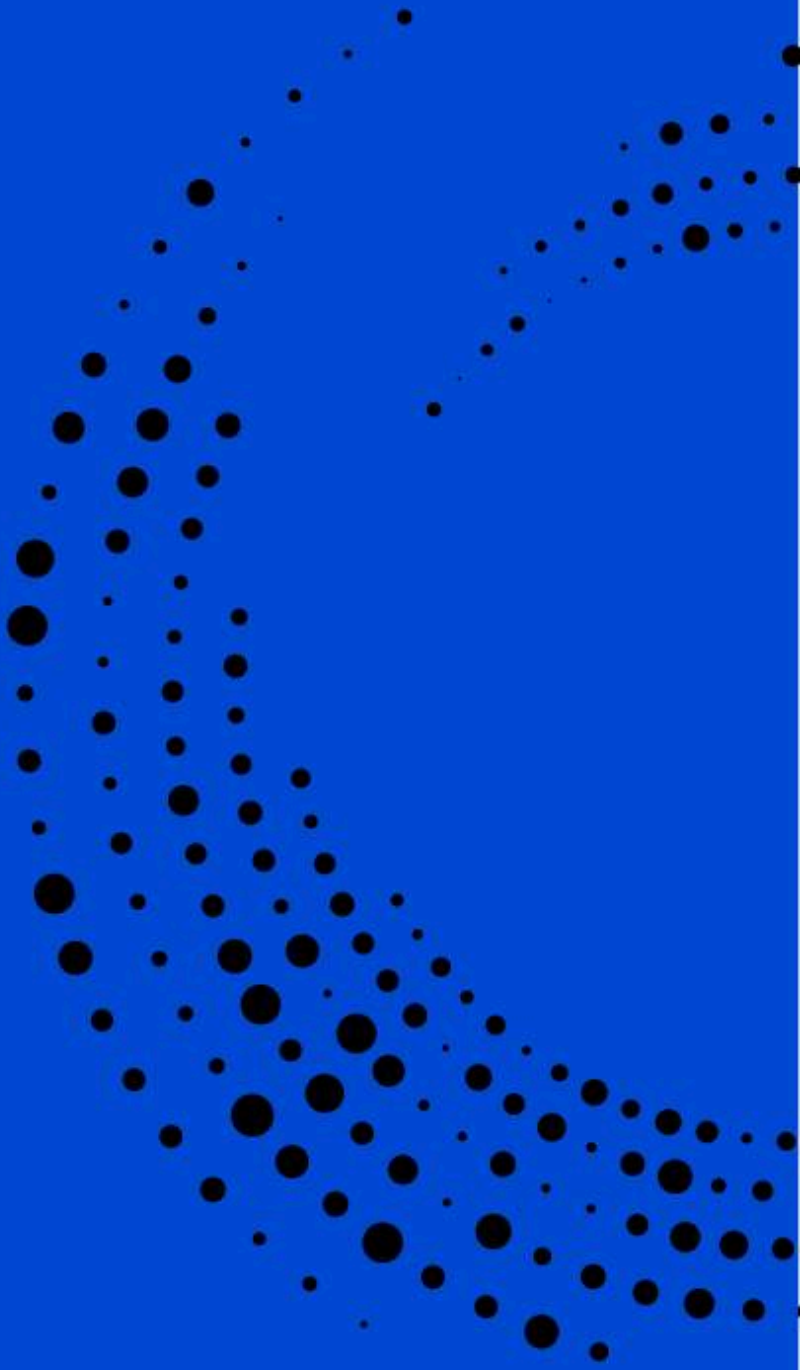
©2023. Instituto Beja

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais.

(Lei nº 9.610/1998).

ENGLISH >



Essa publicação foi composta nas famílias tipográficas Aktiv Grotesk e Source Serif. Impresso pela gráfica Leograf em papel Couchê Fosco 120g/m² com tiragem de 230 exemplares.